

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Gustavo Moreira Dias

**A IMAGEM PÚBLICA DE ÁUREA CAROLINA NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL**

Belo Horizonte

2022

Gustavo Moreira Dias

**A imagem pública de Áurea Carolina no contexto da pandemia da
Covid-19: uma análise interseccional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Paula Guimarães Simões.

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
2022

301.16 D541i 2022	Dias, Gustavo Moreira. A imagem pública de Áurea Carolina no contexto da Pandemia da Covid-19 [manuscrito] : uma análise interseccional / Gustavo Moreira Dias. - 2022.
	115 f. Orientadora: Paula Guimarães Simões.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Comunicação – Teses. 2. Opinião pública - Teses. 3. Interseccionalidade (Sociologia) - Teses. 4. Ciência política - Teses. I. Simões, Paula Guimarães. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A imagem pública de Áurea Carolina no contexto da pandemia da Covid-19: uma análise interseccional"

GUSTAVO MOREIRA DIAS

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e sete de maio de 2022, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Paula Guimarães Simões

UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Maria Terezinha da Silva

UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Vera Regina Veiga França

UFMG

Belo Horizonte, 27 de maio de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Professora do Magistério Superior**, em 27/05/2022, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 30/05/2022, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Terezinha da Silva, Usuária Externa**, em 07/06/2022, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1472074** e o código CRC **E99D8F4A**.

AGRADECIMENTOS

Boa parte do percurso que me trouxe até a apresentação destas páginas foi de um caminho solitário. Digo isso no sentido amplo da palavra para me referir aos momentos em que estive em companhia tão somente da tela do computador. Isso ocorreu em virtude da própria natureza da pesquisa, mas também, em função da pandemia da Covid-19. O resultado final, no entanto, não seria possível sem a colaboração de pessoas diversas que contribuíram de diversas formas para o desenvolvimento desta dissertação, motivo pelo qual manifesto a minha gratidão.

À Paula, pela orientação generosa, cuidadosa, prestativa e, sobretudo, compreensiva, sem a qual, boa parte da análise não seria possível. Agradeço a compreensão quando dos prazos alterados e nas muitas mudanças de rumo. Também não sei como retribuir as diversas leituras, correções, sugestões e conselhos durante todo o percurso. Por fim, pela acolhida quando aceitou assumir a orientação deste trabalho.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade sem igual de viver os últimos treze anos neste ambiente acadêmico tão plural, complexo, dinâmico, oxigenado e, acima de tudo político. Devo substancial parte daquilo que sou à possibilidade de aqui estar. Humildemente, agora, ofereço minha pequena contribuição à pesquisa universitária, agradecendo a sociedade brasileira por oferecer as condições para que eu pudesse fazê-lo, ao financiar a universidade e o ensino públicos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, pela estrutura e pelo apoio que possibilitaram o trabalho. Agradeço, especialmente, os professores Ângela Marques e Bruno Leal, coordenadores do programa neste período. Sem a devida compreensão em relação ao momento de crise sanitária mundial e suas consequências para o desenvolvimento desta pesquisa, eu não teria conseguido. Por extensão, agradeço as instruções sempre prestativas e assertivas da Elaine, colaboradora do colegiado a quem pedi socorro em diversas ocasiões.

À Fábiana Lima e Terezinha de Silva, pela leitura atenta e generosa e por todas as importantes contribuições na qualificação que, certamente, engrandeceram muito o escopo deste trabalho.

Ao GRIS, por proporcionar um riquíssimo ambiente de permanentes encontros e discussões responsáveis por aprofundar o meu conhecimento. À Vera França, pela acolhida e por suas instruções no âmbito do grupo de pesquisa e fora dele. Aos companheiros pesquisadores e pesquisadoras, também orientandos de Paula Simões, pelas leituras generosas

do meu trabalho, pelos encontros sempre inspiradores, pela empatia tão necessária nesse período e por suas valorosas contribuições, sem as quais, essa dissertação não teria evoluído. Em especial, agradeço e reconheço as sugestões indispensáveis dos amigos Afonso Sepulveda, Douglas Ferreira, Dayana Barbosa, Mariana Gonçalves e Dalila Musa.

Ao professor e verdadeiro responsável por minha reverência em relação à sala de aula e ao ensino público. Aquele que me incentivou no caminho do ensino desde o primeiro dia de aula na graduação em Filosofia e me apresentou ferramentas pedagógicas e acadêmicas incríveis. Mil vezes obrigado, Marcelo Pimenta Marques (*in memoriam*). Aos professores que, ainda na graduação em Filosofia, foram os grandes responsáveis por eu ter me apaixonado pela academia e por não ter desistido da pesquisa, ainda que no contexto político sombrio pelo qual passamos no Brasil: Verlaine Freitas, Helton Adverse, Newton Bignotto, Miriam Campolina, Eduardo Soares, Joãozinho Beckenkamp e Rogério Lopes.

À Mara Telles e Antônio Lavareda pela oportunidade de lecionar no curso Novas Ondas da Comunicação Política. Ao Ipespe e ao Grupo Opinião Pública da UFMG pela realização e financiamento do curso. Aos amigos pesquisadores e profissionais da comunicação política com quem dividi essa importante função.

À minha mãe, que, através do exemplo, sempre me orientou no caminho do conhecimento. Aquela que colocou a formação dos filhos como um objetivo último e lutou muito para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigado, Eliana Moreira, por tudo. Você é meu grande exemplo.

Aos meus avós, professores, Francisco Dias e Ana Lúcia Moreira por estimularem meu conhecimento, por sempre me apoiarem e inspirarem no caminho do conhecimento. À minha avó Rachel Alegre (*in memoriam*) pelo amor e por ser um grande porto seguro de carinho em todos os momentos.

À minha família. Minha sempre sócia e irmã Bruna, pela parceria, suporte, confiança e amizade e conselhos que me fazem ser melhor a cada dia. Meus irmãos, Eduardo e Beatriz, pelo apoio e por estarem sempre por perto. Aos meus tios e primos pelos encontros, para o descanso da mente. Aos meus sogros, Simone e Delson, e minha cunhada Polly, pela acolhida, pelos momentos de refúgio para escrever e pela oportunidade de dividir essa jornada. Ao meu primo Anderson e meus amigos Gustavo, Raul, Thalís, Filipe, Pedro, Guilherme e Luís pelos bons momentos, conselhos, suporte e trocas de sempre.

À Bella, pelo amor, pela parceria e por sua paciência no percurso. Começamos essa dissertação noivos e terminamos casados. Obrigado por me entender, acompanhar, abraçar,

aconselhar e por todos os momentos, juntos ou separados, nos quais você sempre se faz necessária. Obrigado por compartilhar deste pequeno momento. Inúmeros ainda virão.

Finalmente, agradeço a Deus pela vida, por todas as pessoas que me cercam e pela oportunidade de fazer a minha pequena parte todos os dias.

Para minha mãe,
a grande responsável por eu ter chegado até aqui.

Resumo

O objetivo desta dissertação é investigar a construção da imagem pública da deputada federal e, então candidata à prefeitura de Belo Horizonte, Áurea Carolina, no contexto das eleições municipais de 2020. O pleito ocorreu em meio à pandemia de proporções mundiais ocasionada pelo vírus SARS-Cov-2. Tomamos a pandemia como um acontecimento de escala global e a realização das eleições neste contexto como um acontecimento local, que instauraram, a partir de si, uma nova fase e contribuíram para o processo de formação da imagem pública da candidata. O trabalho discute em que medida a realização das eleições em meio à pandemia reconfigurou as possibilidades de representação e construção de sentidos em torno de Áurea Carolina. Utilizamos, ainda, o conceito de interseccionalidade como operador para entender como as condições socioeconômicas da candidata e da população durante a pandemia contribuíram para a formação da teia de significados que atuou no processo de formação da sua imagem pública. A análise foi empreendida sobre um corpus que reuniu 66 unidades de análise, coletadas a partir da cobertura dos veículos midiáticos durante as eleições e das plataformas digitais alimentadas pela candidata no mesmo período. No primeiro momento, buscamos compreender como Áurea Carolina foi retratada por outros agentes, em especial, os veículos midiáticos, os quais atuam de maneira substancial para a formação de imagens públicas de personagens políticos. Em um segundo momento, analisamos os discursos e ações da candidata por ela mesma. Em seguida, procedeu-se ao exame dos aspectos socioeconômicos e interseccionais relevantes que emergem como consequência da realização das eleições no contexto apresentado. A análise revelou o processo relacional e contextual de formação da imagem pública de Áurea Carolina. Ao mesmo passo em que é entrecortada por diversas representações, que emergem dos discursos da candidata e de outros atores e da mídia, é, também, estabelecida a partir do contexto da pandemia da Covid-19 e de suas consequências. Os valores políticos, econômicos e sociais se destacaram no contexto pandêmico, revelando um importante recorte interseccional, a partir do qual a candidata é analisada, representada e julgada politicamente.

Palavras Chave: Imagem Pública, Acontecimento, Interseccionalidade, Representação, Eleição, Coronavírus.

Abstract

The aim of this study is to investigate the construction of the public image of the federal deputy and then candidate for the position of mayor of Belo Horizonte, Áurea Carolina, in the context of the 2020 municipal elections. The elections took place amidst the worldwide pandemic caused by the SARS-Cov-2 virus. We understand the pandemic as an event of global scale and the realization of the elections in this context as a local event, which established, thereafter, a new phase and contributed to the process of shaping the candidate's public image. The present work discusses to what extent the realization of the elections in the midst of the pandemic reconfigured the possibilities of representation and the construction of meanings around Áurea Carolina. We also use the concept of intersectionality as an operator to understand how the socio-economic conditions of the candidate and of the population, during the pandemic, contributed to the formation of the web of meanings that acted in the process of building her public image. The analysis was carried out on a corpus that encompassed 66 units of analysis, collected from the coverage of media vehicles during the elections and from the digital platforms fed by the candidate in the same period. Initially, we sought to understand how Áurea Carolina was portrayed by other agents, particularly, the media vehicles, whose impact is substantial for the formation of the public images of political characters. In a second moment, we analyzed the speeches and actions of the candidate concerning herself. Next, the relevant socioeconomic and intersectional aspects that emerge as a consequence of the occurrence of the elections in the presented context were examined. The analysis revealed the relational and contextual formation process of Áurea Carolina's public image. While it is intersected by various representations, which emerge from the candidate's speeches and other actors and the media, it is also established in the context of the Covid-19 pandemic and its consequences. Political, economic and social values became apparent in the pandemic context, revealing an important intersectional cut, within which the candidate is analyzed, represented and politically judged.

Keywords: Public Image, Event, Intersectionality, Representation, Election, Coronavirus.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BH - Belo Horizonte

BUTANTAN - Instituto de Pesquisa Butantan

CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

COE-nCoV - Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus

CONITEC - Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias ao Sistema Único de Saúde

COVID-19 - Doença causada pela infecção aguda provocada pelo vírus SARS-Cov-2

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FAN - Festival de Arte Negra

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

GRIS - Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade

GRISLAB - Laboratório de Análise de Acontecimentos mantido pelo GRIS - UFMG

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ICS - Instituto de Cidades Sustentáveis

IPD - Índice de Popularidade Digital

LGBTQIA+ - Movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população

MDB - Movimento Democrático Brasileiro (Partido Político)

MERS - Síndrome Respiratória do Oriente Médio

MLB - Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

NOVO - Partido Novo (Partido Político)

OMS - Organização Mundial da Saúde

PBH - Prefeitura de Belo Horizonte

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PC do B - Partido Comunista do Brasil

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PRTB - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSD - Partido Social Democrático

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

REDE - Partido Político Rede Sustentabilidade

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

RT - Taxa de Transmissão do Novo Coronavírus

SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave

SARS-Cov-2 - Vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença denominada Covid-19

Secom - Secretaria Especial de Comunicação Social do Governo Federal

STF - Supremo Tribunal Federal

SUS - Sistema Único de Saúde

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UP - Partido Político Unidade Popular

UTI - Unidade de Tratamento Intensivo

Sumário

Introdução	16
1 - UM ACONTECIMENTO GLOBAL - A PANDEMIA DA COVID-19	19
1.1 - Covid-19 - O inimigo desconhecido	20
1.1.1 - Competências e incompetências governamentais	23
1.2 - A caminho da eleição em meio ao caos	28
1.2.1 - Uma pré-campanha diferente	28
1.3 - Acontece uma Pandemia	31
1.3.1 - O Acontecimento	32
1.3.2 - Um desastre anunciado	35
1.4 - Múltiplos Impactos	39
2 - A IMAGEM PÚBLICA NO CONTEXTO DOS ACONTECIMENTOS	45
2.1 - Imagem Pública	45
2.2 - Imagem Pública de Figuras Políticas	49
2.3 - Uma imagem Áurea e pública	53
3 - DESENHO METODOLÓGICO	58
3.1 - Recorte Empírico	58
3.2 - Procedimentos Metodológicos	59
3.2.1 - Pesquisa Bibliográfica	59
3.2.2 - Pesquisa Empírica	60
3.2.3 - Corpus	60
3.2.4 - Análise de Dados	64
4 - ANÁLISE	66
4.1 - A Cobertura Midiática	69
4.2 - Domínio próprio: aureacarolina.com.br	77
4.2.1 - Realidade Documentada	84
4.2.2 - Propondo o futuro	92
4.2.3 - Diga-me com quem andas	97
4.3 - Valores e papéis sociais	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	113

Introdução

As pesquisas científicas, boa parte das vezes, têm como motivação primeira uma proximidade de seu objeto com o pesquisador que a desenvolve. São, geralmente, fruto de alguma inquietação que parte de um contato mais direto entre o pesquisado e aquele que pesquisa. Não é, diretamente, o caso nesta incursão. Eu sou um homem branco, de classe média, heterossexual e, reconhecidamente, privilegiado do ponto de vista socioeconômico. Parto desta posição, no entanto, em busca de explicações para um fenômeno político que se relaciona com um universo social que só pude acessar enquanto observador.

Nunca fui vítima de constrangimentos em função de minha posição social, nem tampouco sofri discriminações por minha orientação sexual ou cor. Foram-me asseguradas diversas oportunidades de acesso, sem que eu, pessoalmente, precisasse lutar por elas. Dessa perspectiva, distante no que diz respeito à vivência propriamente dita, porém, atento e interessado no fenômeno de formação da imagem pública de uma importante personagem política da minha geração, inicio a minha trajetória.

Ainda que as minhas origens venham de uma família sem grandes posses e concentrações de renda, sempre tive a oportunidade de estudar, sem a necessidade de contribuir com as obrigações de nossa casa. Minha mãe, uma professora, filha de outra e neta de mais uma, sempre fez questão que todos os seus filhos se formassem. Talvez sejam essas mulheres fortes o meu ponto de contato mais imediato com o objeto ora pesquisado, a saber: Áurea Carolina.

Durante toda a última década, trabalhei nas entranhas do sistema político tradicional. Fui assessor político em âmbito municipal, na prefeitura da cidade de Belo Horizonte, em âmbito estadual, na Secretaria de Estado de Esporte e Juventude e na Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Além disso, atuei em Brasília como assessor parlamentar na Câmara dos Deputados. Deste período carrego minhas inquietações políticas, em especial, aquelas ligadas ao sistema partidário, seu funcionamento e às construções e consolidação de estratégias de comunicação eleitoral.

Em 2016, observei atentamente, ainda que disputando em lado oposto, a ascensão meteórica de Áurea Carolina. Na oportunidade, uma iniciativa pioneira permitiu uma votação retumbante, que culminou com a eleição da vereadora mais votada da história da capital mineira. O Coletivo Muitas, por meio da Frente de Esquerda BH Socialista, formada pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Comunista Brasileiro (PCB), pelo

movimento social Brigadas Populares e pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), apresentou à Belo Horizonte, doze candidatos organizados em torno daquilo que convencionou-se chamar tempos depois “candidatura coletiva”¹ (RUSSO, 2020), mesmo que ainda não reunidos em torno de uma só candidatura.

Dois anos depois, Áurea Carolina foi eleita, com votação expressiva, deputada federal pelo estado de Minas Gerais. Com mais de 160 mil votos, o Coletivo Muitas havia instaurado uma nova forma de fazer campanha? Foi criada uma nova alternativa? Eu acreditava que essas e outras perguntas precisavam ser respondidas quando da apresentação da proposta para essa pesquisa, ao final de 2019.

Tinha como ponto de partida o meu conhecimento prático de marketing político, mas o contato com a literatura indicada por Paula Simões sobre os conceitos de imagem pública e acontecimento abriram outras perspectivas para o desenvolvimento desta pesquisa. Em contato com alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, especialmente junto ao GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), convenci-me de que a abordagem que satisfaria minhas inquietações seria aquela. A investigação sobre o fenômeno comunicacional Áurea Carolina passava, necessariamente, pelo exame do processo de construção da sua imagem pública.

O trabalho de Laura Lima (2016), quando da investigação da construção das imagens públicas de Dilma Rousseff e Michel Temer durante o impeachment de 2016, foi importantíssimo para o apontamento de caminhos conceituais que me levou, diretamente, a Wilson Gomes (2004), Paula Simões (2012) e Louis Queré (2005). O aprofundamento nas leituras destas e outras bibliografias configuraram o caminho a partir do qual esta dissertação se desenvolveu.

Dessa maneira, o problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser assim enunciado: *como é constituída a imagem pública de Áurea Carolina nas eleições municipais de 2020 e o que ela revela do contexto brasileiro no acontecimento da pandemia da COVID-19?*

Para tanto, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o contexto do acontecimento da pandemia de Covid-19 em três importantes âmbitos: o vírus SARS-Cov-2 e o seu poder letal; a conjuntura e os preparativos para as

¹ O fenômeno recente, apesar de não previsto em lei, multiplicou-se nas eleições subsequentes ao redor do Brasil. Russo (2020) mostrou que o número de ocorrências saltou de apenas três em 2012 para 257 casos no ano de 2020. Entende-se por candidaturas coletivas os movimentos que realizam ações unificadas, através da apresentação de mais de uma pessoa ao eleitorado, com objetivo de eleger o grupo para uma vaga na representação popular.

eleições municipais em Belo Horizonte; o conceito de *acontecimento* e os motivos pelos quais interpretamos as eleições, realizadas em meio a pandemia da Covid-19, dessa forma; e o conceito de *interseccionalidade*, para a análise a partir da perspectiva interseccional das implicações da pandemia sobre as pessoas afetadas por sobreposição de opressões. O segundo capítulo explora teoricamente o conceito de imagem pública, apresentando o estado das pesquisas sobre imagem pública e, mais especificamente, sobre a imagem pública de figuras políticas. No terceiro capítulo, organizamos o percurso metodológico baseado em três conceitos chave:

- 1) Acontecimento, que apresenta a nossa compreensão da pandemia do novo Coronavírus como um evento de caráter inaugural, que instaura tanto mundial, quanto localmente, uma nova fase a partir de sua ocorrência;
- 2) Imagem Pública, operador a partir do qual analisamos discursos e ações de Áurea Carolina; discursos e ações de terceiros, incluindo os midiáticos; valores e papéis sociais, assim como disputas simbólicas;
- 3) Interseccionalidade, que permite observar os desafios impostos pela pandemia da Covid-19 e pela desigualdade do sistema político-eleitoral brasileiro às pessoas que enfrentam diariamente opressões sobrepostas em função de sua condição socioeconômica e de aspectos socioculturais.

O quarto capítulo apresenta a análise da construção da imagem pública de Áurea Carolina, enfocando o período de 26 de fevereiro² a 16 de novembro de 2020³, a partir da análise de reportagens dos veículos de comunicação e publicações das redes sociais da candidata. O corpus contabilizou 66 unidades de análise e sua análise articulou três principais eixos, a saber: o posicionamento que é atribuído a Áurea Carolina por outros atores e os papéis e valores que lhe são imputados por estes; o posicionamento da candidata por si em seus discursos e ações e os papéis e valores por ela assumidos e incorporados; a perspectiva interseccional de sua atuação e os valores revelados sobre o contexto brasileiro durante a pandemia da Covid-19.

² Data em que o primeiro brasileiro recebeu o diagnóstico positivo para a Covid-19 no país.

³ Data em que foi realizada a votação em primeiro turno, nas eleições municipais de 2020, no Brasil.

1 - UM ACONTECIMENTO GLOBAL - A PANDEMIA DA COVID-19

O ano de 2020 será lembrado como aquele que paralisou as nossas vidas. Pela primeira vez na história da humanidade, uma quarentena de proporções mundiais foi necessária para conter o avanço de uma doença⁴. Em centenas de países, em pequenas e grandes cidades, bilhões de pessoas ficaram em reclusão, em estado de alerta e afastadas socialmente.

Os primeiros casos de uma pneumonia causada por um agente desconhecido foram relatados em 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Ao final de janeiro de 2020, a doença já havia se espalhado e atravessado os oceanos. Até aquele momento, o mundo assistia com apreensão e aguardava as orientações dos órgãos sanitários. Então, no dia 23 de janeiro, os primeiros casos positivos foram registrados nos Estados Unidos da América (EUA).

Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) havia se tornado uma pandemia. Naquele momento, havia pouco mais de cem mil casos pelo mundo e menos de cinco mil pessoas haviam perdido suas vidas, em mais de cem países⁵. Em meados de abril de 2020, os casos positivos eram da ordem de 2 milhões, e os óbitos já ultrapassavam 120 mil (WERNECK; CARVALHO, 2020). Diante da evolução estrondosa da doença, foi dada a largada para uma verdadeira luta mundial por sobrevivência.

Os esforços mundiais precisavam se somar àquela altura, de maneira a conter a propagação do vírus, o número de contaminações e proteger as vidas humanas. Segundo Werneck e Carvalho (2020), “a resposta à pandemia da Covid-19 poderia ser subdividida em quatro fases: contenção, mitigação, supressão e recuperação”. O plano de resposta determina que a primeira fase tenha início ainda antes da disseminação da doença no país, com rastreamento dos passageiros vindos do exterior. Na segunda fase, a localidade deve promover o chamado isolamento vertical, com identificação e separação dos indivíduos contaminados do restante da população e adoção de medidas de restrição de circulação, de maneira a diminuir a transmissão da doença para os grupos de maior risco. Já na terceira fase, a de supressão, medidas mais radicais de distanciamento são necessárias, em função de não ter sido alcançado o êxito almejado nas duas etapas anteriores. Este terceiro movimento é

⁴ Alguns estudos comparam e aproximam as pandemias da Gripe Espanhola, ocorrida no início do século XX, e a atual pandemia da Covid-19. Porém, é seguro afirmar que “não existem precedentes, mesmo nos momentos mais críticos” para uma quarentena de proporções mundiais e uma “quase completa paralisação no sistema produtivo” (CAMPOS FILHO, 2020, p.1).

⁵ Informações oficiais da Organização Pan-Americana da Saúde [acesso em 21 de fevereiro de 2021]. Disponível em: <https://www.paho.org>

denominado “isolamento horizontal”. Por fim, espera-se atingir a fase de recuperação, quando a transmissão dá sinais de involução e as contaminações são reduzidas.

Em Belo Horizonte, medidas supressivas foram antecipadamente tomadas de maneira assertiva. Os reflexos de tais providências puderam ser observados quando da publicação do ranking de letalidade, organizado pelo Instituto de Cidades Sustentáveis (ICS). O estudo apontou Belo Horizonte como a 22^a capital com menor número de óbitos no país, durante os primeiros meses de pandemia⁶. Estas mesmas medidas, apesar de reconhecidamente acertadas ao observarmos os números e resultados, foram também responsáveis por alterar de maneira substancial as práticas e interações sociais e políticas entre candidatos e eleitores durante o período eleitoral.

Diante disso, optamos por organizar este capítulo de maneira a esclarecer a doença e abordar as relações e disputas políticas que ocorreram durante o ano de 2020, no período pré-eleitoral e durante a própria eleição. Vamos, a seguir, evidenciar as etapas de propagação da Covid-19, relacioná-las ao contexto de sua disseminação no Brasil e em Belo Horizonte e, ao final, levantar as possíveis implicações para o cenário eleitoral local, as interações durante a campanha e para a construção da imagem pública de Áurea Carolina. Começemos pela doença.

1.1 - Covid-19 - O inimigo desconhecido

A Covid-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Segundo Sávio Brito *et al.* (2020), o coronavírus foi isolado pela primeira vez em 1937, tendo ficado mais conhecido pela sociedade em geral, no entanto, em 2002 e 2003, quando da ocorrência e disseminação da síndrome respiratória aguda grave denominada SARS e, em 2012, quando do surgimento de outra cepa no Oriente Médio, denominada MERS. Em ambos os casos, ao contrário da situação atual, apesar de mais letais, os vírus não apresentavam grande potencial de propagação (BRITO, *et al.*, 2020).

Ainda segundo Brito e colaboradores, sendo o SARS-CoV-2 uma doença infecciosa respiratória aguda grave, sua principal forma de transmissão é o contato direto entre os seres humanos. A partir da interação entre duas ou mais pessoas, ocorre a troca ou o contato com gotículas e secreções respiratórias. Após o contato, segue-se o período de incubação do vírus que dura em média sete dias. O indivíduo contaminado então evolui de duas maneiras

⁶ Levantamento realizado pelo Programa de Cidades Sustentáveis (ICS) e publicado em junho de 2020. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/noticia/detalhe/3027>

possíveis. Podem permanecer assintomáticos ou apresentar um quadro clínico que manifeste sintomas da doença. Na maior parte dos casos, os pacientes infectados pelo SARS-Cov-2 não evoluem de maneira grave. Entretanto, para os casos graves, uma prolongada internação pode ser necessária. O tratamento dura em média de 14 a 21 dias.

Em função de não haver terapia específica e eficaz contra a COVID-19, seu tratamento se dá a partir do controle dos sintomas e oferta de suporte ventilatório quando necessário, ou seja, aparelhos mecânicos que auxiliam os pacientes no processo de respiração. Por isso, autoridades ao redor do mundo mobilizaram-se em torno de duas principais frentes: 1 - Estímulo a medidas sanitárias de prevenção (como uso de máscaras de proteção e higienização constante das mãos) e restrição de circulação de pessoas de maneira a evitar o contágio em massa, o que poderia ocasionar a sobrecarga dos sistemas de saúde, em função da internação prolongada e simultânea de pacientes que tenham o quadro agravado; 2 - Melhoria dos sistemas, processos de atendimento e dos equipamentos disponíveis, bem como ampliação de vagas nas redes de atendimento em saúde.

Segundo Wilder-Smith e Freedman (2020 *apud* BRITO *et al.*, 2020, p. 59), seria preciso confiar em medidas clássicas de saúde pública para o enfrentamento da Covid-19. Ainda em 2020, em um cenário onde ainda não havia vacinas disponíveis e terapias eficientes, as medidas mais eficazes para a preservação da vida seriam as ditas “não farmacológicas”, a saber: uso obrigatório de máscaras em espaços públicos, isolamento, quarentena⁷ e distanciamento social. Foi este o caminho adotado, a despeito das posições nacional e estadual, em abril de 2020, pelo então prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil.

A pandemia do SARS-CoV-2 alastrou-se pelo mundo com força e rapidez. Em poucos meses, o número de casos e decorrentes óbitos escalou de maneira progressiva. Diante deste cenário, as nações, estados, cidades e províncias ainda não afetados buscaram se antecipar e diminuir as chances de chegada e conseqüente propagação do vírus em seus territórios.

No Brasil, em 3 de fevereiro de 2020, o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, antecipando as possíveis conseqüências da chegada da COVID-19, declara “emergência de saúde pública de importância nacional” e institui o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (COE-nCoV)

⁷ Segundo a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019, as medidas podem ser assim diferenciadas: 1 - Isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus; 2 - Quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus.

como mecanismo nacional para gestão coordenada da resposta à emergência no âmbito nacional⁸. No hospital Albert Einstein, em São Paulo, um homem que havia voltado da Itália foi o primeiro brasileiro com diagnóstico positivo em 26 de fevereiro⁹ de 2020.

Em Belo Horizonte, uma mulher de 34 anos testou positivo para o novo coronavírus em 16 de março¹⁰. Outros cinco casos já haviam sido notificados no estado de Minas Gerais nas cidades de Juiz de Fora, Divinópolis, Patrocínio e Ipatinga. Até aquele momento, 511 casos haviam sido reportados às autoridades sanitárias. Destes, 420 ainda estavam sob investigação. O restante havia sido descartado.

No dia seguinte ao primeiro diagnóstico positivo, a capital mineira decretou situação de emergência em saúde pública¹¹ e instituiu o “Comitê de Enfrentamento à Epidemia do COVID-19”¹². Em 18 de março, o prefeito Alexandre Kalil, por meio de decreto, determinou medidas restritivas de circulação e anunciou o fechamento de diversas atividades comerciais na capital¹³. As medidas de restrição ou ampliação de circulação de pessoas, em todos os cantos do país, passaram a ser determinadas sem que houvesse uma articulação ou orientação nacionalmente unificada e coordenada pelo Ministério da Saúde.

Três semanas após a confirmação do primeiro caso positivo na capital mineira, em 8 de abril, as medidas foram endurecidas. Um novo decreto municipal suspendeu os alvarás de localização e funcionamento de todas as atividades comerciais da capital¹⁴. No mesmo dia, formou-se a cadeia nacional de rádio e televisão para o pronunciamento do presidente da república, Jair Bolsonaro. Na oportunidade, ocorreu o anúncio da importação e chegada de

⁸ Portaria 188 de 3 de fevereiro de 2020. Editada pelo Ministério da Saúde do Brasil [acesso em 15 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>

⁹ Dados do Ministério da Saúde (BR). Painel Coronavírus, alimentado pelo Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [acesso em 16 de maio 2021]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>

¹⁰ Dados do Ministério da Saúde (BR). Painel Coronavírus, alimentado pelo Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [acesso em 15 de junho de 2021]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>

¹¹ Decreto nº 17.297, DE 17 DE MARÇO DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 20 de junho de 2021]. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1226967>

¹² Decreto nº 17.298, DE 17 DE MARÇO DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 20 de junho de 2021]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2020/DOM%20-%20Decreto%20n%C2%BA17.298%2017-03-2020.pdf>

¹³ Decreto nº 17.304, DE 18 DE MARÇO DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 20 de junho de 2021]. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1227069>

¹⁴ Decreto nº 17.328, DE 8 DE ABRIL DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 20 de junho de 2021]. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1227725>

insumos em solo nacional para a continuação da produção da Hidroxicloroquina, como fruto de sua conversa direta com o Primeiro-Ministro da Índia¹⁵.

Vivian Campos (2021, p. 191) esclarece que o medicamento foi apresentado como ferramenta eficaz para o combate da Covid-19 pelo controverso cientista francês Didier Raoul. Em abril de 2020, o pesquisador expôs resultados de sua pesquisa científica, posteriormente condenada por diversas falhas metodológicas e criticada pela amostragem de apenas 30 pacientes. O estudo defendeu a administração de Hidroxicloroquina, associada ao antibiótico Azitromicina imediatamente após o diagnóstico positivo da doença. Campos ainda destaca que, em maio de 2020, um estudo da revista *The Lancet* apresentou risco de morte elevado para pessoas tratadas com os medicamentos defendidos por Raoul. Em junho, porém, três dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa afirmaram “não ser possível garantir a veracidade dos dados do estudo”.

Apesar das indicações de consumo reiteradamente feitas pelo presidente da república, o Ministério da Saúde, por meio da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias ao Sistema Único de Saúde (CONITEC), contraindicou a administração de Hidroxicloroquina a pacientes hospitalizados com Covid-19¹⁶ - o que ocorreu na gestão do então ministro Luiz Henrique Mandetta, mas não foi sustentado por todos os ministros subsequentes. O claro desencontro entre as medidas adotadas e recomendadas pelo ministério e as falas do presidente da república deram início a um grande impasse político, com repercussões nacionais e internacionais¹⁷. Para além das repercussões midiáticas, os cidadãos brasileiros enfrentaram as consequências diretas da falta de alinhamento entre Bolsonaro e os seus subordinados.

1.1.1 - Competências e incompetências governamentais

Em abril de 2020, os cidadãos brasileiros acompanhavam apreensivos as notícias sem que informações precisas e uniformes lhes fossem transmitidas. Apesar dos esforços da classe

¹⁵ Pronunciamento Presidencial [acesso em 21 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-4>

¹⁶ Relatório de Recomendação - Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas da CONITEC (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias ao Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde) [acesso em 2 de agosto de 2021]. Disponível em: http://conitec.gov.br/images/Consultas/Relatorios/2021/20210517_Relatorio_Diretrizes_Brasileiras_COVID_Capitulo_2_CP_37.pdf

¹⁷ Cabe destacar que a Hidroxicloroquina nunca teve a sua eficácia comprovada cientificamente para o tratamento da Covid-19.

acadêmica, das universidades, dos institutos de pesquisa avançada¹⁸ e da firme posição de algumas das mais importantes instituições do país, estávamos à deriva. A disputa política havia contaminado a discussão científica, e grande parte da população desassistida e desinformada, ficou entregue à própria sorte.

O primeiro boletim epidemiológico de Belo Horizonte foi emitido no dia 20 de abril de 2020. Portanto, há menos de um mês do primeiro diagnóstico positivo no município. A dura realidade da mais grave pandemia da história já havia alcançado muitos lares, e as suas marcas eram evidentes. O relatório apresentava 26.732 notificações, 398 confirmações de diagnóstico, 661 casos descartados e 8 óbitos¹⁹.

Estávamos, portanto, diante de uma grave ameaça. Em menos de trinta dias, a pandemia havia se espalhado, gerando milhares de notificações. O prognóstico imediato era de possível e, mais que isso, provável colapso na rede de saúde causado pela rápida evolução e capacidade de disseminação do SARS-CoV-2.

O evidente embate entre os governantes nos níveis municipal, estadual e nacional impediram a organização, execução e consolidação de uma estratégia de enfrentamento à mais grave crise sanitária da história do país. Chloé Leurquin e Mayra Bernardes (2021) registraram em *Diário da Quarentena* a situação política daquele momento, quando da determinação de fechamento do comércio de Belo Horizonte. O relato evidencia a inexistência de alinhamento entre aqueles que nos governavam:

Em Minas Gerais, o embate entre o governador Romeu Zema (NOVO) e o prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD), que criticou o governador em uma live, demonstrou o alinhamento político de cada um. Enquanto Zema parece estar em cima do muro, por demorar a aderir às recomendações internacionais de segurança e enfrentamento da pandemia, Kalil agiu rapidamente, anunciando por conta própria os decretos que fecharam o comércio da capital e que garantiram condições mínimas de vida para a população mais vulnerável. Na troca de farpas, o prefeito alfinetou a inércia do governador: “Preciso de um governador de palavra.” (LEURQUIN; BERNARDES, 2021, p. 85).

¹⁸ Destaca-se a atuação de Instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantan, dois dos maiores centros de pesquisa do país, com sede na região sudeste, que participaram da busca ativa pelo desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19. Ambos foram, posteriormente em 2021, agraciados com título de Patrimônio Nacional da Saúde Pública, após a publicação da Lei 14.196/21, que criou o título em reconhecimento a instituições públicas ou privadas sem fins lucrativos prestadoras de relevantes serviços à saúde pública. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/800968-fiocruz-e-butantan-ganham-titulo-de-patrimonio-nacional-da-saude-publica>

¹⁹ Boletim Epidemiológico nº 1/2020 [acesso em 20 de junho de 2021]. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2020/imagens/boletim_epidemiologico_01_covid-19_17-04-2020.pdf

Em 15 de abril de 2020, o plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu serem concorrentes as competências de municípios, estados e União na imposição de medidas durante a crise do Coronavírus, ou seja, determinou que, no âmbito de suas atribuições, todos os entes federados teriam o dever de atuar para controlar a pandemia e preservar vidas²⁰. Dessa forma, reafirmou o poder de prefeitos e governadores para a instituição de possíveis decretos que estabelecessem restrições e/ou a revogação dos mesmos. A corte havia sido convocada a se manifestar para dirimir dúvidas e estabelecer limites de atuação, em função das discordâncias entre as três esferas do poder executivo.

No dia seguinte à definição da corte, evidenciando o desgoverno e a falta de planejamento para o enfrentamento da pandemia por parte do governo federal, o presidente Jair Bolsonaro veio a público em cadeia nacional comunicar a decisão pela exoneração do então ministro da saúde do Brasil, o ex-deputado e médico Luiz Henrique Mandetta. Sua demissão foi o resultado de vários atritos acumulados entre ele e o presidente. Desde o início da pandemia no Brasil, Jair Bolsonaro empilhou declarações, atitudes, pronunciamentos e decisões alta e amplamente questionadas tanto por quem comandava a política pública de saúde no seu ministério, quanto por órgãos nacionais e internacionais. Os embates foram frequentes, especialmente nos 30 dias anteriores à exoneração.

Em 15 de março de 2020, na porta do Palácio do Alvorada, residência oficial do presidente da república, Jair Bolsonaro interrompeu o isolamento a que estava submetido desde que regressara de viagem aos Estados Unidos da América, para cumprimentar manifestantes. A aglomeração na portaria do prédio, bem como a presença do presidente, foram desaconselhadas por Mandetta e sua equipe. Naquela mesma semana, o então ministro concedeu entrevista coletiva ao lado do então governador do estado de São Paulo e adversário político do presidente, João Dória Junior (PSDB).

Por meio de ofício do então ministro chefe da Casa Civil, General Walter Braga Netto, o presidente determinou, ao final de março, que todas as entrevistas coletivas sobre a crise e o enfrentamento à pandemia da Covid-19 deveriam ser concedidas no Salão Oeste do Palácio do Planalto, diminuindo a autonomia de Mandetta. Ainda ordenou que qualquer comunicado à imprensa fosse alinhado e coordenado com a Secom (Secretaria Especial de Comunicação Social do Governo Federal) para alinhamento da narrativa. Nesse mesmo dia, Braga Netto

²⁰ Resolução 672/2020/STF [acesso em: 21 de junho de 2020]. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5880765>

negou qualquer possibilidade de demissão do ministro Mandetta, a qual já vinha sendo ventilada nos corredores de Brasília e especulada nos noticiários.

Em dois de abril, o presidente Jair Bolsonaro, ao conceder entrevista à rádio Jovem Pan declara que:

O Mandetta quer valer muito a verdade dele, está faltando humildade para conduzir o Brasil nesse momento delicado.

[...]Sempre respeitei todos os ministros, inclusive o Mandetta. Espero que ele dê conta do recado. Tenho falado com ele, não tem nenhuma ameaça, se ele sair bem, não tem problema²¹.

Os atritos entre Mandetta e Bolsonaro foram responsáveis por melhorar a impressão da população sobre o trabalho do ministro, apesar de aumentar as tensões, desinformações e dificultar o enfrentamento da pandemia de maneira unificada. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha foi divulgada em 4 de abril. Na edição de sábado do jornal Folha de São Paulo, ficou evidenciada a avaliação positiva do trabalho de Luiz Henrique Mandetta no combate à pandemia, sendo aprovado por 76% da população, enquanto o desempenho do presidente era considerado ruim ou péssimo por 39% dos brasileiros²².

As desavenças durante a semana seguinte continuaram e culminaram com uma entrevista concedida por Mandetta ao programa dominical da Rede Globo, *Fantástico*²³. No domingo 12 de abril, o então ministro afirmou que sua relação com Bolsonaro prejudicava àquela altura o desempenho no combate à pandemia porque a população, segundo ele, não sabia a quem seguir. Este posicionamento foi considerado gravíssimo pelo Palácio do Planalto. Após quatro dias, a gestão de Mandetta à frente do ministério da saúde foi encerrada.

Desde antes das eleições presidenciais em 2018, a discussão sobre o aparecimento, disseminação e compartilhamento de fake news assumiu grande importância no contexto eleitoral brasileiro. Diversos trabalhos tiveram como foco, então, o estudo do impacto destes fenômenos nos resultados dos pleitos. A discussão sobre o mérito das vitórias e possíveis implicações nas derrotas não será realizada aqui, em função de ser demasiado longa e merecer

²¹ Entrevista concedida por Jair Bolsonaro ao programa Os Pingos nos Is da Rádio Jovem Pan, em 2 de abril de 2020. Disponível em:

<https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is/bolsonaro-admite-problemas-com-mandetta.html>

²² Pesquisa do Instituto Datafolha, divulgada na edição do jornal Folha de São Paulo de 4 de abril de 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/para-51-bolsonaro-mais-atrapalha-do-que-ajuda-no-combate-ao-coronavirus-diz-datafolha.shtml>

²³ Entrevista exclusiva concedida por Luiz Henrique Mandetta ao programa Fantástico, da Rede Globo, em 12 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/12/maio-e-junho-serao-os-meses-mais-duros-afirma-mandetta-e-m-entrevista-exclusiva-ao-fantastico.ghtml>

uma análise mais detalhada do que é possível fazer neste momento e, também, por já haver um grande número de pesquisas²⁴ que caminharam neste sentido. Permitimo-nos, portanto, somente mencionar este fato para explicitar que, sendo esta uma prática recorrente nos últimos anos, não poderia deixar de se fazer presente no contexto da pandemia.

Espera-se que em momentos de grandes calamidades, os governantes atuem de maneira a mitigar os danos, promover o bem-estar dos seus governados e manter a ordem social. Por este motivo, é comum que declarações destes sejam excessivamente midiaticizadas e espontaneamente consideradas dotadas de valor. Este contexto, associado a um governante temerário pode produzir consequências devastadoras. Em especial, em um cenário onde suas falas são impulsionadas e repercutidas por instrumentos de disseminação nas redes sociais.

Gilberto Calil (2021) relata o impacto das declarações de Jair Bolsonaro durante os meses de março e abril de 2020 no Brasil. Segundo o historiador, uma clara estratégia foi montada para minimizar os riscos e subdimensionar a pandemia da Covid-19. Todas as falas de Bolsonaro foram estruturadas de maneira a produzir uma “abordagem centrada na minimização da pandemia, na desqualificação das medidas de contenção, na naturalização da morte e na suposição de uma espécie de teoria da conspiração” (CALIL, G. p. 40).

Em análise sobre a dinâmica do bolsonarismo, André Duarte avalia que, enquanto corrente ideológica, este se distancia e vai além da “demagogia política ou mesmo do emprego sistemático da mentira na política” (2020, p.104). Segundo o filósofo, o bolsonarismo

Visa embaralhar a própria distinção entre verdade e mentira a partir da distorção dos fatos e da multiplicação massiva de discursos e argumentos mentirosos ou enviesados, acionados por meio de robôs financiados por redes privadas que alimentam as redes sociais com fake news. A título de exemplo, o bolsonarismo como ideologia pretende tornar impossível a distinção entre liberdade e ditadura, pois aqueles que enfaticamente defendem a implantação de uma ditadura no país se consideram a si mesmos como defensores das liberdades e da própria democracia. (DUARTE, 2020, p. 104-104).

Neste ponto, cabe dizer que a realidade brasileira tornou-se cada vez mais dramática. A falta de uma gestão centralizada e efetiva da crise, o crescente embate entre o presidente da república, os governadores e prefeitos, as trocas de ministros no curso da pandemia e a operação de estruturas de disseminação de desinformações encaminharam o Brasil para uma eleição sem precedentes. Ninguém era capaz, à época, de precisar a possibilidade de

²⁴Ainda em 2018, a Fundação Konrad Adenauer publicou *Fake News e as Eleições 2018*. O compilado reuniu uma dezena de pesquisadores e apresentou oito diferentes trabalhos que abordam a questão por diversos ângulos. Outras importantes contribuições são RUEDIGER (2017) e (2018); FERREIRA (2019) e DOURADO (2020).

realização do pleito e as condições nas quais estaríamos mergulhados em outubro. O relógio eleitoral estava atrasado, e alguém precisaria ajustá-lo.

1.2 - A caminho da eleição em meio ao caos

Diante da evolução da pandemia do novo Coronavírus no mundo e, em especial, no Brasil, avizinhava-se o processo eleitoral mais desafiador dos últimos tempos. Diversas intercorrências nos últimos anos haviam colocado diante da mesa um impasse. Uma importante decisão precisava ser tomada: seria a vida colocada em primeiro lugar e, por isso, o pleito adiado ou as eleições municipais seriam realizadas de maneira a evitar mais uma possível ruptura no processo político?

Vários foram os traumas políticos e eleitorais vividos nos últimos anos, a saber, a instauração de processos em âmbito nacional para investigação de possível esquema criminoso, reunidos e denominados posteriormente como Operação Lava Jato, que revelaram desvios de recursos dos cofres públicos; o processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff; e as eleições presidenciais em 2018, que tiveram como resultado a vitória de um candidato de extrema direita, tido como inexpressivo, que, tendo sido vítima de um atentado no curso do processo eleitoral, conseguiu estabelecer uma estratégia para evitar os debates, comícios, eventos eleitorais e as discussões políticas mais profundas com repórteres, jornalistas, analistas e adversários. Em função desse cenário, a preocupação com a realização ou o adiamento das eleições municipais tornou-se questão de primeira ordem na pauta das discussões dos três poderes em Brasília. O calendário eleitoral estava em curso, e possíveis alterações precisavam ser amplamente discutidas e, o quanto antes, anunciadas.

1.2.1 - Uma pré-campanha diferente

Ao final de junho de 2020, quando Belo Horizonte registrava 5.915 casos confirmados e 136 óbitos pelo Coronavírus²⁵, a corrida para a prefeitura já contava com pelo menos uma dezena de pré-candidatos. Ainda em abril, o então Deputado Estadual Bruno Engler, após expulsão do Partido Social Liberal (PSL), filiou-se ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) para candidatar-se com o apoio do presidente Jair Bolsonaro. O presidente, por sua vez, havia vencido em segundo turno Fernando Haddad em 2018, computando 65,6%

²⁵ Boletim Epidemiológico nº 50/2020 [acesso em 22 de junho de 2021]. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2020/boletim_epidemiologico_assistencia_50_covid-19_30-06-2020.pdf

dos votos válidos na capital mineira²⁶, o que representava, então, um substancial e expressivo apoio político.

No dia três daquele mês, Luisa Barreto, deixou o cargo de Secretária Adjunta de Planejamento e Gestão do Governo do Estado de Minas Gerais. Na oportunidade, a especialista em políticas públicas e gestão governamental publicou em suas redes sociais o comunicado anunciando sua pré-candidatura. Poucos meses antes, Luísa havia se filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Em 19 de junho, encerrou-se o prazo para que filiados em condições de concorrer apresentassem seus nomes ao Partido dos Trabalhadores (PT). Oito nomes foram declarados pré-candidatos na oportunidade. Entre eles, o do ex-deputado federal Nilmário Miranda, que se efetivou como o candidato petista nas urnas posteriormente. Dois dias após, Duda Salabert, que havia se candidatado ao Senado Federal em 2018 tendo obtido 351.874 votos²⁷, retirou sua pré-candidatura à prefeitura. Naquele ano, ela quebraria o recorde estabelecido por Áurea Carolina em 2016 e se tornaria a mulher com o maior número de votos na história das eleições para a Câmara Municipal de Belo Horizonte²⁸.

Em 22 de junho, Áurea Carolina foi declarada pré-candidata pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). A direção partidária declarou à época que a intenção era a de “construir uma ampla frente social para barrar o avanço da direita bolsonarista na cidade e demarcar diferenças com o governo Kalil”²⁹. No dia 28 do mesmo mês, foi a vez do prefeito Alexandre Kalil confirmar sua pré-candidatura, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), em entrevista televisiva. A cidade, naquela data, acumulava 129 óbitos em decorrência da pandemia³⁰.

No último dia de junho, para cumprir exigência da legislação eleitoral, o então deputado estadual João Vítor Xavier (CIDADANIA) se licenciou da bancada da rádio Itatiaia,

²⁶ Dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral. Disponíveis em: <https://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/divulgacao-dos-resultados-1>

²⁷ Dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais [acesso em: 22 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/divulgacao-dos-resultados-1>

²⁸ Duda Salabert foi eleita a primeira mulher trans vereadora de Belo Horizonte, com 37.613 votos. O maior número da história da capital mineira. Dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais [acesso em: 22 de junho de 2021]. Disponível em: <https://apps.tre-mg.jus.br/aplicativos/html/ele2020/consulta.html?p={filtro:%22resultado-por-municipio%22,titulo:%22Por%20munic%C3%ADpio%22}#>

²⁹ Nota pública da Direção do Partido Socialismo e Liberdade de Belo Horizonte (PSOL - BH), publicada nas redes sociais [acesso em 23 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.facebook.com/psol.belohorizonte/photos/a.564172507013910/2960390150725455/?type=3>

³⁰ Entrevista concedida à Globo News e registrada em reportagem do Portal G1 [acesso em: 23 de junho de 2021]. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/28/kalil-confirma-pre-candidatura-em-bh-e-avalia-estao-fazendo-politica-sobre-cadaveres.ghtml>

de onde apresenta diariamente o programa Bastidores. Na mesma data, aproveitando a oportunidade, se lançou pré-candidato.

Estava formada a disputa por aqueles que figuraram, ao final da eleição, nas primeiras posições. Àquela altura, Belo Horizonte estava em nível de alerta geral vermelho, segundo escala determinada pelo Comitê Municipal de Enfrentamento à Epidemia do Covid-19. O número médio de transmissão por infectado (RT) estava em 1,09³¹. A ocupação de leitos de Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) Covid-19 registrava taxa de 85%, enquanto os leitos de enfermaria Covid-19 estavam em 69%³².

No Boletim de Monitoramento 07/2020, a prefeitura projetava três possíveis cenários para o fim do mês de agosto. No cenário otimista, as contaminações seriam da ordem de 10.595. Em caso de manutenção dos indicadores, o número de casos seria de 17.726. Por último, em uma projeção pessimista, os contaminados seriam 26.366³³.

Em alguns meses, os Estados Unidos da América viveriam um processo semelhante. A exemplo do Brasil, em meio à pandemia, os norte-americanos também passariam por eleições. Naquele país, no entanto, o pleito seria presidencial. Paula Simões (2020) escreveu sobre a situação. O então presidente Donald Trump observava a queda de sua aprovação em cerca de 10 pontos percentuais e as intenções de votos para o democrata Joe Biden crescerem, principalmente nos estados em que a crise da Covid-19 se mostrava mais severa³⁴. Isso porque, antes mesmo do presidente brasileiro promover a apologia a tratamentos questionáveis e negligenciar a pandemia em diversas oportunidades, Donald Trump já se estabelecia como a referência do negacionismo global. Simões registrou: “ainda é cedo para saber se a queda de 10 pontos percentuais na aprovação da gestão de Trump hoje consagrará o democrata Biden nas urnas em novembro. Mas é possível ter esperança.”³⁵ (SIMÕES, 2020, p. 217).

³¹ Este índice, quando registrado acima de 1, indica a disseminação descontrolada da doença

³² Boletim de Monitoramento 07/2020 [acesso em: 23 de junho de 2021]. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2020/boletim_monitoramento_26jun.pdf

³³ Boletim de Monitoramento 07/2020 [acesso em: 23 de junho de 2021]. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2020/boletim_monitoramento_26jun.pdf

³⁴ Pesquisa realizada pela Universidade Quinnipiac em julho de 2020 nos Estados Unidos da América retratavam o crescimento de Joe Biden frente ao então presidente Donald Trump [acesso em 23 de junho de 2021]. Disponível em: <https://poll.qu.edu/Poll-Release?releaseid=3781>

³⁵ Joe Biden confirmou o favoritismo e foi eleito presidente dos Estados Unidos da América em 2020. Apesar da inquestionável vitória do democrata, Donald Trump não reconheceu a derrota e apontou, sem apresentar provas, supostas fraudes nas eleições americanas. O impasse foi registrado em reportagem do portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/07/joe-biden-vence-na-pensilvania-e-garante-votos-para-ser-eleito-presidente-dos-eua-aponta-projecao-da-ap.ghtml>

Em 28 de agosto, a confirmação de uma situação muito preocupante foi constatada pelo Boletim Epidemiológico e Assistencial 93/2020 da prefeitura de Belo Horizonte. O cenário pessimista projetado no Boletim de Monitoramento 07/2020 havia sido incrivelmente superado. Ao passo em que nos aproximávamos também por aqui das eleições, os 26.366 casos antes projetados foram ultrapassados com larga margem. Havia sido registrados, àquela altura, 33.092 casos positivos de Covid-19 na capital.

1.3 - Acontece uma Pandemia

No exato momento em que estas linhas são escritas³⁶, ainda está em curso uma das maiores e mais avassaladoras pandemias da história da humanidade. Até o presente momento, mais de quatro milhões de pessoas vieram a óbito no mundo em decorrência do agravamento do quadro da doença denominada SARS-Cov-2. No Brasil, até aqui, mais de 650 mil vidas foram perdidas³⁷.

Este evento planetário pode ser observado, interpretado e assimilado por diversos ângulos, diferentes pontos de vista e por meio de variadas abordagens. Cada campo de estudo, a sua maneira, debruçar-se-á sobre tal objeto de maneira a lançar sobre ele suas análises. Uma característica, no entanto, aparentemente colocará todos estes estudos em um mesmo ponto de partida: o caráter disruptivo, o rompimento de uma ordem, de um certo estado de normalidade. A facilmente constatável mudança abrupta da nossa rotina.

Este marco, esta virada de chave tornou a pandemia do SARS-Cov-2, rapidamente, um importante objeto de reflexão de diversos campos de estudo. Em *O Trauma da Pandemia do Coronavírus*, Joel Birman realiza uma incursão, explicitando as várias dimensões pelas quais a pandemia deixou suas marcas. Segundo o filósofo, a experiência histórica da pandemia se inscreve necessária e indissociavelmente “nos campos político, social, econômico, cultural, médico, científico e ético” (BIRMAN, 2020, p. 17). Orientando nosso olhar por uma perspectiva historiográfica, a pandemia da Covid-19 determina um ponto, um marco, a partir do qual, descortina-se um presente, que se distingue de um passado e outro futuro. Pensando psico-filosoficamente, pode-se dizer de uma ruptura da relação do eu com a sociedade, uma revisitação do processo de individuação, ou um retraimento, uma ensimesmação forçada, dada

³⁶ Este trecho da dissertação foi escrito ainda durante os acontecimentos da pandemia da Covid-19, mais propriamente no semestre final do ano de 2021. O Brasil ainda não havia alcançado a totalidade de sua população vacinada. Este autor havia recebido duas doses da vacina, com intervalo aproximado de 90 dias, entre os meses de agosto e outubro de 2021.

³⁷ Dados oficiais do Ministério da Saúde. Disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>

pela necessidade de isolamento. Linguisticamente, há quem analise o fenômeno como manifestação social a partir de sua narrativa, do discurso resultante de seu desdobramento. Socioeconomicamente, pode-se pensar em todas as implicações financeiras decorrentes da paralisação da economia de diversos países ao redor do globo.

Apesar das múltiplas possibilidades de análise, qualquer que seja o ponto de vista do pesquisador, é forçoso que se interprete o fenômeno pandêmico como um acontecimento, um evento que inaugura uma nova fase, em função de uma ruptura ocasionada por ele. Foi ele, o acontecimento da pandemia, que desorganizou o fluxo das nossas relações nas ordens econômicas, interacionais, afetivas, simbólicas, sanitárias, culturais e, principalmente, sociais.

1.3.1 - O Acontecimento

A noção de acontecimento que acionamos neste trabalho parte da perspectiva pragmatista, tal qual apresentada por Louis Quéré e desenvolvida e alargada nos trabalhos de Vera França e Paula Simões no GRISLAB - Laboratório de Análise de Acontecimentos³⁸. O sociólogo francês tenciona a noção de acontecimento a partir da dualidade entre o fato e o sentido, ou afecções. Sua ideia é desenvolvida na esteira do pensamento pragmatista norte-americano, em especial, a partir das contribuições de John Dewey e George Herbert Mead. Ambos os pensadores compartilham da perspectiva interacional da experiência. Segundo eles, o processo da interação entre o indivíduo e o contexto evidencia uma dupla dimensão: o agir e o sofrer. Paula Simões explica que, para Dewey, “a experiência se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação” (SIMÕES, 2014, p. 175). Segundo ele, tanto sujeito como os aspectos do ambiente em seu entorno são reciprocamente afetados e transformados um pelo outro.

É partindo desta concepção que Quéré formula sua proposição. O acontecimento, então, tem início a partir de sua irrupção no cotidiano, sempre inserida em um contexto, ou seja, dada em um espaço e tempo determinados. A partir do fenômeno, ocorre a possibilidade de inscrição na ordem dos sentidos dos sujeitos afetados por ele, de onde descortina-se um processo de apropriação e simbolização, como tentativa de inteligibilização.

³⁸ Laboratório mantido pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), vinculado ao departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais para a análise e estudo de acontecimentos e figuras públicas de destaque na atualidade. Cf. grislab.com.br.

O processo de inteligibilização é o que propriamente é relevante na perspectiva de Quéré, já que o evento em si não se faz um acontecimento, senão, na medida em que se apresenta, ou acontece a alguém. O acontecimento é, portanto, algo essencialmente da ordem da experiência. Assim, aponta França, “ao acontecer, o acontecimento revela seu passado e descortina horizontes de possibilidades” (FRANÇA, 2017, p.76). Então, ao revelar possíveis horizontes futuros, apresenta seu caráter fundador e inaugural, trazendo à tona aquilo que é novo e desconhecido.

Ainda segundo Quéré (2000, p. 417 *apud.* SIMÕES, 2011, p.130), o acontecimento tem sua duração definida pela “atualização de seu potencial de criação de intrigas, de revelação de possíveis ou de modificação de situações, assim como de afetação [...] daqueles a quem ele acontece”. No ano de 2020, centenas de países fecharam as suas fronteiras, interromperam suas atividades comerciais, decretaram medidas de distanciamento e recolheram seus cidadãos para os seus lares. Os processos de abertura e fechamento de atividades consideradas não essenciais se seguiram ao longo do ano e avançaram para 2021. Seus efeitos são sentidos ainda hoje e permanecerão por algum tempo, sendo este, portanto, um acontecimento ainda em curso.

Como se não fosse suficientemente complicado enfrentar uma pandemia destas proporções, o fizemos, no Brasil, em meio a uma das mais graves crises políticas desde a redemocratização. Desde sua posse, o presidente Jair Bolsonaro acumula declarações contra os demais poderes da república. Durante o período da pandemia em especial, o tensionamento das relações entre os poderes executivo, legislativo e judiciário foi elevado. Birman relata a escalada autoritária assim:

No Brasil, o presidente Bolsonaro procurou fazer a mesma coisa. Fustigou repetidamente nos períodos iniciais da pandemia tanto o Poder Judiciário, através do Supremo Tribunal Federal, quanto o Congresso Nacional, com a promoção de manifestações públicas de intenções claramente antidemocráticas, buscando o apoio das Forças Armadas para reestabelecer um regime autoritário e ditatorial.

As instituições sociais brasileiras reagiram prontamente ao cerco autoritário de Bolsonaro. Foi destacada assim a importância da ordem democrática e a permanência do Estado democrático de direito, principalmente a considerar a rápida ação do Supremo Tribunal Federal contra os desmandos recorrentes do presidente brasileiro. (BIRMAN, 2021, p. 61).

Sendo o acontecimento interpretado à luz da proposta de Quéré, como dá a ver Simões, “como uma emergência que instaura sentidos e rompe com a continuidade da experiência” (SIMÕES, 2014, p.177), o paralelo com um dos eventos contemporâneos que seguramente mais interromperam nossas interações sociais é imediato. Tomado por este

prisma, o operador acontecimento se apresenta como importante chave teórica para o desenvolvimento deste trabalho.

Sobre o seu poder de reconfigurar e reorganizar o social, aponta-se a contribuição de Vera França (2017). Em sua leitura de Quéré, explica que o acontecimento, ao se materializar empiricamente, “faz emergir sentidos, discursos e simbolizações na busca de compreendê-lo, defini-lo, apreendê-lo e narrá-lo”. Nessa disputa por sentidos, este não só nos convoca a compreendê-lo, mas explica, faz compreender as coisas, o seu entorno e, por isso, tem, em si, um poder de revelação. É precisamente essa capacidade de gerar sentidos, que Quéré denomina *poder hermenêutico do acontecimento*. Ao revelar aspectos simbólicos do seu entorno, o acontecimento não só está no tempo, mas também diz sobre ele.

Compreender a pandemia da Covid-19, em decorrência da disseminação do SARS-Cov-2 pelo mundo, como um acontecimento é reconhecer seu caráter disruptivo e considerá-la um divisor de águas. A partir deste evento mundial, entende-se que é inaugurada uma nova ordem, um novo modo de interagir, uma nova forma de relacionar. O rompimento da linha temporal das relações das pessoas com os meios, uma reinterpretação do passado e uma nova projeção do futuro são a própria tradução daquilo que é a experiência da pandemia até aqui.

Ao falar sobre a noção de acontecimento, Simões (2012) parece descrever a pandemia, aos olhos daqueles que a vivem. Assim como o acontecimento, a pandemia “marca o fim de um processo, o resultado de um encadeamento que ilumina o passado (reconstruindo-o) e projeta novos futuros, conferindo sentido a essas diferentes temporalidades” (SIMÕES, 2012, p. 91). Não é preciso esperar pelo final da pandemia para observar os inúmeros rompimentos que esta provocou nas diversas maneiras de experimentação cotidiana do mundo. Em momentos diversos, quando dos desdobramentos, dos agravamentos e momentos de retração da crise, vimo-nos obrigados à reclusão, à mudança de hábitos e às reações, adaptações e alterações em nossas rotinas.

O caráter experiencial é, aqui, mais uma vez central para esta discussão. Não só em função do entendimento de Quéré sobre o acontecimento, a partir da abordagem pragmatista de Dewey e Mead, mas pela centralidade das relações no contexto pandêmico. Sendo a experiência “o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive” (DEWEY, 1980, p. 95-96 *apud* SIMÕES, 2012, p.87), é preciso, ao analisá-la, levar em consideração o mundo, o espaço e o tempo nas circunstâncias da maior crise sanitária do século.

Milhares de cidades, estados e países no mundo interromperam os fluxos de suas relações sociais e econômicas. Nesse contexto, pessoas, empresas e instituições observaram alterações em suas dinâmicas sociais, econômicas e culturais. Birman (2021) esclarece que “um dos efeitos possíveis da pandemia [...] é que ocorrerá a desconstrução relativa da globalização neoliberal” (BIRMAN, p. 81). O filósofo aponta o declínio da política de austeridade, onde figura o estado mínimo. Segundo ele, no contexto de agravamento das desigualdades e mesmo das crises institucionais, empresas e populações carentes passam a depender da atuação e da intervenção dos governos.

Ao passo em que a crise avança, não só mudanças estruturais macroeconômicas são percebidas. O macro-acontecimento parece se subdividir e perpetuar, constituindo infinitas ramificações. Seus ecos ainda estão nas milhares de famílias que perderam entes, nas ruas de cidades que foram paralisadas, nos ambientes com pessoas ainda reclusas, nos leitos de hospitais. As reações das pessoas afetadas ao acontecimento em curso variam desde aquelas céticas e irresponsáveis como as proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro, até aos milhares de exemplos de profissionais que se doaram, atuando nas linhas de frente de combate para salvar vidas.

Em que pese a discrepância das variadas manifestações, a constatação da afetação é clara. Ao mesmo tempo em que a pandemia da Covid-19 instaura uma nova ordem, modifica as relações e nos convoca a agir, ela é afetada pela maneira com que cada pessoa, governo, população ou coletivos responde a ela. Nessa perspectiva, é que tomamos a pandemia da Covid-19 como um acontecimento complexo que convoca, durante todo seu curso, sentidos, discursos e representações, no sentido de tentar compreendê-la.

Observar a pandemia da Covid-19 como um acontecimento é cada vez mais, claramente, uma escolha metodológica acertada. Na medida em que as relações sociais, econômicas, trabalhistas e culturais que foram antes modificadas se consolidam, mesmo após a diminuição da taxa de transmissão do vírus, observa-se que a pandemia inaugurou de fato, a partir de si, novas formas de interação. Analisemos, portanto, o cenário destas transformações e o contexto no qual ocorreram, a fim de apreender, posteriormente, a configuração da imagem pública de Áurea Carolina a partir de tal contexto.

1.3.2 - Um desastre anunciado

Os meses de junho e julho, em 2020 no Brasil, foram marcados pela divulgação de diversos estudos que apontavam projeções desastrosas para a pandemia do SARS-CoV-2 em

solo nacional. Os principais veículos de notícias do país anunciavam estudos nacionais e internacionais, realizados por instituições que previam números dramáticos e antecipavam a tragédia que viveríamos. Avisos não faltaram, porém, não foram suficientes.

A consultoria americana Kearney divulgou em 1º de junho de 2020 estudo prévio que projetava três cenários para a pandemia da Covid-19 no Brasil. A projeção apontava possíveis 85, 147 e 163 mil mortes ao final de julho no país nos cenários otimista, intermediário e pessimista, respectivamente³⁹. Ainda em junho, o Instituto de Métrica da Universidade de Washington (IHME), nos Estados Unidos⁴⁰, apontou possibilidade de picos de mortes no Brasil da ordem de 5 mil por dia a partir do mês de agosto. A mesma instituição indicava uma janela de 113.673 a 253.131 mortes de brasileiros até quatro de agosto⁴¹.

Rodrigo Weber dos Santos e outros pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora em Minas Gerais (UFJF) e do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET- MG) anunciaram em junho a subnotificação de casos positivos no Brasil (2020). O levantamento, que utilizou sistema computacional para cruzar o número oficial de óbitos com a taxa de letalidade da doença, comparou os dados brasileiros com aqueles divulgados por países e localidades que haviam testado em massa sua população (SANTOS, *et al.*, 2020). Segundo o resultado apresentado, o número real de casos seria oito a dez vezes maior àquela altura.

Belo Horizonte manteve a circulação restrita de pessoas por mais de 90 dias⁴² durante a primeira fase da pandemia da Covid-19 no Brasil. Diversos fatores foram responsáveis pela contenção dos números de propagação do vírus e relativo sucesso em comparação às demais capitais brasileiras. As rápidas e transparentes respostas promovidas pelo poder público municipal, através da instauração do Comitê de Enfrentamento à COVID-19 e a majoritária adesão da população às medidas restritivas de circulação foram cruciais.

Segundo Andrade *et. al.* (2020), a presença do SUS (Sistema Único de Saúde) e diversos dos seus instrumentos de planejamento e organização já estavam consolidados na

³⁹ Estudo apresentado pela consultoria americana Kearney [acesso em: 22 de junho de 2021]. Disponível em: <https://www.br.kearney.com/web/brasil/covid-19-visualization/modelagem-de-cen%C3%A1rios>

⁴⁰ O modelo desenvolvido pela Universidade de Washington foi um dos principais adotados pela Casa Branca para monitoramento dos números da COVID-19 no país.

⁴¹ Projeções da COVID-19 realizadas pelo Instituto de Métrica da Universidade de Washington (IHME) [acesso em 25 de junho de 2021]. Disponível em: <https://covid19.healthdata.org/brazil?view=cumulative-deaths&tab=trend>

⁴² Decreto nº 17.328, DE 8 DE ABRIL DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 17 de agosto de 2021]. Disponível em:

<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1227725>

Decreto nº 17.377 DE 26 DE JUNHO DE 2020, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte [acesso em 17 de agosto de 2021]. Disponível em:

<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1230329>

capital. Segundo eles, em Belo Horizonte, o SUS tem uma trajetória amplamente positiva e regular, “destacando-se o processo de territorialização dos distritos sanitários e a modernização gerencial com a implantação da gestão plena do sistema na década de 1990” (ANDRADE *et. al.*, 2020, p.728-729).

Porém, ao passo em que a doença avançava especialmente no contexto nacional, modificando as nossas relações sociais, os rumos da economia e, principalmente, o curso de vidas em diversas famílias atingidas, a dissociação entre as instâncias governamentais era acentuada. Na ausência de orientações claras e unificadas no plano nacional, estados e municípios tomaram medidas isoladas, ora acompanhando a realidade global que se via no país, ora observando a realidade e o monitoramento dos índices locais. A chegada do mês de agosto trouxe consigo números absurdos.

Em 6 de agosto, fomos surpreendidos pela antecipação e banalização por parte do presidente da república de uma marca que, apesar de anunciada, gostaríamos que não fosse alcançada. Jair Bolsonaro declarou em transmissão pela internet que apesar de estarmos nos aproximando de 100 mil mortes de brasileiros em decorrência do agravamento da pandemia da Covid-19, “vamos tocar a vida e encontrar uma maneira de se safar desse problema”. A declaração passou a compor o enorme corpus de depoimentos e manifestações negligentes do presidente brasileiro, que se alinhavam em uma estratégia de desinformação e distração, conforme registrado por Pedro Pinto de Oliveira no *Diário da Quarentena*. Segundo Oliveira, sua intenção era a de se imunizar contra o desgaste da figura pública, naturalizar as mortes e reduzir a sua responsabilidade e do seu governo (OLIVEIRA, 2021, p. 222).

Da perspectiva sanitária, pode-se dizer que a pandemia do SARS-Cov-2 é o evento mais desafiador de nossa história recente. O Boletim Observatório Covid-19, em edição especial alertou que tratava-se, já em maio de 2021, do maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil⁴³. Caso fosse a pandemia um problema de ordem exclusivamente biológica, talvez encontrássemos mecanismos mais eficazes para controlá-la mais rapidamente. Infelizmente, como mostra Joel Birman (2021, p.55), trata-se de uma questão de ordem social, sanitária, econômica, política e cultural. Em função disso, o combate ao vírus e seus efeitos exige “uma visão interdisciplinar, para que se possa dar conta de sua especificidade e complexidade de maneira conjugada”.

⁴³ Boletim Observatório Covid-19 publicado pela Fundação Oswaldo Cruz da semana de 16 a 29 de maio de 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/06/boletim-covid-fiocruz-16a29mai2021.pdf>

Nesta condição, o acontecimento da pandemia da Covid-19, interpretado à luz dos conceitos que trouxemos até aqui, mobiliza duas dimensões que não podem ser ignoradas. Em primeiro lugar, sua dimensão temporal, seu caráter inaugural. Ao irromper no contínuo temporal de nossas vidas, a pandemia marcou um passado e descortinou um campo de possíveis para o futuro. Todo este novo estado das coisas, configuradas a partir do acontecimento, não só modificaram as relações entre as pessoas, mas o contexto de realização das eleições municipais. Eleitores e candidatos, calendários e suas formas de atuação sofreram com o evento e reagiram a ele. Por consequência, os processos de constituição da imagem pública dos atores envolvidos foram transformados, na medida em que os discursos, as disputas de sentidos e representações foram constantemente adaptados.

Em segundo lugar, seu poder de afetação. Talvez seja, em função de todo o exposto, a pandemia da Covid-19 um dos melhores exemplos atuais para o desenho empírico da perspectiva de Quéré sobre o acontecimento. Segundo Simões, “o acontecimento afeta os sujeitos e, ao mesmo tempo, é afetado por eles” (SIMÕES, 2011, p.131). O acontecimento somente o é enquanto atinge, faz efeito, na interação com alguém que o experimenta.

Esta passibilidade, ou seja, a condição de quem suporta a ação, de quem experimenta os efeitos é característica evidente na vivência de todo aquele que padeceu das consequências nefastas das condições de isolamento impostas pelo contexto da pandemia. Sendo o acontecimento assim compreendido, na medida em que é suportado por alguém, não é necessário que mergulhemos muito profundamente na dor das milhares de famílias enlutadas pela perda de entes queridos, ou nas implicações econômicas, com o aumento assustador do número de desempregados e desalentados para entendermos seu poder de afetação.

Sendo mais profunda e particularmente sentida, esta dura realidade esteve presente diariamente nas muitas perdas de vidas que tivemos em território brasileiro. Entretanto, suas micro implicações, não tão traumáticas, afetaram também nossas vidas e relações. Desde a alteração do calendário eleitoral às vésperas da eleição, passando pelas alterações de métodos, formas e conteúdo de campanhas, até a própria ausência de Áurea Carolina no dia da votação, em função do seu diagnóstico positivo para Covid-19.

Em quaisquer realidades, o enfrentamento de uma pandemia apresenta desafios de enormes proporções. No contexto brasileiro, a acentuada desigualdade socioeconômica expôs à população, ao sistema público de saúde, às instituições e aos governos em todos os níveis uma palpável experimentação. Pudemos constatar claramente a falta de acesso a serviços básicos, a ausência de condições de proteção social e a inexistente proteção financeira para as

camadas menos favorecidas. Consideramos ser, portanto, de larga importância uma digressão nesse sentido. É o que faremos a seguir.

1.4 - Múltiplos Impactos

Não há como falar do Brasil sem que seja considerada sua realidade de profundas e traumáticas distâncias socioeconômicas. Nas últimas décadas, o país observou o agravamento do quadro das desigualdades, aumento da concentração de renda e, por conseguinte, da pobreza. O profundo contraste na distribuição de renda da sociedade brasileira foi assim descrito no início do século:

O diagnóstico básico referente à estrutura da pobreza é o de que o Brasil, no limiar do século XXI, não é um país pobre, mas um país extremamente injusto e desigual, com muitos pobres. A desigualdade encontra-se na origem da pobreza e combatê-la torna-se um imperativo. Imperativo de um projeto de sociedade que deve enfrentar o desafio de combinar democracia com eficiência econômica e justiça social. Desafio clássico da era moderna, mas que toma contornos de urgência no Brasil contemporâneo (BARROS *et al.*, 2000, p.126).

O diagnóstico documentado e relatado por Barros *et al.* no início do século XXI, ganhou contornos ainda mais dramáticos a partir, especialmente, de 2015. Para que se possa explicar a profunda crise humanitária e social a que foi submetido o mundo e o Brasil de forma singular, é preciso, antes, entretanto, posicionar aqueles que com este trabalho têm contato a respeito do que vem a ser o último patamar da miséria - a linha básica da subsistência. Este lugar de onde falamos precisa ser um ponto de baliza para o olhar, sem o qual é impossível que se tenha a exata dimensão do impacto diferenciado da Covid-19 em solo brasileiro.

A pobreza não pode ser definida a partir de um único conceito, mas é razoável que a consideremos, assim como Barros *et al.* (2000), como um conjunto de situações de carência, sob as quais os indivíduos não conseguem manter as condições mínimas para sua sobrevivência. Quando tomada por este prisma, alguns importantes indicadores revelam sua intensificação e profundidade. Para fins de comparação utilizamos o conceito de linha de pobreza. Este parâmetro estabelece um ponto, adotado por países ao redor do mundo para classificar as pessoas quanto à renda. Aqueles que se encontram abaixo deste marco são considerados pobres.

O Banco Mundial estabelece o valor de US\$1,90 (um dólar e noventa centavos americanos) por dia per capita como a linha internacional da extrema pobreza nos países de

renda baixa. O órgão ainda considera dois outros limites: viver com menos de US\$3,20 (três dólares e vinte centavos americanos) ou US\$5,50 (cinco dólares e cinquenta centavos americanos) por dia em países de renda média-baixa e países de renda média-alta respectivamente⁴⁴. Em outubro de 2020, o Banco Mundial projetava cerca de cento e cinquenta milhões de pessoas na extrema pobreza em 2021, em função do agravamento da disseminação da doença provocada pelo vírus SARS-Cov-2.

Boaventura Santos (2020) observa que a atual pandemia não seria, no entanto, uma crise oposta a uma situação de normalidade anterior. Para o sociólogo,

Desde a década de 1980 - à medida que o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo e este foi se sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro -, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. [...] Quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. E, assim, impede que se perguntem as verdadeiras causas da crise. O objetivo da crise permanente é não ser resolvida. Mas qual é o objetivo desse objetivo? Basicamente são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e impedir que se tomem medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. (SANTOS, 2020).

O autor ainda explicita que qualquer quarentena sempre será discriminatória, sendo mais custosa para uns que para outros. Para evidenciar o que propõe, cunha o termo *sul* - que não designa um espaço geográfico, mas um “espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação social” (SANTOS, 2020). Segundo ele, a quarentena em 2020, teria sido especialmente difícil para as mulheres; os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos; os trabalhadores da rua; os sem-teto ou as populações de rua; os moradores de periferias pobres das cidades, favelas, barriadas, slums, caniço; os internados em campos para refugiados, os imigrantes indocumentados ou as populações deslocadas internamente; as pessoas com deficiência e, por fim, os idosos.

No âmbito do Brasil, a experiência da pandemia aprofundou e evidenciou os abismos sociais já existentes. Os impactos da Covid-19 foram comprovadamente mais significativos nas populações marginalizadas. Embora seja cada vez mais evidente a percepção de que a desigualdade social é relevante e decisiva para as possibilidades de superação ou agravamento da doença, uma abordagem utilizada em pesquisa recente mostrou uma realidade ainda mais cruel. Quando a sobreposição de dinâmicas sociais excludentes ocorre, a população inserida

⁴⁴ Dados retirados do Relatório Bial do Banco Mundial - Pobreza e Prosperidade Compartilhada. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/34496/211602ov.pdf>.

neste contexto pode ser dupla, tripla ou multiplamente afetada por um mesmo fator, por mais de uma vez. As análises que se propõem a uma orientação de olhar que observe tais múltiplas afetações estão inseridas no que se chama paradigma interseccional – que será discutido a seguir a fim de demonstrar sua importância para a análise aqui desenvolvida.

A origem da ideia de interseccionalidade é atribuída à Kimberlé Crenshaw. Boa parte da tradição de estudos sobre a cultura negra confere à intelectual negra norte-americana a autoria do conceito. Crenshaw (2016) evidenciou como identidades sociais sobrepostas, em especial identidades consideradas minoritárias, se relacionam a sistemas de opressão e sistemas complexos de violações de direitos. Na oportunidade, mulheres negras viam suas lutas serem constantemente invisibilizadas por não encontrarem espaço de discussão nem no debate feminista nem no debate antirracista no contexto norte-americano⁴⁵.

Patricia Hill Collins (2017, p.10) defende, por sua vez, que a interseccionalidade teria emergido “nos limites entre movimentos sociais e a academia, como um termo que parecia capturar melhor o crescente corpus interseccional de ideias e práticas”. A autora defende que, apesar de não ter militado em movimentos negros nos Estados Unidos, Crenshaw seria intimamente ligada às lutas por justiça destes. Em função disso e de sua condição junto à academia, estaria ela privilegiadamente posicionada para dar publicidade ao conceito.

A intelectual teria, segundo Collins, conseguido falar com dois públicos primários dentro da academia, a saber: acadêmicos-ativistas e acadêmicos que abraçam normas acadêmicas hegemônicas. Os primeiros teriam recepcionado muito bem o conceito em função de encontrarem na teoria relação com seus objetos de estudo e poderem atuar na tentativa de resolução do problema. Os segundos teriam identificado o trabalho de Crenshaw às narrativas do pós-estruturalismo (COLLINS, 2017, p.10-12).

As divergências sobre a autoria do conceito, todavia, são menos importantes que as implicações subsequentes. A partir da utilização do termo por Crenshaw, os estudos sobre interseccionalidade se multiplicaram na academia. Collins afirma, que apesar da multiplicação, teriam os projetos sobre a temática se desvinculado da “promessa inicial do feminismo negro” de “promover políticas emancipatórias para as pessoas que aspiravam a construção de uma sociedade mais justa” (2017, p.15). Este trabalho, no entanto, parte do reconhecimento de que o exercício reflexivo e discursivo e, antes, a possibilidade de fazê-lo

⁴⁵ Kimberlé Crenshaw relatou como o termo Interseccionalidade foi utilizado com o objetivo de tentar abarcar o problema da sobreposição de múltiplos sistemas de opressão pelo poder em palestra no evento TED Women 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality.

em ambiente acadêmico, representam avanços e apontam para a possibilidade de construção de um ambiente de maior justiça social.

Ao nos apoiarmos no paradigma interseccional, observamos que os sistemas de poder sobrepostos afetaram a vida de brasileiros durante a pandemia não de maneira hierarquizada e subsequente, mas simultânea e complementar, ampliando o sofrimento e as dificuldades pelas quais passaram as populações oprimidas. O estudo sobre o impacto da Covid-19 em determinados grupos no Brasil, de Marques *et al.* (2021), analisou a situação de quatro grupos socialmente marginalizados no âmbito do município de São Paulo. Na oportunidade, foram consideradas “trabalhadoras domésticas, usuários de drogas em situação de rua, trabalhadoras sexuais cisgênero da região central da cidade e jovens LGBTQIA+ que vivem com os pais ou responsáveis”. A investigação considerou dois eixos temáticos, a saber: trabalho e moradia.

Ao observarem os dados relativos às condições de acesso à trabalho e moradia no Brasil no período da pandemia, relacionando-os aos recortes dos grupos marginalizados apontados, Marques *et al.* (2021) mostraram que “os impactos socioeconômicos da pandemia se sobrepõem às desigualdades e discriminações estruturalmente existentes em nossa realidade”. Segundo as pesquisadoras, quando combinadas, as condições de vulnerabilidade de determinados grupos são acentuadas em função da atuação de estruturas de poder que intensificam as opressões existentes.

Se determinados grupos já sofriam situações de estigmatização, marginalização e exclusão, a pandemia agudizou esses processos e escancarou necessidades de saúde e sociais. Nesse sentido, parece fundamental afirmar a necessidade de formulação de políticas públicas a fim de assegurar o acesso a direitos fundamentais, a despeito do fundamental desenvolvimento de diversas experiências locais, redes de solidariedade e agenciamentos micropolíticos de resistência e enfrentamento à pandemia. Portanto, as reflexões sobre as condições de vida das pessoas desde uma perspectiva interseccional evidenciam situações e contextos que demandam ações múltiplas, integradas e intersetoriais de forma a enfrentar as iniquidades e desigualdades sociais (MARQUES *et al.*, 2021, p.11).

Em estudo sobre as populações negras no cenário da pandemia da Covid-19, Santos *et al.* (2020) apontam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2019). Segundo os pesquisadores, a participação de populações pretas e pardas em regimes de trabalhos informais é substancialmente maior (47,3%) em relação à participação de pessoas brancas (34,6%). Revelam, ainda, que famílias brancas recebiam, à época no Brasil, salários 73,9% superiores em relação às pessoas pretas e pardas. Além disso, indicam que a população negra é aquela mais fortemente impactada por privações sociais, de moradia, saneamento, educação, emprego e renda. Sobre estas condições, os pesquisadores afirmam que elas “se

acumulam e se inter-relacionam em um cenário de crise sanitária como no caso da pandemia da Covid-19” (SANTOS *et al.*, 2020, p.227-228).

O Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, liderado pelo Departamento de Engenharia Industrial do Centro Técnico Científico da PUC-Rio (CTC/PUC-Rio), analisou a taxa de letalidade do novo Coronavírus no Brasil, em face de indicadores demográficos socioeconômicos. Em sua 11ª nota técnica, o grupo indicou que a taxa de evolução para a morte, a partir da contaminação pela Covid-19, era de 55% para pessoas pretas e pardas, enquanto apenas 38% das pessoas brancas tinham o mesmo destino. Os pesquisadores ainda mostraram que as chances de morte de um paciente preto ou pardo analfabeto seria 3,8 vezes maior que as de um paciente branco com nível superior (BATISTA *et al.*, 2020).

A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (2017) revela um cenário ainda mais problemático que evidencia a sobreposição de condições que expõem determinados grupos ao risco em maior escala, quando comparados a outros. Segundo os dados do estudo, 85,1% dos profissionais de enfermagem do país são do sexo feminino. Em relação à cor ou raça, 57,7% dos profissionais se autodeclararam pretos, pardos, amarelos ou indígenas. Os técnicos ou auxiliares de enfermagem representam 77% da categoria de profissionais da enfermagem no Brasil, sendo apenas os outros 33% enfermeiros com formação superior. Se considerado este recorte e avaliado somente o corpo de técnicos e auxiliares, apenas 37,6% dos profissionais são brancos.

Os dados apresentados são índice da realidade desigual e socioeconomicamente constatável em que vive o povo brasileiro. Ao passo em que as pessoas negras e pardas são aquelas que encontram menores possibilidades de se proteger frente ao desafio imposto pela pandemia, são estas as mesmas que são em maior medida expostas. O cruzamento de dados interseccionais permite, ainda, constatar a dificuldade da mulher negra e parda nesse cenário. Tais números são a materialização das opressões ora relatadas.

Dada a eclosão da pandemia da Covid-19, profissionais da área de saúde constituíram o cinturão de salvaguarda de toda sociedade ao redor do planeta. Os enfermeiros, técnicos e auxiliares em especial foram responsáveis pelo atendimento diário de pacientes acometidos pelo vírus. Em face desta realidade e municiados pelos estudos ora referenciados, somos forçados a conhecer uma triste realidade de sobreposição de condições e posições sociais dadas por estruturas de poder que produzem opressões acrescidas. Dessa maneira, mostra-se ser não só eficaz para jogar luz sobre esta face oculta da realidade socioeconômica, mas necessária a abordagem interseccional no contexto brasileiro da pandemia. É esse cruzamento

de opressões tão evidente no país que abre espaço para figuras públicas emergirem na luta contra as mesmas – como é o caso da personalidade analisada nesta dissertação.

2 - A IMAGEM PÚBLICA NO CONTEXTO DOS ACONTECIMENTOS

Amplas são as possibilidades de pesquisas e investigações sobre figuras políticas, que oferecem um vasto campo analítico e infinitas possibilidades de interface entre diversas áreas de conhecimento como a ciência política, a antropologia, a história, a filosofia ou a linguística, por exemplo. O estudo que ora se empreende abordará o processo de construção de imagem pública de uma figura política. Para tal, partimos do campo de estudos da comunicação social.

Nosso objetivo é compreender *como é constituída a imagem pública de Áurea Carolina nas eleições municipais de 2020 e o que ela revela do contexto brasileiro no acontecimento da pandemia da Covid-19?* Entendemos que o processo de constituição da imagem pública de figuras públicas políticas é indissociável de seu contexto temporal, local, social e econômico. Assumimos, portanto, que a influência da Pandemia da Covid-19 tem enorme importância nesse processo. A tomamos como um acontecimento macro, a partir do qual, constitui-se um ambiente que necessariamente conforma o desenrolar dos fatos políticos e, por isso, o contexto no qual é conformada a imagem pública de Áurea Carolina.

A fim de procedermos à análise, torna-se imprescindível a apresentação do conceito de imagem pública, o qual é responsável pelo alicerce desta investigação. Faz-se também necessária a contextualização desta análise em relação ao conceito de acontecimento. Esta será a empreitada deste segundo capítulo.

No primeiro momento, conceituaremos a noção de imagem pública e apresentaremos os trabalhos já desenvolvidos a partir dela. Em seguida, mostraremos o atual estado das pesquisas sobre imagem pública de figuras políticas. Por último, delinearemos o perfil de Áurea Carolina, de maneira a encaminhar o exame da construção de sua imagem pública.

2.1 - Imagem Pública

A análise sobre a imagem pública desenvolvida neste trabalho segue o caminho conceitual e a tradição dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais (GRIS/UFMG). Nesse sentido, adotamos uma perspectiva praxiológica da comunicação

O conceito de imagem pública pode ser apreendido a partir da noção fundamental de Wilson Gomes, segundo a qual, a

imagem pública de um sujeito é, pois, um complexo de informações, noções, conceitos partilhados por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam.

Imagens públicas são concepções caracterizadoras. Em primeiro lugar, as noções que essas concepções coletivas contêm se referem a propriedades estáveis que estruturam o sujeito, *éthe* no sentido aristotélico do termo, isto é, caráter (GOMES, 2004, p.200).

Nesse sentido, o termo se refere a um conjunto de características comuns e que se mantém ao longo do tempo, sendo reconhecidas publicamente como aquelas que compõem um todo percebido. Neste escopo, não são observadas, como quer Gomes (2004), comportamentos, expressões, ações eventuais, mas aquelas que se repetem, constituindo, então, o hábito do observado. A busca, portanto, é pela apreensão de um conjunto de “atitudes, pensamentos e expressões” (p.200) que, ao serem reprisadas, podem ser tomadas pela identidade psicológica do personagem em questão.

Entendemos que a imagem pública é constituída a partir da ação, de posicionamentos e discursos enunciados por entidades públicas, a saber:

[...] algo ou alguém que é público. Público no sentido visível, conhecido ou de interesse da coletividade. Existem imagens públicas de pessoas, figuras públicas, celebridades, políticos, atletas e existem imagens públicas de instituições, empresas, marcas, governos, países. É a face visível que está em contato permanente com os públicos, que é reportada midiaticamente, que se expõe nas redes sociais digitais (LIMA, 2018, p.45).

É objetivo deste trabalho empreender investigação acerca da imagem de uma figura pública. Servimo-nos, para tanto, da noção de figuras públicas, tal qual apresentada por Vera França (2020, p.39): “pessoas que ocupam cargos ou posições que dizem respeito à vida coletiva e, neste sentido, devem se ater à ideia de bem comum e interesse público”. É precisamente este o caso de Áurea Carolina. O conceito, segundo França, pode ainda ser usado no sentido mais amplo para caracterizar pessoas que, mesmo não ocupando cargos e funções públicas, exercem influências sobre coletividades estendidas. No escopo desta investigação, como visto, interessa-nos a primeira categoria.

Sobre o seu processo de construção, assumimos que a imagem pública é constituída a partir de um conjunto de representações, dadas, ou orientadas por diferentes discursos. Parte-se da noção de Simões e Ferreira (2015, p.73), segundo a qual a conformação da imagem pública é dada a partir de três eixos: a mídia, o público e o próprio personagem. Compreende-se a imagem pública como uma construção permanentemente negociada entre sujeito e espectador, em um processo de edificação e desconstrução permanentes.

A construção da imagem pública se dá em um terreno de constantes disputas de significados. A partir das experiências públicas e privadas das figuras públicas, a mídia produz representações e constrói discursos que, quando em contato com os públicos, afetam

os sujeitos e impulsionam novas experiências. Por sua vez, os públicos quando em contato com discursos proferidos pela mídia e pelos personagens, enunciam outros discursos fazendo emergir outras representações, que passam a compor a vasta teia de significados da imagem pública em questão. Segundo Simões (2009, p.74), nesse movimento, o sujeito, “os atores sociais e a mídia se adaptam e se transformam mutuamente, em um processo marcado pela reflexividade”.

Em um paralelo com os estudos do campo da ciência política, observamos Maria Helena Weber (2009, p.12) mostrar que a construção ou desconstrução da imagem pública “é definida pelo cidadão, receptor, consumidor, em seu grupo ou individualmente” (WEBER, 2004). Para ela, portanto, o produto final será o resultado de disputas ininterruptas entre a sociedade, as figuras públicas e a mídia.

O percurso da construção da imagem pública de uma figura pública é dado, pois, por um processo de síntese. A partir do adensamento e acomodação de diversas representações, configura-se um todo publicamente percebido. Este complexo aparentemente coeso de informações é constituído portanto a partir da observação daquilo que é estável, do que permanece diante da polissemia discursiva apresentada. O resultado deste processo de sintetização e organização, segundo Wilson Gomes (2004), é dado pelo conceito de personalidade, tal qual entendido por Aristóteles:

Chegamos à definição ou compreensão de personalidade, diz o filósofo, porque atribuímos os atos e expressões que vemos a uma disposição estável interior, porque as reconhecemos como suas marcas duradouras, literalmente como seu caráter. Para não nos enganarmos, não observamos os comportamentos e expressões eventuais, mas aqueles constantes, habituais (GOMES, 2004, p. 254).

De grande importância, ainda, é o entendimento de que os discursos midiáticos constroem “redes de sentido que atuam na consolidação da imagem pública de um indivíduo” (LIMA; SIMÕES, 2017, p.2). Esta é uma valiosa premissa especialmente porque, no terreno da política, as trocas entre a mídia, os eleitores e os candidatos ocorre de maneira ainda mais evidente. Em alguns casos, podendo ter até o seu impacto e influência medidos⁴⁶.

Luísa Luna e Rousiley Maia mostram que os veículos de comunicação de massa são os espaços por excelência da representação. Segundo as pesquisadoras, é no âmbito deles que a cena política contemporânea se torna visível. Através deles, os sujeitos recebem elementos

⁴⁶ Muitos estudos avaliaram as condições das trocas entre os veículos de comunicação em massa e agentes políticos, sobretudo em momentos pré-eleitorais e eleitorais. Baptista (2011) mostrou como os processos de interferência política no agendamento midiático no âmbito de grandes veículos mineiros objetivavam conformar uma imagem pública específica de Aécio Neves nas eleições de 2010. Anteriormente, importantes contribuições foram dadas, como as de Aguiar (1993), Amorim (1998), Guimarães e Vieira (1989), LATTMAN-WELTMAN *et al.* (1994), Miguel (1999) e Rubim (1995) e (1999).

para formação de suas opiniões (LUNA; MAIA, 2005, p.95). Destaca-se, aqui, o papel fundamental dos discursos midiáticos no curso desta análise, em função de serem os produtos destes importantes elementos constituintes do nosso corpus.

Entende-se aqui a mídia como elemento fundamental, a partir do qual orbitam, sobre o qual se articulam e no qual são reverberados os discursos que entendemos constituintes da teia de significados que compõem a construção da imagem pública. Nesse sentido, tomamos a cena pública como um ambiente essencialmente midiático. O termo aqui não se refere à constatação pura de sua presença, mas de seu papel central e constituidor.

Servimo-nos do entendimento de Muniz Sodré (2007) sobre midiaticização. Segundo o autor, diversos estudos e campos teóricos ainda insistem em tratar a mídia como algo externo, outro, um terceiro. Sodré atenta para o fato de não mais ser possível estudar fenômenos sociais da ordem da interação tratando a mídia como meio, ferramenta. É preciso que enxerguemos como ela mesma é fundante dos processos de representação e interpretação dos fenômenos.

Por midiaticização, entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiaticização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2007, p.17).

Como mostra Simões, é preciso observar a mídia em sua dimensão praxiológica, por isso, como grande ponte para as conexões sociais. A partir dela e servindo-se dela, os atores discursam, afetam e são afetados. Como resultado destes processos, os indivíduos são convocados à ação.

Se abordamos a mídia a partir desse viés, ela passa a ser vista como instauradora de interlocuções na sociedade em que se inscreve. Os fenômenos midiáticos podem ser apreendidos como atividades mediadas simbolicamente que colaboram na constituição de uma perspectiva comum entre os sujeitos. Os atores sociais que se engajam nessas ações constroem significados que serão disponibilizados nos dispositivos midiáticos e apropriados pelos sujeitos nas práticas sociais. As intenções e as motivações dos indivíduos não existem prontas *a priori*, mas emergem e se atualizam na própria constituição das interações entre a mídia e a vida social (SIMÕES, 2009, p.75).

Nesse sentido, entende-se que é a partir dos movimentos constantes e negociados de tensionamentos e distensionamentos, dos processos de validação e ruptura, de edificação e demolição que se constitui a imagem pública. Importante papel cumprem, nesse contexto, os

discursos midiáticos. Estes atuam sobre os indivíduos, propondo uma construção de significados e convocando-os a agir. Em um segundo momento, ainda reverberam as possíveis afetações dos públicos envolvidos, retroalimentando, assim, o ciclo de interação comunicativa.

Toda essa complexa trama ganha ainda mais relevância diante do contexto político. Não só em função da penetração da mídia, mas também por sua capacidade de conectar os pontos interessados e participantes dos processos eleitorais. Assumindo-se a perspectiva de um mundo midiático, admite-se que todos os atores estão, enquanto agem, passíveis de serem colocados para dentro de regimes midiáticos de visibilidade. Essa possibilidade, por si, reconfigura as perspectivas políticas e modifica o jogo eleitoral.

2.2 - Imagem Pública de Figuras Políticas

A análise de figuras políticas, em quaisquer campos de estudos, precisa levar em conta os fatores que atuam diretamente nas conjunturas eleitorais nas quais estas figuras encontram-se inseridas, tais como as localidades e as temporalidades. A análise do processo de constituição de imagens públicas de figuras políticas também precisa levar tais elementos em consideração, a fim de que se obtenha um resultado verossímil. Neste estudo, uma análise que promova e cruze as relações entre todas estas dimensões mostra-se ainda mais importante. Isso porque é proposto a partir de um recorte não só político, mas eleitoral, ou seja, ocorre na cena política, em um determinado período no qual as disputas são ainda mais acirradas: o momento do pleito eleitoral.

Diante da iminência de uma eleição, características regionais e temporais tornam-se ainda mais evidentes. Isso se dá em função da tentativa de cada candidato de se eleger e, por isso, de disputar de maneira mais enfática e incisiva a preferência do eleitorado. Dessa forma, inserem-se nas competições tentando promover seus valores, levando em conta o contexto, de forma a mobilizar sentidos e convocar o eleitorado a agir. Maria Helena Weber mostra que

Cada ação política prevê apoio, defesa, ataque e, neste sentido, depende de visibilidade pública e, nessa direção, pactos e disputas são ingredientes permanentes dos modos de fazer e aparecer publicamente. É preciso promover, ser visto, aprovado, reconhecido como político, primeiramente no espaço partidário e, depois, no exercício da representação junto aos poderes Executivo, Legislativo ou Judiciário. Outro nível de pactos e disputas da representação ocorre na intermediação dessa representação, especialmente nos *media*. As ações do representante político são justificadas, contestadas ou ignoradas em instâncias de produção de opinião e ações equivalentes. É o caso da base partidária, dos partidos adversários, movimentos sociais, entidades de classe, grupos religiosos, organizações representativas e,

particularmente, os meios de comunicação de massa. Essas aparições não ocorrerão sem pactos e disputas em torno do interesse público e interesses privados de cada uma das instituições e sujeitos e todas são submetidas a espaços de visibilidade pública. (WEBER, 2009, p. 16-17).

Sendo o momento eleitoral o acontecimento que simultaneamente finaliza um ciclo e, a partir de si, inicia outro, outorgando, atribuindo e destituindo personagens de ambientes de poder, é nele que se veem agravadas as condições de polêmicas, controvérsias e rivalidades apontadas por Weber. Em função disso, apesar de fazer-se necessário um levantamento dos estudos até aqui desenvolvidos acerca das imagens públicas figuras políticas, é preciso que seja feita uma importante ressalva: cada um deles é histórica, social e temporalmente localizado. Muito embora relevantes e importantes para a investigação em curso, alguns destes encontram-se dissociados de momentos eleitorais e, certamente, foram realizados em outras condições que não as dadas pela pandemia da Covid-19, já referida. Essa constatação não diminui suas contribuições, mas os distingue especificamente deste trabalho.

As pesquisas sobre imagens públicas de figuras públicas, assim como as teorias da comunicação política, são recentes do ponto de vista histórico. Tanto uma quanto outra são produtos da expansão da *comunicação de massa*. Segundo Gomes, data de “algum momento nos anos 60 o surgimento de tentativas de pensar não mais simplesmente os efeitos dos meios e recursos da comunicação nos fatos da política” (GOMES, 2004, p.11). A partir de então, passou-se a investigar a relação entre ambas.

Uma importante referência para estudos sobre imagens públicas no Brasil é Walter Poyares (1997). Em sua obra *Imagem Pública: glória para uns, ruína para outros*, o pesquisador traça um paralelo entre imagens de figuras públicas que foram consolidadas e outras que ruíram ao longo dos anos. Nessa espécie de manual, Poyares correlaciona princípios da comunicação e de relações públicas na medida em que apresenta exemplos. O ex-senador Antônio Carlos Magalhães, o empresário Roberto Marinho e o ex-governador Leonel Brizola são algumas das figuras analisadas.

Recentemente, o importante trabalho de Laura Lima (2018) ofereceu grande colaboração ao apresentar expressivo apanhado de obras que fizeram investidas nos estudos de imagens de figuras públicas. Em sua pesquisa, Lima partiu da análise da construção das imagens públicas dos ex-presidentes brasileiros Dilma e Temer durante o processo de impeachment de 2016. A pesquisadora realizou elaborada empreitada, evidenciando as dinâmicas relacionais envolvidas na edificação das imagens das figuras em questão.

Em seu percurso, Lima apresentou relevantes pesquisadores que colaboraram para a organização do campo de pesquisa. Segundo ela, as contribuições de diversos historiadores,

dentro e fora do Brasil, foram importantes nesse sentido. Peter Burke (1994), historiador inglês, apresenta uma análise sobre Luís XIV, o rei Sol, que governou a França por setenta e dois anos, tendo se transformado em um verdadeiro símbolo da monarquia europeia. Burke mostra como o monarca fez orbitar em torno de si artistas, escritores, cientistas, artesãos e historiadores, reunidos pelo propósito de transformá-lo em um símbolo, um ícone, um índice da presença de Deus na terra. O pesquisador aponta, ainda, a existência de um sistema centralizado encarregado de gerir a imagem do rei, onde o próprio era o responsável pelas decisões sobre a veiculação ou não de conteúdos.

Lima ainda apresenta outros exemplos, como os dos historiadores Noble E. Cunningham (1981), Zvi Yavetz (1983), Douglas Bukowski (1998), Jefferson Queler (2014) e Vanessa Puyadas Rupérez (2016), que investigaram, respectivamente, as imagens públicas de Thomas Jefferson, do imperador Júlio César, do ex-prefeito de Boston William Hale "Big Bill" Thompson, do ex-presidente Jânio Quadros e da rainha Cleópatra VII. Esses trabalhos constituem importante quadro bibliográfico do ponto de vista histórico.

Ainda em sua análise, Lima mostra como outros estudos no campo das ciências políticas e da comunicação descortinaram importantes compreensões, que colaboraram para as pesquisas relacionadas à imagem de figuras públicas. Luna e Maia (2005) analisaram a construção da imagem pública do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos pleitos de 1989 e 2002; Oliveira, Leal e Mira (2014) investigaram a construção de imagem pública do político mineiro Aécio Neves, com foco na campanha presidencial de 2014; enquanto Érica Batista e Mariana Passos (2014) pesquisaram a imagem do ex-presidente venezuelano, Hugo Chávez.

Os valorosos registros de Lima devem ainda ser acrescidos de outras contribuições igualmente valiosas. Duas importantes análises são destacadas quando considerada a projeção da personalidade no quadro político mundial. Douglas Kellner (2010) desenvolveu análise sobre a emergência do ex-presidente norte-americano Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008. Por sua vez, Márcio de Vasconcellos Serelle (2014) investigou a imagem pública do controverso líder sulamericano Che Guevara.

Na conjuntura nacional, Fagner Torres de França (2010) analisa a construção da imagem pública da política Wilma de Faria, do estado do Rio Grande do Norte, em 2002 e 2006, dando grande ênfase para a atuação midiática no percurso. Tendo sido deputada constituinte, três vezes eleita prefeita da capital potiguar e em duas oportunidades eleita governadora do estado, Wilma é relevante representante da região nordeste do Brasil e das mulheres na política – sendo, portanto, o estudo merecedor de créditos. Terezinha Silva e Paula Simões (2019) investigaram a constituição da imagem pública do ex-juiz e ex-ministro

Sérgio Moro, dando grande ênfase aos valores mobilizados no contexto das disputas políticas brasileiras.

Outras importantes pesquisas integram a bibliografia sobre o assunto de maneira indireta. Isso porque, assim como o já referido exame de Weber, tratam do estatuto da imagem pública nas disputas políticas sem que seja realizada a observação de uma figura específica. É o caso do delineamento proposto por Célia Lúcia Silva e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2009) ao investigarem as *estratégias comunicativas para a (des)construção da imagem pública* no contexto das campanhas eleitorais. Esse também é o sentido da contribuição de João Kamradt (2019) ao direcionar o seu olhar para as chamadas *celebridades políticas ou políticos celebridades*.

Diante desse levantamento bibliográfico apresentado, é possível constatar o objeto de breve incursão no início desta sessão. A análise de imagens públicas de figuras políticas é possível a partir de diversos cenários. Cada uma delas, no entanto, é dada a partir de um recorte em que as temporalidades, localidades e as circunstâncias sociais, econômicas, relacionais e conjunturais determinam as condições nas quais as imagens das figuras em questão são formadas. Em suma, também é esta a proposta dessa pesquisa. Porque é desta forma que entendemos os processos de conformação de imagens públicas, a saber:

- 1) é realizado de forma relacional, constituída a partir das interações e disputas de significados entre as próprias figuras públicas, os públicos envolvidos e os meios de comunicação;
- 2) é contextual, ou seja, ocorre em determinada conjuntura local, histórica, temporal, social e, por isso, produz uma imagem que retrata este momento.

Em função disso, mais uma vez salientamos a contribuição dos referidos estudos, ressaltando que estes cooperam mais com a análise corrente no sentido de evidenciar a dimensão propriamente contextual das investigações acerca das constituições de imagens públicas. Cada um deles diz sobre a história do momento no qual foram produzidos. Por isso, salientamos a importância da observação do processo de constituição de imagens públicas de figuras políticas não só como uma análise das figuras e dos sentidos mobilizados por esta, mas como uma análise que diz sobre a realidade do momento.

O entendimento do processo de constituição das imagens públicas de maneira relacional e contextual tem implicações para além do conceito e extrapolam o produto da análise. Essa maneira de olhar para o fenômeno exige uma abordagem metodológica que observe diversos discursos e incorpore no corpus da pesquisa diversos elementos, colhidos em

vários meios, a fim de oferecer uma vasta teia de significados que tenham emergido a partir de diferentes pontos e sob a ação de diversos fatores. Somente esta abordagem é capaz de produzir uma fotografia de momento que seja relevante. Voltaremos a esta questão quando da exposição do nosso percurso analítico.

2.3 - Uma imagem Áurea e pública

A empreitada que executamos nestas páginas é devedora, ou pelo menos, deriva de eventos e acontecimentos importantes do início desta década. Também o são as manifestações sociais, políticas e, em última medida, eleitorais a partir das quais é possível investigar uma teia de significados, discursos e disputas de sentido que atuaram quando de suas ocorrências na construção de redes de significado. Esta pesquisa pretende atuar neste sentido, de maneira a analisar a formação da imagem pública de uma das importantes figuras envolvidas neste contexto.

Os movimentos cívicos referidos surgem na esteira de transformações plantadas, propostas e cultivadas desde as manifestações políticas ocorridas no Brasil em junho de 2013. Organizações, coletivos, associações, grupos e, em certa medida, uma geração foram impactados e influenciados por estes acontecimentos. A partir desses eventos, projetaram-se politicamente diversas lideranças que hoje atuam no contexto político institucional brasileiro.

Conforme apresenta Ilse Scherer-Warren, as movimentações cívicas de 2013 tomaram, na oportunidade, amplas proporções em função da importância e da relevância de suas bandeiras, mas também pela heterogeneidade de seus públicos, bem como das reivindicações. Unidos pela objetiva e pragmática necessidade de aumento da participação política, estavam, porém, os presentes distantes tanto em relação à forma de ingresso, de adesão aos movimentos, quanto em relação às pautas defendidas nos atos.

O repúdio à repressão legitimada pelo Estado, por um lado, e a solidariedade à liberdade de expressão da cidadania, por outro, formaram o mote para a ampliação das manifestações em todo o país. O direito ao exercício da cidadania, da voz e da opinião pública a partir do povo propriamente dito era o que estava em jogo. Esse foi um sentimento que se transformou numa articulação discursiva de defesa da participação cidadã, num sentido excessivamente genérico, estimulado através de um discurso mediático de longo alcance, mas de pouco aprofundamento. O resultado foi o aumento exponencial do número de participantes e a multiplicação, em vários territórios urbanos, de manifestações autônomas, expressando solidariedades, mas também, frequentemente, antagonismos verbais e, às vezes, físicos entre subgrupos, devido à expressão de alinhamentos políticos e (ou) partidários em disputa (SCHERER-WARREN, 2013, p.419).

Ainda que empunhando bandeiras diferentes e, não raras vezes, antagônicas, muitos foram os movimentos cívicos organizados em busca de maior renovação e representação

política. Apesar de ser esse contraponto um dos motivos pelos quais os eventos se multiplicaram e observaram o aumento de adesão dos públicos e cobertura midiática exponenciais, também foi esse um dos motivos pelos quais os mesmos não lograram êxitos imediatos.

Apesar de poucos reflexos diretos em função da dispersão de suas pautas, como bem esclarece Marcelo Santos, os resultados políticos das Jornadas de Junho em 2013 têm implicações diretas na forma como se dão os questionamentos sobre a política brasileira e seu sistema por parte da sociedade civil nos anos subsequentes. Apesar de se apresentarem como alternativas ao sistema político tido por tradicional, contraintuitivamente, no entanto, movimentos cívicos foram, a partir de 2016, organizados por dentro das instituições, servindo-se delas. Como é o caso das iniciativas Acredito⁴⁷ e Agora⁴⁸ - coletivos que, ao invés de demonizarem a política, tentaram ampliar e democratizar o acesso a ela - e do RenovaBR, que se autointitula uma “escola de formação política, mantida por cidadãos comuns” que busca uma atuação independente⁴⁹ (SANTOS, 2019, p.129). Apesar de terem sua gênese temporal em comum, ou seja, terem surgido em um mesmo período e, aparentemente, sob as mesmas condições sociopolíticas, é preciso registrar que os movimentos possuem características, propósitos, formas de atuação e sistemas de financiamento distintos, sendo alguns mais progressistas e outros mais conservadores do ponto de vista econômico e social, uns independentes e outros, inclusive, fortemente financiados pelo setor privado e partidos políticos.

Imerso nesse contexto político-social e diretamente envolvido porque profissional na área, nas eleições municipais de 2016, uma campanha em especial chamou minha atenção. Não só porque aconteceu em Belo Horizonte, minha cidade, mas por sua natureza estrutural e forma diferenciada de abordagem na sua relação com o eleitorado. O Coletivo MUITAS apresentou à capital mineira a primeira experiência de campanha coletiva no estado de Minas Gerais.

Um plano de ação em que candidatos pediam abertamente aos eleitores que votassem em outros companheiros caso não fossem votar neles mesmos soava de maneira muito ruidosa aos ouvidos de alguém que havia convivido por tantos anos com o sistema partidário predatório brasileiro. Eu conhecia aquele lugar, conhecia os mecanismos e desconfiava ser

⁴⁷ Informações disponíveis na sessão “Sobre o Acredito” do site do movimento [acesso em: 8 de julho de 2021]. Disponível em: <https://movimentoacredito.org/quem-somos/>

⁴⁸ Informações disponíveis na sessão “Nossa Visão” do site do movimento [acesso em: 8 de julho de 2021]. Disponível em: <https://www.agoramovimento.com/quemsomos/nossa-visao/>

⁴⁹ Informações disponíveis na sessão “Quem Somos” do site da escola [acesso em: 8 de julho de 2021]. Disponível em: <https://www.renovabr.org/quem-somos/>

temerário trabalhar desta forma junto ao eleitorado. Qualquer mensagem que pudesse confundir o eleitor era rapidamente apagada das minhas estratégias em todas as campanhas que pude coordenar.

As regras para um profissional como eu eram claras: o eleitor precisa receber uma mensagem simples e de rápida assimilação. Números sempre em evidência, cores dos partidos privilegiadas nas peças e o rosto do candidato exatamente como apareceria na urna, no dia da eleição. É de se imaginar, portanto, como uma candidatura coletiva, que se pretendia horizontal, empática e colaborativa se apresentava a mim.

Na tentativa de conquistar uma cadeira para representar coletivos e interesses outrora colocados para fora do regime de visibilidade, Áurea Carolina, Avelin Buniacá Kambiwá, Bella Gonçalves, Cida Falabella, Cristal Lopez, Dário de Moura, Dú Pente, Ed Marte, Fred Buriti, Marimar, Nana Oliveira e Polly do Amaral tiveram sucesso. A preocupação do coletivo estava na luta das mulheres, das pessoas negras, dos povos indígenas, das pessoas LGBTIQA+, pelo direito à cidade, pelos animais e verdes, por uma política anti-prisional e pela legalização das drogas, pelas juventudes e pelo povo da cultura⁵⁰.

O movimento articulou-se em torno de demandas por ocupação dos espaços públicos da cidade de Belo Horizonte que se sucederam durante anos. Suas raízes remontam ao ano de 2011 quando da criação do movimento “Fora Lacerda” em oposição ao governo do então prefeito Márcio Lacerda. Esse episódio, no entanto, será tratado lateralmente sendo uma oportunidade posterior para aprofundamento. É aqui recuperado, entretanto, para evidenciar que, quando das manifestações políticas de 2013, a capital das Minas Gerais fervilhava em um contexto de lutas e disputas por espaços e pertencimentos no ambiente público, como registra Lorraine Inácio:

Em 2013, a realidade da cidade de Belo Horizonte é a de uma profunda efervescência da vida política através destes movimentos de contestação social e da articulação de diversos ativistas por causas. Quando as Jornadas de Junho de 2013 acontecem, Belo Horizonte já contava com as redes previamente articuladas e organizadas com pautas claras em relação ao direito à cidade e aos demais temas levantados pelas manifestações em São Paulo (INACIO, 2019, p. 39).

“As Muitas pela cidade que queremos”, nome original pelo qual era conhecido o movimento, nasceu em 2015 na tentativa de alinhamento de forças e pela atuação coletiva de artistas, ativistas e integrantes de diversos movimentos sociais. Sua intenção original era a de discutir e pensar a cidade, muito embora, algum tempo depois tenha atentado para a

⁵⁰ Informações disponíveis no portal *Gabinetona* criado pelo Movimento Muitas e mantido pelos mandatos dos representantes eleitos pelo movimento. Disponível em: <https://gabinetona.org/site/>

necessária construção de nomes e plataformas para disputas eleitorais (INACIO, 2019, p.39). Desencadeou-se deste embrião uma construção coletiva que ensejou vitórias sucessivas.

Em outubro de 2016, as candidatas do coletivo, organizadas sob a legenda do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), conseguiram não só uma, mas duas vagas na Câmara Municipal. Além de Áurea Carolina (17.420 votos), Cida Falabella (3.454 votos) foi eleita. Juntas, as candidatas do coletivo obtiveram 35.615 votos⁵¹. “Durante a campanha, as 12 candidatas pediam uma votos para a outra, sob o mote “votou em uma, votou em todas” e no site do movimento era possível apresentar, opinar e votar em propostas das candidatas” (SECCHI *et al.*, 2019, p. 41).

A partir da posse, constituiu-se um gabinete integrado para o atendimento de ambos os mandatos. Com uma única equipe integrada, a Gabinetona (nome dado ao projeto) passou a organizar a atuação política de ambas as vereadoras de forma compartilhada. Segundo a Rede de Ação Política pela Sustentabilidade, essas estruturas podem ser denominadas mandatos coletivos ou compartilhados, a saber:

Mandatos coletivos ou compartilhados são formas de exercício do poder legislativo por um grupo de cidadãos que, juntos, têm tarefas de elaboração de projetos de leis, fiscalização do poder executivo, representação e posicionamento parlamentar. Esses mandatos são liderados por uma/um porta-voz que possui o vínculo formal com o partido político e com a casa legislativa (Câmara de Vereadores, Assembleia Legislativa, Congresso Nacional), mas com um compromisso político de compartilhamento deste mandato com seu grupo de “co-parlamentares” (RAPS apud. SECCHI; LEAL, 2020).

Como porta-voz do movimento Muitas e à frente de um mandato muito combativo e midiático em função do ineditismo de sua campanha, bem como do sistema de gestão do gabinete, Áurea Carolina torna-se rapidamente uma importante e reconhecida figura no contexto político local. O mesmo coletivo, na tentativa de ampliar o alcance de suas políticas, bem como o volume de suas reivindicações, decide lançar a parlamentar nas eleições de 2018.

Em apenas dois anos, Áurea passa da condição de vereadora mulher mais votada da história de Belo Horizonte, à deputada federal majoritária da capital. Ao saltar de 17.420 para 162.740 votos em 2018, dos quais 79.290 em Belo Horizonte⁵², a deputada não só fez história, como entrou para o hall de protagonistas da cena pública no estado. Dessa forma, acabou por

⁵¹ Dados oficiais do TRE-MG. Disponível em: <http://apps.tre-mg.jus.br/aplicativos/html/ele2016/consulta.html?p={filtro:%22resultado-por-municipio%22,titulo:%22Por%20munic%C3%ADpio%22}#>

⁵² Dados oficiais do TRE-MG. Disponível em: <https://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/divulgacao-dos-resultados-1>

referendar também uma nova forma de fazer política que se provou mais do que possível, extremamente eficaz e exitosa.

O movimento ascendente de Áurea Carolina pode ser compreendido a partir de sua biografia. Sua história de lutas e sua forte ligação com os movimentos sociais alavancaram sua carreira política. Vinda de uma família de origens humildes, Áurea Carolina nasceu em Belo Horizonte, onde foi criada e se formou para a vida pública. Sua vivência foi marcada por aspectos econômicos, sociais e culturais que a fizeram experimentar, desde muito cedo, dificuldades e opressões diversas, responsáveis por determinar a sua luta e o seu lugar na política. Áurea foi criada, juntamente com a sua irmã, por uma mulher forte. Em função da precoce separação de seus pais, coube, solitariamente, a sua mãe a criação, a educação e a gestão do lar.

Sua educação formal foi integralmente realizada em instituições públicas. Áurea estudou no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e na Universidade Federal do Estado de Minas Gerais (UFMG). Sua instrução para a vida política, no entanto, deveu-se, em grande medida, a sua atuação junto aos movimentos e causas sociais. Ainda jovem, tornou-se vegetariana, conheceu e integrou o grupo de rap Dejavuh. Profundamente ligada ao universo hip hop, Áurea encontra ali um espaço de reivindicação de direitos, lutas por espaços e afirmação de sua cidadania.

Nos tempos de universidade, Áurea Carolina conhece as articulações em prol dos direitos das juventudes. Atua na criação do Fórum das Juventudes da Grande BH, integra o Conselho Municipal da Juventude e participa dos primeiros espetáculos responsáveis por levar os elementos do hip hop para o Festival de Arte Negra (FAN). Após a faculdade, estuda na Espanha e se especializa em gênero e igualdade.

Dos caminhos que trilhou para tornar-se uma figura pública, Áurea carregou as bases para a sua atuação enquanto parlamentar. As principais bandeiras defendidas e pautas mobilizadas por seus mandatos estão intimamente ligadas às lutas e obstáculos que lhe foram impostos ou aqueles que se propôs a enfrentar. Mulher, negra, jovem, periférica e, posteriormente, mãe. Áurea Carolina sintetiza em si, em sua biografia, um recorte interseccional, que expõe as sobreposições de opressões enfrentadas por estes públicos no Brasil e, em especial, na arena política.

3 - DESENHO METODOLÓGICO

O objetivo dessa seção é apresentar a estrutura a partir da qual esta pesquisa foi realizada. Os caminhos metodológicos, por sua natureza, são mutáveis. Apesar de haver um projeto que orienta o percurso, ou seja, um plano de execução com posição de largada definida, ideia de roteiro e expectativa de chegada, as contingências próprias da pesquisa exigem adaptações durante sua realização.

Este trabalho apresenta, ainda, um importante fator para além das imprevisibilidades colocadas pelo fazer da exploração. A análise de formação de imagens públicas, quando tomada de maneira relacional e contextual, exige daquele que observa uma visão holística. É preciso estar atento para as diversas enunciações de discursos que fazem emergir a teia de significados que constitui a imagem pública.

Nos capítulos anteriores procuramos estabelecer o mapa contextual no qual está inserida a figura pública analisada e a partir do qual configura-se a sua imagem pública. Além disso, buscamos estabelecer as bases teóricas para a análise de maneira a tornar possível a resposta à pergunta: *como é constituída a imagem pública de Áurea Carolina nas eleições municipais de 2020 e o que ela revela do contexto brasileiro no acontecimento da pandemia da COVID-19?*

Dessa forma, esta dissertação buscou orientar-se pelo escopo inicial, mantendo, no entanto, as possibilidades de correções de rotas em aberto. Essa escolha metodológica foi importante para as diversas mudanças e adaptações que foram realizadas no curso do trabalho e que serão expostas a seguir.

3.1 - Recorte Empírico

O estudo sobre a constituição de imagens públicas a partir da ocorrência de um acontecimento parte do próprio delineamento do fenômeno para, então, realizar escolhas internas que possam orientar os caminhos da pesquisa. Nessa oportunidade, o recorte empírico é dado pela trajetória de Áurea Carolina nas eleições municipais de Belo Horizonte em 2020, realizadas quando do acontecimento da pandemia da Covid-19. O período cronológico, portanto, está compreendido entre os meses de fevereiro e novembro do mesmo ano.

A fim de promover análise que buscasse apreender as possíveis implicações da maior pandemia da história nas relações eleitorais em Belo Horizonte, procuramos apontar

acontecimentos menores que simultaneamente correlacionassem as datas do calendário eleitoral e os marcos da pandemia em curso. Foram selecionados períodos considerados importantes, levando-se em conta a própria perspectiva do conceito de acontecimento, ou seja, pontos que inaugurassem a partir de si uma nova fase, rompendo o estado de normalidade das coisas até então. A princípio, as datas selecionadas foram:

1. 08/04/2020 - Alexandre Kalil decreta o fechamento de Belo Horizonte;
2. 16/06/2020 - Anúncio da Pré-Candidatura de Áurea Carolina;
3. 08/08/2020 - Brasil atinge 100 mil mortes pela COVID-19;
4. 31/08/2020 - Convenção Partidária do PSOL Confirma Áurea Carolina;
5. 27/09/2020 - Início da Campanha Eleitoral;
6. 05/10/2020 - Divulgação da primeira pesquisa DataTempo/Quaest;
7. 15/10/2020 - Divulgação da primeira pesquisa Ibope;
8. 11/11/2020 - Divulgação de pesquisa Datafolha;
9. 14/11/2020 - Áurea Carolina testa positivo para Covid-19;
10. 15/11/2020 - Dia do Primeiro Turno da Eleição.

O recorte proposto teve como objetivo apresentar momentos importantes, a partir dos quais pudéssemos analisar os discursos proferidos por Áurea Carolina, pelos públicos e pela mídia e apreender destes os valores mobilizados e sentidos disputados. Partindo do entendimento de que a imagem pública é multifacetada, relacional e contextual, assumimos que as reportagens e as publicações próprias ofereceriam pontos de vista distintos, trazendo assim uma maior diversidade de elementos para a composição da pesquisa.

3.2 - Procedimentos Metodológicos

Com o objetivo de proceder a análise que virá em seguida, faz-se necessário evidenciar os procedimentos utilizados. O percurso proposto lança mão de três dinâmicas que serão brevemente explicitadas a seguir, a saber: pesquisa bibliográfica, pesquisa empírica e análise de dados. Vamos a elas.

3.2.1 - Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica atua no sentido de oferecer profundidade aos conceitos acionados no percurso da análise. Procuramos aqui discutir as seguintes ideias e eixos temáticos: acontecimento, imagem pública, pandemia, eleições e interseccionalidade. A articulação dessas definições edifica a fundamentação teórica deste trabalho e propicia a criação da grade analítica que será apresentada.

3.2.2 - Pesquisa Empírica

A pesquisa empírica compreende a coleta de dados relativos aos períodos dos acontecimentos aqui delimitados, a saber: o acontecimento macro, a pandemia da Covid-19; o acontecimento das eleições municipais do ano de 2020 em Belo Horizonte; e os dez micro-acontecimentos acima elencados. Compreendemos, portanto, o universo temporal como tendo início em 26 de fevereiro do ano de 2020, a partir da confirmação do primeiro caso positivo da doença no Brasil, e estendendo-se até 16 de novembro do mesmo ano, dia posterior à realização do primeiro turno das eleições.

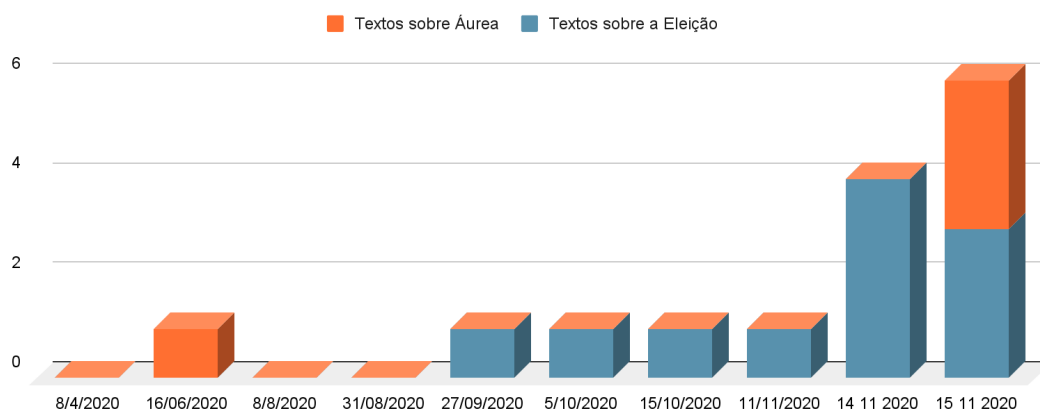
Procedemos à coleta de materiais delimitados pelo período do acontecimento macro já detalhado: a pandemia da Covid-19, balizada pelas datas elencadas. Tendo em vista a perspectiva de construção da imagem pública já exposta, buscamos reunir fragmentos diversos tanto dos textos midiáticos, quanto das redes sociais, a fim de construirmos um corpus qualificado que pudesse apreender uma realidade multifacetada, tal como a compreendemos. Esse corpus será apresentado a seguir.

3.2.3 - Corpus

Na etapa inicial de nossa análise, optamos por realizar a busca do termo “*Áurea Carolina*”⁵³ na plataforma *google.com*, fazendo o uso das ferramentas de filtros para especificar em cada consulta as datas dos eventos. Organizamos a coleta de maneira a rastrear as notícias em alguns veículos, a saber: Portal da Rede Globo G1 (www.g1.globo.com); Portal da Rádio Itatiaia (www.itatiaia.com.br); Portal do Jornal O Tempo (www.otempo.com.br); Portal UAI, dos Associados Minas, dentre os quais o Jornal Estado de Minas (www.uai.com.br); e Portal BHaz (www.bhaz.com.br). As buscas, surpreendentemente, retornaram apenas 16 resultados sendo assim distribuídos.

⁵³ O comando “entre aspas” efetua a busca pela ocorrência exata de tudo que está entre as aspas, agrupado da mesma forma na plataforma. Optamos por executar a busca desta forma de maneira a evitar possíveis resultados que considerassem somente o termo *Áurea* ou o termo *Carolina*.

Gráfico 1 - Distribuição de textos que mencionam Áurea Carolina por datas

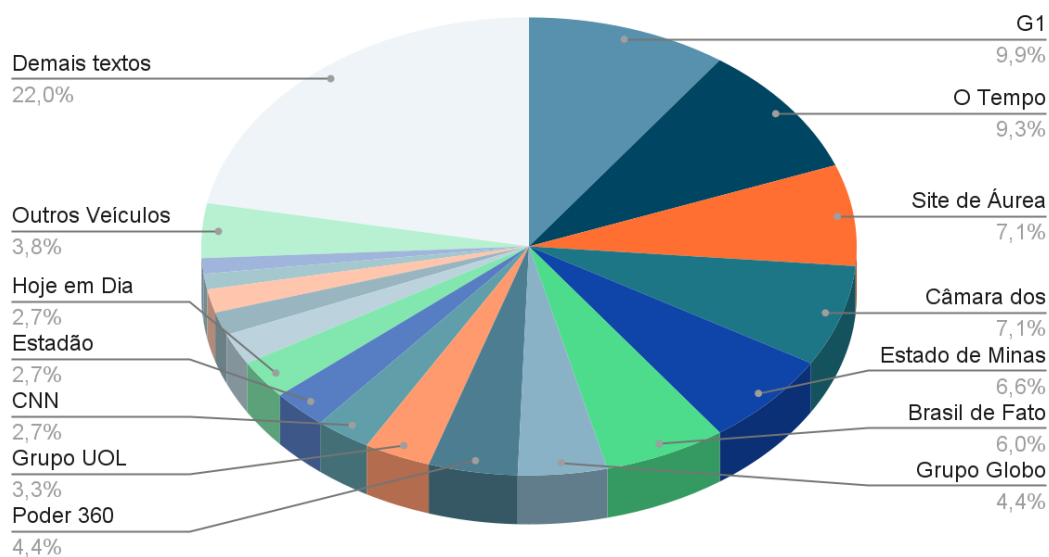


O baixo volume de registros mostrou ser evidente a necessidade de ampliação do escopo do material de análise. Três causas foram particularmente assumidas como possibilidades para a explicação do número reduzido de amostras. Em primeiro lugar, aventamos a possibilidade de haver sido o recorte temporal demasiadamente arbitrário. Em uma segunda hipótese, refletimos sobre a possibilidade de haver baixa cobertura das eleições por parte dos portais elencados. Por último, consideramos a probabilidade de haver uma reduzida intenção de veicular notícias sobre a candidatura de Áurea Carolina.

Para responder a estas perguntas e podermos reunir o corpus adequado, de forma a permitir a análise alargada do processo de construção da imagem pública de Áurea, resolvemos promover buscas considerando todo o período referido. Direcionamos a ferramenta com data inicial em 26 de fevereiro e data final em 16 de novembro de 2020. Houve, então, uma ampliação considerável do quantitativo de textos.

Contabilizamos um universo de 182 unidades de análise que foram dispostas em uma planilha. Destas, 105 foram identificadas como sendo provenientes de veículos de mídia tradicional. As 77 demais ocorrências respondiam por publicações de sites de veículos administrados por movimentos sociais, políticos e instituições oficiais e não oficiais de outra natureza que não midiática. Dentre estes, destacam-se o site da candidata Áurea Carolina *aureacarolina.com.br*, o site oficial da Câmara dos Deputados do Brasil: *camara.leg.br* e o site mantido por movimentos populares *brasildefato.org.br*. A disposição dos registros foi organizada em gráfico para melhor apreensão.

Gráfico 2 - Distribuição dos textos que fazem referência à Áurea Carolina por veículo



Fonte: Construção nossa.

As reportagens foram então, mais uma vez examinadas, a fim de realizar o cruzamento das datas de suas disseminações com as dos micro-acontecimentos supramencionados, que determinaram marcos importantes do calendário eleitoral e da pandemia da Covid-19 no Brasil. Foram excluídos da análise as quarenta unidades correspondentes à alcunha Demais Textos no gráfico. Isso em função da baixa relevância e diminuta segurança das informações disponíveis.

Dos 142 textos considerados, 33 encontravam-se publicados nas datas apontadas por nós. A sua distribuição conforme orientação temática pode, assim, ser categorizada: oito textos apresentam como tema principal outra figura pública e mencionam Áurea de maneira indireta; quinze textos retratam a conjuntura geral das eleições e, por isso, mencionam Áurea; seis textos abordam temas relacionados à Covid-19; e quatro textos tratam especificamente da candidata, sua atuação ou de seu vice no período.

Em um segundo momento, procedemos a coleta de materiais no aplicativo Instagram, a partir do perfil de Áurea Carolina⁵⁴. A investigação preliminar reuniu apenas 16 publicações

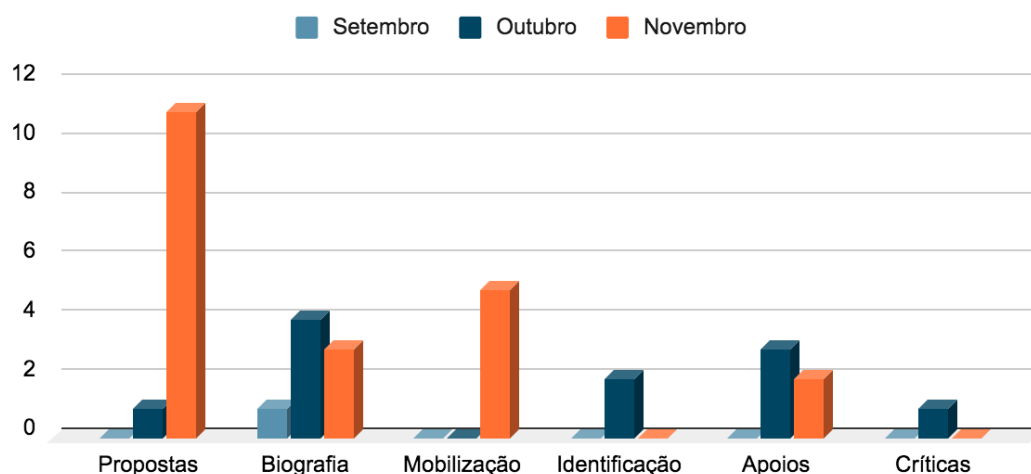
⁵⁴ Escolhemos esta rede em função de ser aquela na qual a personagem possui o maior alcance e maiores taxas de interação com o público. Para registro, no momento desta coleta, suas redes apresentavam os seguintes números: Instagram: 100 mil seguidores; Twitter: 91,7 mil seguidores; Facebook: 56 mil curtidas na página oficial.

realizadas nas datas dos micro-acontecimentos previamente selecionados. Ainda que ampliado o escopo da busca para os dias imediatamente anteriores e posteriores a cada data, como forma de buscar captar possíveis antecipações ou repercussões tardias, fomos capazes de captar somente mais 4 publicações, totalizando 20 unidades de análise.

Foi observada, no entanto, uma dissociação das temáticas abordadas por Áurea Carolina na maior parte das publicações, em relação aos temas levantados quando da escolha dos micro-acontecimentos que, como já explicitado, correspondem a datas importantes do calendário eleitoral e marcos do agravamento da pandemia da Covid-19. Posto que a necessidade premente seria a de levantar elementos que pudessem aqui contribuir no sentido de explicitar os discursos da própria figura pública e dos públicos e apreender valores mobilizados quando ela fala de si e quando falam dela, fez-se necessária mais uma adaptação.

Em função desta dificuldade, abandonamos o recorte dos micro-acontecimentos e partimos para a coleta de todas as publicações em formato de vídeo na rede social de Áurea Carolina, durante todo o período eleitoral. Foram excluídos aqueles que não apresentavam pós-produção, ou seja, desconsideradas lives e pequenas inserções. Levantamos 33 unidades de análise, que totalizaram 69 minutos e 41 segundos de material. Para melhor observação,

Gráfico 3 - Distribuição de publicações em relação ao tema



categorizamos os vídeos da seguinte maneira:

Após as constatações iniciais, a pesquisa empírica exigiu alteração do percurso de coleta de dados. Ambas reformulações propiciaram uma melhor captação dos elementos que subsidiarão a análise que faremos a seguir. O corpus final totalizou 66 unidades, sendo 33 textos jornalísticos e 33 vídeos produzidos e publicados em rede social.

3.2.4 - Análise de Dados

A fim de procedermos ao exame do corpus delimitado e apreendermos os sentidos em disputa nos diversos discursos apresentados, construímos uma grade analítica. Sua organização segue modelo já consolidado em estudos anteriores desenvolvidos no âmbito do GRIS. Seguiremos o entendimento de Wilson Gomes, que propõe três categorias analíticas para qualificação dos materiais coletados, quando da análise da engenharia de imagens públicas:

[...] forma-se a imagem de alguém a partir do que ele diz ou do que é dito sobre ele, do que ele faz, da sua capacidade reconhecida de fazer e do que dele é feito e, enfim, a partir do modo como ele se apresenta: roupas, embalagens, *design*, arquitetura, logo, símbolos, emblemas, posturas corporais, aparência exterior (GOMES, 2004, p. 268).

De posse do material, partimos para a averiguação dos discursos, em busca de percebermos os modos pelos quais Áurea Carolina se coloca, como é posicionada, quais papéis sociais ela assume ou lhe são atribuídos e quais os valores e características que são destacados a partir de sua atuação. Assim, a grade analítica foi construída a partir de três eixos centrais:

- 1) Ações e discursos de Áurea Carolina: A candidata por outros agentes
Nesse eixo buscamos perceber: como Áurea Carolina é posicionada? Como falam sobre a candidata? Que ações são destacadas quando se fala de Áurea? Como ela é posicionada por estes agentes?
- 2) Ações e discursos de Áurea Carolina: A candidata por si
Aqui buscamos perceber: como Áurea Carolina se posiciona? Como a candidata fala de si no período do acontecimento? Como Áurea se utiliza de discursos dos seus apoiadores célebres para evidenciar aquilo que quer dizer de si?
- 3) Valores, papéis sociais e o contexto social: Interseccionalidade

A partir da análise dos dois primeiros eixos, procuramos evidenciar os valores e sentidos destacados na construção das representações de Áurea Carolina a partir dos discursos midiáticos, próprios ou de terceiros, assumidos, aqui, como próprios porque destacados e escolhidos para serem veiculados nos canais particulares pela própria candidata. Então, no terceiro eixo, buscamos refletir sobre o contexto socioeconômico e político-eleitoral durante a disputa das eleições, em meio à pandemia da Covid-19 em Belo Horizonte.

Acreditando que esta grade fornecerá os subsídios necessários para apreensão dos traços configuradores da imagem pública da figura política em questão, procederemos, no

próximo capítulo, à análise da construção da imagem pública de Áurea Carolina no contexto das eleições municipais de 2020 no Brasil, em meio à pandemia da Covid-19.

4 - ANÁLISE

O processo de formação da imagem pública de indivíduos é complexo e constituído por uma série de representações, tais como aquelas resultantes de discursos dos veículos midiáticos, dos públicos envolvidos, bem como ações, discursos e movimentos dos próprios sujeitos. Tratando-se da formação da imagem pública de figuras políticas, o processo, além de atravessado por todas estas disputas de significados, precisa levar em conta o contexto sociocultural, político, econômico e as disputas relativas ao processo eleitoral. Diante dessa realidade, faz-se necessária uma abordagem ampla que busque abarcar, ainda que não de maneira totalizante, parte substancial das contribuições provenientes dos vários atores.

Partindo dos três eixos de análise (Áurea por terceiros; Áurea por ela mesma; e Valores e Papéis Sociais), apresentaremos, nas três próximas subseções, as explorações possíveis, a partir do corpus selecionado de maneira a captarmos uma imagem pública de Áurea Carolina e apreender os valores e papéis atribuídos e/ou assumidos por ela. Optamos por apresentar propositalmente a análise na sequência descrita como forma de explicitar a dissonância entre a campanha relatada e registrada pelos meios de comunicação e aquela promovida, propagada e construída a partir das plataformas e dos canais de comunicação mantidos por Áurea Carolina enquanto candidata.

De forma a facilitar o acompanhamento da análise, os midiáticos, que serão analisados na próxima seção, foram catalogados abaixo e dispostos em quadros. Eles estão organizados de maneira a exibir: Código (atribuído por nós para facilitar a identificação no corpo do texto); Data (em que o conteúdo foi publicado); Autor da publicação; Veículo (que a colocou no ar); Tema da publicação; e o seu Tipo. Em relação ao tipo, classificamos os materiais da seguinte forma: Tipo A - publicações que têm como objetivo central Áurea Carolina, suas ações e seus discursos; Tipo T - publicações que mencionam tangencialmente Áurea Carolina, tendo como objetivo principal outro assunto; Tipo C - publicações sobre o contexto da Covid-19 e/ou sobre o diagnóstico positivo da candidata para a doença; Tipo PA - publicações sobre pesquisas e seus resultados ou apurações da eleição e seus resultados.

Quadro 1 - Notícias Sobre Áurea Carolina

Código	Data	Autor	Veículo	Tema da Publicação	Tipo
R01	16/06/2020	Áurea Carolina	aureacarolina.com.br	Balanço Ações Mandato	A
R02	16/06/2020	Matheus Muratori	em.com.br	Pré-candidatura	A
R03	31/08/2020	Redação	g1.com.br	CANDIDATURA	A
R04	31/08/2020	Lucas H. Gomes	otempo.com.br	CANDIDATURA	A

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2 - Notícias sobre outros candidatos e que mencionam Áurea Carolina transversalmente

Código	Data	Autor	Veículo	Tema da Publicação	Tipo
R05	05/10/2020	Redação	folha.uol.com.br	Candidato Bruno Engler participa de sabatina	T
R06	14/11/2020	Redação	istoedinheiro.com.br	Disputa em BH já antecipa 2022	T
R07	15/11/2020	Rafael D'Oliveira	bhaz.com.br	Vitória de Kalil	T
R08	15/11/2020	Redação	em.com.br	Duda Salabert bate recorde de Áurea Carolina e é vereadora mais votada da história	T
R09	15/11/2020	Guilherme Peixoto	em.com.br	Vitória de Kalil	T
R10	15/11/2020	Matheus Adler	em.com.br	Kalil vence em todas as zonas eleitorais	T
R11	15/11/2020	Cinthy Oliveira	hojeemdia.com.br	Duda Salabert bate recorde de Áurea Carolina e é vereadora mais votada da história	T
R12	15/11/2020	Natalia Jael	r7.com.br	Bruno Engler vota vestindo camisa de Bolsonaro	T

Fonte: Elaboração própria

Quadro 3 - Notícias sobre a Covid-19 e a contaminação de Áurea Carolina

Código	Data	Autor	Veículo	Tema da Publicação	Tipo
R13	08/08/2020	Áurea Carolina	aureacarolina.com.br	100 mil mortes pela Covid-19	C
R14	14/11/2020	Redação	congressoemfoco.uol.com.br	Áurea Carolina Testa Positivo	C
R15	14/11/2020	Redação	gazetadopovo.com.br	Áurea Carolina Testa Positivo	C
R16	15/11/2020	Lucas Borges	hojeemdia.com.br	Áurea Carolina Testa Positivo	C
R17	15/11/2020	Lucas Pavanelli	r7.com.br	Áurea Carolina Testa Positivo	C

R18	15/11/2020	Mariana Costa	em.com.br	Votação de Leonardo Péricles	C
-----	------------	---------------	-----------	------------------------------	---

Fonte: Elaboração própria

Quadro 4 - Notícias sobre pesquisas e seus resultados ou a apuração das eleições e seus resultados

Código	Data	Autor	Veículo	Tema da Publicação	Tipo
R19	27/09/2020	Cristina Moreno de Castro	g1.com.br	Patrimônio dos candidatos à prefeitura de BH	PA
R20	11/11/2020	Redação	g1.com.br	Pesquisa DataFolha	PA
R21	14/11/2020	Rafael D'Oliveira	bhaz.com.br	Checagem de fatos	PA
R22	14/11/2020	Redação	g1.com.br	Pesquisa DataFolha	PA
R23	14/11/2020	Redação	g1.com.br	Pesquisa Ibope	PA
R24	14/11/2020	Thiago Herdy	oglobo.globo.com	Pesquisa Ibope	PA
R25	14/11/2020	Redação	otempo.com.br	Pesquisa Ibope	PA
R26	14/11/2020	Raquel Lopes	poder360.com.br	Pesquisa Ibope	PA
R27	14/11/2020	Redação	poder360.com.br	Pesquisa DataFolha	PA
R28	15 11 2020	Jéssica Otoboni	cnn.com.br	Resultado Primeiro Turno	PA
R29	15/11/2020	Redação	estadao.com.br	Resultado Primeiro Turno	PA
R30	15/11/2020	Redação	estadao.com.br	Resultado Primeiro Turno	PA
R31	15/11/2020	Thais Leocádio	g1.com.br	Resultado Primeiro Turno	PA
R32	15/11/2020	Fernanda Canofre	oglobo.globo.com	Resultado Primeiro Turno	PA
R33	15/11/2020	Redação	otempo.com.br	Apuração das Eleições	PA

Fonte: Elaboração própria

4.1 - A Cobertura Midiática

A construção de uma candidatura eleitoral começa antes da própria eleição. Fatores como a temporalidade, a localidade, o contexto e a conjuntura política são as balizas que direcionam os eventos, os discursos e as trajetórias nos períodos que antecedem a campanha. Estes elementos são fundamentais no curso das ações que consolidam um potencial candidato e, por conseguinte, constroem sua imagem pública.

Inúmeras são as estratégias utilizadas por equipes de campanha na tentativa de edificar a fachada visível de seu candidato e conectá-lo com o seu eleitorado. Por sua vez, a mídia também exerce papel importantíssimo no movimento de conformação de imagens. Desde a cobertura de agendas e eventos, passando pela veiculação das plataformas e propostas à notícia e repercussão de importantes fatos, os jornais, canais, revistas, blogs e veículos em geral acabam por centralizar os discursos. Estes constituem, assim, o palco do debate público onde a cena política acontece.

Em que pese ser a mídia, como defendemos neste trabalho, responsável por parte substancial da construção de significados que atuam na conformação da imagem pública de indivíduos, ao analisarmos a ocorrência destes processos em contexto eleitoral, torna-se fundamental o exame do grau de exposição da figura pública em questão nos espaços midiáticos. Isso porque, nos processos eleitorais, é comum que determinados candidatos ocupem destacadas posições, tendendo a assumir o protagonismo da corrida, especialmente, com o avanço das pesquisas de intenção de votos e sedimentação da preferência do eleitor. Esse processo tem início antes do período eleitoral propriamente dito, como mostram Telles *et al.* na análise sobre o processo eleitoral de Belo Horizonte do ano de 2008:

Vale lembrar que, antes do início da campanha e, mais especificamente, da propaganda eleitoral gratuita, a imprensa é a principal fonte de informação para os eleitores. É ela que oferece a maior parte das informações ao público eleitor e alimenta a ainda incipiente agenda sobre o tema das eleições. (TELLES *et al.*, 2011, p. 94).

As eleições majoritárias, em particular, possuem uma característica própria que tende a acentuar ainda mais a assimetria na cobertura midiática. Invariavelmente, um dos candidatos que disputa é representante da situação, ou seja, aquele que ocupa o cargo durante o pleito ou aquele que é apoiado pelo então mandatário ou mandatária. Nesta situação, a atuação da mídia pode ser fundamental para o sucesso ou insucesso de candidaturas. Nas eleições municipais de 2020, isso não ocorreu de outra maneira.

No dia 16 de junho de 2020, o Estado de Minas, importante jornal impresso de Belo Horizonte, apresentou em sua edição online Áurea Carolina como pré-candidata à prefeitura de Belo Horizonte:

Áurea Carolina volta atrás e se coloca à disposição para disputar eleições à Prefeitura de BH.

[...] A nova escolha de Áurea Carolina, vereadora de BH em 2017 e 2018, vai contra o que ela havia planejado. Deputada federal desde janeiro de 2019, ela declarou que queria focar no cargo na Câmara dos Deputados e que a recente gestação poderia impactar na campanha, preferindo se distanciar. A socióloga e mestra em ciência política deu à luz ao filho Jorge em 20 de fevereiro deste ano⁵⁵.

Esta foi a única reportagem, na oportunidade, que repercutiu o fato de Áurea ter se apresentado como uma opção para a população de Belo Horizonte. Para efeito de comparação, buscamos por outra notícia que, poucos dias depois, no entanto, ganhou foco e foi ecoada por diversos veículos. Em 21 de junho de 2020, Duda Salabert - àquela altura ex-candidata ao senado federal por Minas Gerais, tendo obtido 351.874 votos em 2018 - desistiu de sua pré-candidatura e resolveu apoiar Áurea Carolina para a prefeitura da capital mineira. O fato recebeu atenção:

A ativista mineira Duda Salabert (PDT) desistiu da pré-candidatura à Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para as eleições municipais deste ano. A professora ainda declarou neste domingo (21) que vai apoiar a pré-candidata, deputada federal, Áurea Carolina (Psol-MG).⁵⁶

Na opinião de Duda Salabert, Áurea Carolina (PSOL) é o único nome em Belo Horizonte e em Minas Gerais, hoje, capaz de unificar os partidos progressistas no campo político. Como exemplo, ela cita o encontro “Cidades pela Democracia” idealizado por Áurea no fim do ano passado. O evento contou com a presença de lideranças do PT, do PCdoB, PSOL, Rede, PV e a própria Salabert representando o PDT.⁵⁷

A professora Duda Salabert anunciou na tarde deste domingo (21), nas redes sociais, a retirada de sua pré-candidatura à Prefeitura de Belo Horizonte, pelo PDT. Ela irá apoiar a deputada federal Áurea Carolina (Psol), que anunciou a sua candidatura ao executivo municipal na última semana, e disputará uma vaga na Câmara Municipal.⁵⁸

A professora Duda Salabert (PDT) desistiu da pré-candidatura à Prefeitura de Belo Horizonte nas eleições municipais deste ano. A decisão foi tomada na manhã deste domingo, após conversas com o partido por uma aliança com

⁵⁵ Item R02 do Quadro 1. MURATORI, Estado de Minas, 16 de junho de 2020, online.

⁵⁶ REDAÇÃO, Itatiaia, 21 de junho de 2020, online.

⁵⁷ FIGUEIREDO, O tempo, 21 de junho de 2020, online.

⁵⁸ SILVA, Hoje em Dia, 21 de junho de 2020, online.

a deputada federal Áurea Carolina (Psol-MG), também pré-candidata ao Executivo da capital de Minas Gerais.⁵⁹

O claro contraste entre os dois momentos antecipa a constatação tardia a que chegamos no decorrer da coleta de materiais. Áurea Carolina recebeu poucos e selecionados espaços de exposição midiática. Nas diversas oportunidades em que protagonizou discursos e ações, não viu a cobertura ser tão generosa em relação a ela. Ainda que tenha sido noticiado o seu movimento em torno da pré-candidatura, Áurea é posicionada como uma candidata, já no primeiro momento, inconstante, fraca e indecisa pela própria chamada da reportagem que anuncia: “Áurea Carolina volta atrás”. Em contrapartida, a ação de Duda Salabert, a despeito de ser favorável, recebe exposição imediata por parte dos maiores e mais importantes veículos da capital mineira.

Em apenas outras duas ocorrências no material coletado, Áurea Carolina recebeu destaque dos maiores veículos midiáticos por sua atuação ou em função de suas ações. No dia 31 de agosto de 2020, Áurea teve a pré-candidatura homologada. O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) confirmou seu nome em convenção realizada virtualmente.

Dois veículos noticiaram, ainda na noite em que ocorreu, o evento de homologação da candidatura: O jornal O Tempo e o portal G1. As narrativas, apesar de relatarem o mesmo episódio, apresentaram caminhos e fizeram escolhas diferentes desde as suas manchetes. O jornalista Lucas Henrique Gomes escreve:

PSOL confirma nome de Áurea Carolina à PBH em chapa com UP - A coligação, que foi nomeada “Frente de Esquerda BH Socialista”, deve contar com cerca de 50 nomes na disputa à Câmara Municipal de Belo Horizonte.⁶⁰

E segue no corpo da reportagem:

Em um breve discurso, mas sem apresentar propostas, já que essas seriam discutidas na parte fechada da convenção, Áurea ressaltou a chapa formada por negros e se disse “emocionada e honrada” com os apoios prestados durante o encontro. A deputada, que foi mãe em fevereiro deste ano, falou das dificuldades postas pela maternidade.

[...] A escolhida pelo PSOL para disputar a PBH também falou sobre as desigualdades raciais e declarou que a chapa encabeçada por ela tem a possibilidade “concreta de corrigir as distorções e de fazer as reparações” relacionadas à raça. Ela também lembrou a trajetória política e lembrou de como, junto a aliados, “entregou a vida para um projeto maior”, se referindo à candidatura.

Enquanto isso, o portal G1 repercutia a reportagem veiculada em rede aberta pela TV Globo. Sua manchete trazia os seguintes dizeres: “Áurea Carolina confirma candidatura pelo

⁵⁹ MURATORI, Estado de Minas, 21 de junho de 2020, online.

⁶⁰ Item R04 do Quadro 1. GOMES, O Tempo, 31 de agosto de 2020, online.

PSOL à prefeitura de BH”.⁶¹ A análise do vídeo que orienta a reportagem revela ainda um cenário de importantes escolhas discursivas. Em posicionamento claramente distinto, se comparado ao texto apresentado pelo veículo antes referido, o repórter faz a opção por ressaltar os aspectos biográficos relevantes de Áurea Carolina:

Áurea Carolina tem 36 anos. É cientista social e educadora. Especialista em gênero e igualdade pela universidade de Barcelona e mestre em ciência política pela UFMG. Áurea Carolina está no primeiro mandato como deputada federal. Em 2016, foi eleita vereadora com a maior votação em Belo Horizonte. Dois anos depois, deixou o mandato para assumir a vaga na Câmara Federal. Em 2015, ocupou o cargo de subsecretária estadual de políticas para mulheres, no governo Fernando Pimentel, do PT.

Os textos ora observados revelam relevantes nuances da contribuição dos discursos midiáticos para o processo de construção da imagem pública de figuras públicas. Para além da importante discussão sobre o espaço reservado ao noticiário político no agendamento midiático e, ainda, a fatia destinada aos candidatos e candidatas com menores chances de lograr êxito, emerge uma disputa de significados travada pelos próprios veículos. Nos textos referidos, as diferenças podem ser percebidas desde a construção inicial da manchete até o corpo da reportagem, que faz escolhas claras de adjetivações de maneira a diminuir ou reconhecer e ampliar a importância da candidata. Enquanto o primeiro veículo opta por apresentar Áurea enquanto agente passivo, que recebe aprovação de seu partido, o segundo a posiciona enquanto agente ativo, ao passo que confirma sua própria candidatura.

Neste ponto, é importante ressaltar as atuações diretas dos capitais, tanto no aspecto econômico quanto no político. Ainda que apresentadas apenas lateralmente nesta dissertação, consideramos relevante evidenciar que estas atuações interferem e contaminam os discursos midiáticos. Um discurso é não só um elemento de poder, como apresenta Luís Mauro Sá Martino (2018), mas a manifestação de outras formas de poder, tais quais os políticos e econômicos.

Um discurso, nesse sentido, é um elemento de poder, um agrupamento de ideias que encontrarão algum espaço na sociedade, trazendo em si as marcas de valores, pontos de vista, poderes e quanto mais for agregado em sua origem. A produção de discursos, na medida em que está vinculada a grupos e espaços sociais, é uma manifestação política, mostrando quem é a comunidade ou grupo produtor do discurso e qual sua visão de mundo. (MARTINO, 2018, p. 27).

Observando por esta ótica, os discursos das reportagens precisam, necessariamente, ser acompanhados do apontamento de sua co-autoria, ou melhor, do esclarecimento de sua

⁶¹ Item R03 do Quadro 1. REDAÇÃO, Portal G1, 31 de agosto de 2020, online.

linha editorial. O jornal O Tempo é parte de um grande conglomerado industrial. A empresa, filiada à Editora Sempre, tem como proprietário o ex-deputado federal (por quatro mandatos, no período entre 1990 e 2006) e então prefeito e candidato à reeleição em Betim, Vittorio Medioli. Portanto, importante ator político e detentor de grande poder econômico na região metropolitana de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, importa ressaltar que o portal G1 é uma ferramenta ligada às Organizações Globo, de propriedade da Família Marinho⁶². Os irmãos Marinho figuram na lista de bilionários mantida pela revista americana Forbes.

Tais aspectos, apesar de significativos, como dito, não constituem objeto central desta investigação, no entanto, parecem indicar potenciais motivações para a conduta dos veículos referidos. Enquanto o jornal O Tempo faz referência à Áurea Carolina como candidata *confirmada* e *escolhida* pelo partido e oculta as suas importantes informações biográficas, o portal G1 faz a opção clara por informar os atributos qualificantes que, teoricamente, credenciarão a candidata para o exercício da função. O que, ao primeiro olhar, pode parecer mera opção editorial, revela disposições anteriores que merecem atenção.

Não é possível precisar os motivos pelos quais o evidente contraste é percebido, mas é forçoso observar que no momento eleitoral de 2020 e durante toda a trajetória política de ambos, Áurea Carolina e Vittorio Medioli ocuparam espaços distintos na política. Apesar de terem ascendido ao mesmo cargo, exercendo a função de deputados federais, ambos tiveram trajetórias diferentes e empunharam bandeiras distintas. Enquanto Áurea é mulher, negra, periférica, militante de organizações e coletivos ligados à população carente e tem origem humilde, Vittorio é cidadão italiano, naturalizado brasileiro, empresário dos ramos de transportes, logística, siderurgia, gráfico, agrícola e sucroalcooleiro. Suas origens remontam suas lutas e suas atuações políticas se deram em prol da defesa dos interesses dos grupos a que pertencem, estando, portanto, localizados diametralmente opostos no espectro político.

A diferença nas abordagens sugere, ainda, que a influência político-regional tenha sido fator determinante para a escolha da linha editorial. O distanciamento do portal G1, em função de sua abrangência nacional, resulta em uma cobertura que, aparentemente, favorece o debate político, ao apresentar Áurea Carolina a partir de suas características pessoais. Em contrapartida, as escolhas feitas pelo jornalismo de O Tempo apontam para uma direção política do discurso que parece, em função da proximidade, abrangência regional e

⁶² Segundo o ranking *The World's Real Time Billionaires*, mantido pela revista americana Forbes, os irmãos Marinho são detentores dos seguintes patrimônios: José Roberto Marinho (US\$2,1 bilhões), João Roberto Marinho (US\$2,1 bilhões) e Roberto Irineu (US\$2,1 bilhões). Os dois primeiros teriam registrado evolução de mais de quinhentos milhões no patrimônio, no intervalo entre 2020 e 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/#87b1a073d788>

orientações de seus proprietários, optar por ocultar aspectos biográficos importantes e tentar orientar a narrativa da disputa.

Além destas, outras quatro oportunidades midiáticas interessadas em Áurea Carolina foram registradas na coleta, ainda que não diretamente. Áurea foi objeto de matéria do jornal Estado de Minas em 15 de novembro de 2020, dia da eleição em primeiro turno. A data foi marcada pela ausência da candidata que, diagnosticada com a Covid-19, não pôde comparecer às urnas para registrar o seu voto. Apesar de ser o motivo central da reportagem, ela aparece, mais uma vez, retratada em posição secundária.

Vice de Áurea Carolina, diagnosticada com COVID-19, vota em escola estadual na capital.

[...] “É lamentável, por um lado, não contar com a Áurea nesses últimos dias. E estamos na maior torcida, mandando a maior energia para ela ficar boa o quanto antes. Justamente pelo grande trabalho em que ela esteve à frente e os partidos que compõem a nossa frente de esquerda BH em movimento, nós realizamos um trabalho coletivo”, afirmou.

Já Áurea Carolina, deputada federal pelo PSOL e candidata à Prefeitura de BH, recebeu resultado positivo para a COVID-19, na tarde de sábado (14). Por isso, conforme recomendação das autoridades sanitárias, Áurea não pôde votar neste domingo (15).⁶³

Áurea figurou como candidata cabeça de chapa durante todo o período eleitoral e foi diagnosticada com a doença que paralisou o mundo um dia antes da votação. Fato este responsável por afastá-la das urnas e inviabilizar que pudesse votar em si. Tais circunstâncias poderiam ser responsáveis por colocá-la como pauta central ou oferecerem a ela destaque nos noticiários. O que ocorreu, no entanto, foi o seu enquadramento como figura secundária, tendo sido mencionada por ocorrência do registro de votação do seu vice, Leonardo Péricles. Um homem.

Ainda que possa ser considerada uma opção jornalística pelo relato indireto da ausência de Áurea (em função de ter testado positivo para Covid-19) através do registro de votação de seu vice, a reportagem revela traços importantes da cobertura política brasileira, a saber, a desnivelada exposição de personagens masculinos em detrimento de personagens femininas. Ainda que não seja possível constatar se a escolha do fio pelo qual se desenvolve a reportagem é dada em função de um pré-conceito, sendo esta portanto a manifestação física da preferência por relatos que protagonizam figuras masculinas, é forçoso levantar as perguntas: Por que Áurea Carolina, sendo cabeça de chapa e estando acometida pela doença que modifica todo o cenário da disputa política e paralisa o mundo, não é a personagem

⁶³ Item R18 do Quadro 3. COSTA, Estado de Minas, 15 de novembro de 2020, online.

central da notícia que comunica o comparecimento de seu vice? Seria possível narrar o comparecimento de Péricles às urnas evidenciando o fato de que, caso sua companheira não estivesse isolada para tratamento, teria sido ela a protagonista da notícia?

A resposta para tais perguntas parece ser afirmativa. É possível imaginar um cenário em que a manchete para a notícia fosse: *Áurea Carolina não pode votar em função do diagnóstico positivo para a Covid-19 e Leonardo Péricles, seu vice, comparece à sessão eleitoral*. Neste caso, ainda que em isolamento, as aspas da reportagem seriam dela, a protagonista mulher da notícia. O fato de não ser esse o fio condutor da reportagem pode ser explicado por Biroli (2009):

A presença restrita, do ponto de vista quantitativo, de estereótipos de gênero deve ser compreendida no contexto mais amplo da invisibilidade feminina no noticiário. Como mostram as pesquisas realizadas, a forma atual da divisão entre os sexos no noticiário político das revistas semanais brasileiras reserva às mulheres a invisibilidade, combinada a uma presença marginal, isto é, vinculada a áreas e temáticas de menor prestígio político no noticiário. Sua presença é, assim, reduzida, concentrada em poucas mulheres e acompanhada por marcas quantitativamente restritas, porém significativas, que remetem a estereótipos de gênero que atualizam divisões convencionais entre masculinidade e feminilidade. (BIROLI, 2009, p. 297).

Em outras quatro matérias, *Áurea Carolina* foi retratada a partir de seu diagnóstico positivo para a Covid-19. Em nenhuma delas, recebeu espaço para se manifestar e aspas generosas como aquelas ostentadas por Leonardo Péricles. O portal *Congresso em Foco*⁶⁴, mantido pela plataforma *Universo Online (UOL)*, e a *Gazeta do Povo*⁶⁵ repercutiram, em 14 de novembro, a nota pública emitida pela campanha no mesmo dia, véspera da votação, anunciando que *Áurea* não poderia comparecer às urnas. No dia seguinte, o jornal *Hoje em Dia*⁶⁶, às quinze horas e cinquenta e oito minutos, e o portal *R7*⁶⁷, às quinze horas e quarenta e três minutos, ou seja, ambos a pouco mais de uma hora do fechamento das urnas, também se limitaram a repercutir a nota do dia anterior.

Em outras sete oportunidades, matérias, entrevistas e afins, elencados no corpus desta dissertação, mencionam *Áurea Carolina* lateralmente, isto é, têm como objeto principal outro personagem, mas tratam da candidata em algum momento, em função de sua participação no pleito. Duas destas matérias tratam de Bruno Engler, então candidato bolsonarista. Em 5 de outubro de 2020, o candidato participa de sabatina promovida pela *Folha de São Paulo*. A chamada anuncia a participação de *Áurea* em um dos encontros seguintes⁶⁸.

⁶⁴ Item R14 do Quadro 3. REDAÇÃO, *Congresso em Foco*, 14 de novembro de 2020, online.

⁶⁵ Item R15 do Quadro 3. REDAÇÃO, *Gazeta do Povo*, 14 de novembro de 2020, online.

⁶⁶ Item R16 do Quadro 3. BORGES, *Hoje em Dia*, 15 de novembro de 2020, online.

⁶⁷ Item R17 do Quadro 3. PAVANELLI, *Portal R7*, 15 de novembro de 2020, online.

⁶⁸ Item R05 do Quadro 2. REDAÇÃO, *Folha de São Paulo*, 05 de outubro de 2020, online.

O portal R7, por sua vez, registra, em 15 de novembro – dia da votação em primeiro turno –, que o candidato havia votado com uma camisa que trazia o rosto do então presidente, seu maior apoiador, Jair Bolsonaro⁶⁹. A reportagem foi publicada às 12 horas e 24 minutos, portanto, ainda com as urnas abertas, e mencionou que o candidato liderava, na data, o Índice de Popularidade Digital (IPD)⁷⁰. A exploração da imagem de Bruno Engler com a camiseta evoca ainda a necessidade de, também aqui, esclarecermos os pontos que guiam a linha editorial do veículo.

O Portal R7 é um dos braços do Grupo Record, conglomerado de mídia brasileiro, de propriedade do líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Em 2013, a Revista Forbes publicou a lista dos pastores evangélicos mais ricos do Brasil, onde Macedo figurava no topo com uma fortuna avaliada em US\$950 milhões. Em valores atualizados e assumindo que a fortuna não tenha crescido, o pastor acumularia hoje algo em torno de R\$4.5 bilhões em reais. Para além de suas posses, outros são os interesses de Edir Macedo e de suas empresas. Reconhecido como apoiador do governo de Jair Bolsonaro, o pastor viu sua emissora de televisão receber mais verbas que quaisquer outras no país nos anos de 2019 e 2020⁷¹.

Destaca-se, aqui, a diferença de tratamento dada aos dois candidatos, Áurea Carolina e Bruno Engler, pelo mesmo veículo midiático. Ao passo em que Bruno é fotografado com a camisa do seu maior apoiador e tem sua notícia publicada poucos minutos depois do fato, podendo, por isso, ainda exercer influência nos votos daqueles eleitores que ainda não tinham comparecido às sessões eleitorais, Áurea vê a notícia de sua contaminação ser publicada após um período superior a vinte e quatro horas e, ainda, a pouco menos de uma hora do fechamento das urnas.

Três reportagens publicadas em 15 de novembro repercutem a vitória de Alexandre Kalil em primeiro turno e mencionam Áurea Carolina como a quarta colocada no pleito⁷². Outras duas mencionam o recorde de votos de Duda Salabert, que concorreu a uma vaga na

⁶⁹ Item R12 do Quadro 3. JAEL, Portal R7, 15 de novembro de 2020, online.

⁷⁰ O Índice de Popularidade Digital (IPD) foi criado pela consultoria Quaest e divulgado pela Folha de São Paulo. Durante as eleições de 2020, retratou o desempenho dos candidatos das principais capitais brasileiras nas plataformas Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, Wikipedia e Google. Segundo o registro da Folha, Bruno Engler e Alexandre Kalil se alternaram na liderança do ranking durante toda a disputa, tendo, o último, liderado na semana que antecedeu a eleição. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/veja-ranking-de-popularidade-digital-dos-candidatos-a-prefeito-e-m-belo-horizonte.shtml?loggedpaywall>

⁷¹ Levantamento da Revista Veja mostra os montantes de verbas destinados pelo Governo Federal a cada uma das emissoras de Televisão nos anos de 2019, 2020 e 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/governo-bolsonaro-aumenta-verba-da-globo-e-diminui-a-de-tvs-religiosas/>

⁷² Itens R07, R09 e R10 do Quadro 3. D'OLIVEIRA, Portal BHaz, 15 de novembro de 2020, online; PEIXOTO, Estado de Minas, 15 de novembro de 2020, online; ADLER, Estado de Minas, 15 de novembro de 2020.

Câmara Municipal de Belo Horizonte e superou a antiga marca de Áurea, tendo se tornado a mulher mais bem votada da história da capital mineira⁷³. Na reportagem veiculada pelo jornal Hoje em Dia, Áurea é mencionada lateralmente, por ter sido superada na votação das eleições de 2016, enquanto que, na reportagem do jornal O Estado de Minas, Áurea é apenas referida quando explica-se que Duda havia retirado a sua candidatura à prefeitura em seu favor.

O corpus jornalístico reunido nesta pesquisa expõe de maneira inequívoca como a cobertura midiática mostrou-se insuficiente para evidenciar a candidatura de Áurea Carolina, ou, pelo menos, permitir que esta expusesse as suas características, ideias e propostas. A abertura dada a Áurea Carolina e sua equipe provou-se protocolar: ocorreu apenas quando foi inevitável.

Os diminutos espaços que lhe foram conferidos, mencionaram-na de maneira tangencial ou de modo a retratá-la como coadjuvante no processo eleitoral. A dramática realidade midiática encontrou um contraponto substantivo, a saber, a campanha comunicacional empreendida a partir dos portais particulares da candidata. Este é o cenário que analisaremos a seguir.

4.2 - Domínio próprio: aureacarolina.com.br

Em quaisquer cenários, temporalidades e conjunturas, campanhas majoritárias oferecem dificuldades inúmeras àqueles que delas participam. O fato de estar em disputa um número reduzido de vagas⁷⁴ contribui para o acirramento da corrida eleitoral. Além disso, as eleições municipais majoritárias no Brasil, por natureza, antecipam o cenário nacional (TELLES *et al.*, 2011, p. 81-82). Em função dessa aberta competição, a comunicação de campanha conquista papel central nas estratégias eleitorais. Ela é o instrumento utilizado para permitir que o eleitor tome consciência do candidato, suas propostas e ideias. Neste contexto, a mídia, mais uma vez, assume protagonismo.

A cobertura midiática, como já defendido, em função dos pesos políticos e conjunturais, não consegue e, eventualmente, não se propõe a estabelecer uma abordagem isonômica em relação a todos os partidos, candidatos, grupos e atores envolvidos no pleito. O

⁷³ Itens R08, R11 do Quadro 3. REDAÇÃO, Estado de Minas, 15 de novembro de 2020; OLIVEIRA, Hoje em Dia, 15 de novembro de 2020.

⁷⁴ São consideradas campanhas majoritárias aquelas nas quais é necessária a maioria simples e absoluta dos votos válidos para a vitória do candidato. No Brasil, esse é o caso das eleições para prefeitos, governadores, presidente e senadores. Nos três primeiros casos, há somente uma vaga em disputa em cada localidade. As vagas para o senado, entretanto, são preenchidas de quatro em quatro anos, respeitando-se a proporcionalidade de renovação de $\frac{1}{3}$ ou $\frac{2}{3}$ das cadeiras. Dessa forma, na alternância de ciclos, há casos em que duas cadeiras estão em disputa simultaneamente.

advento das novas tecnologias, no entanto, além de possibilitar uma maior participação dos eleitores na dinâmica do processo, permitiu que candidatos e suas equipes elaborassem estratégias para tentar romper com o paradigma da cobertura midiática desigual.

Importante papel na construção da imagem pública assumem as plataformas digitais e aplicativos que se denominam redes sociais. Em função do descomplicado acesso e da presença quase que diária no dia a dia de grande parte do eleitorado, as redes sociais tornaram-se veículos de ligação direta dos candidatos com os seus eleitores (CASTANHO, 2014, p. 230-238). Tamanha a importância assumida na campanha em foco, das redes de Áurea Carolina, extraímos a metade de nosso corpus.

Além da ampla utilização das redes sociais, candidatos e candidatas fazem uso de blogs e sites próprios. Tais espaços são responsáveis por centralizar e apresentar todas as informações a respeito da candidatura aos eleitores. Áurea Carolina manteve, durante todo o período eleitoral, publicado e ativo o seu site próprio no domínio: *aureacarolina.com.br*. Servimo-nos, também, do conteúdo lá publicado para a tentativa de abarcar suas ações e discursos sobre si mesma e sua atuação política.

Assim como realizamos na seção anterior, procuramos, aqui, organizar as unidades de análise em quadro esquemático para melhor entendimento e leitura das análises posteriores. O quadro apresenta os vídeos coletados no perfil de Áurea Carolina na plataforma digital Instagram. Eles estão organizados de maneira a apresentarem os seguintes aspectos: Código (atribuído por nós para facilitar a identificação no corpo do texto); Data da publicação; Tema abordado; Duração do vídeo; Comentários na Publicação; Link (para acesso); e Tipo de publicação. Em relação ao tipo, classificamos o material da seguinte forma: Tipo A - Vídeos de apoiadores; Tipo B - Vídeos biográficos que contam a trajetória de Áurea Carolina; Tipo C - Vídeos que contenham críticas frontais a adversários; Tipo D - Vídeos que buscam uma identificação de classe ou ideológica; Tipo E - Vídeos propositivos; e Tipo F - Vídeos de Mobilização de campanha.

Quadro 5 - Vídeos coletados no Instagram de Áurea Carolina

COD.	DATA	TEMA	DUR.	COM.	LINK	TIPO
V01	27/09/2020	Apresentação da candidatura	13:16:00	31	https://www.instagram.com/tv/CFp0O19J2xX/	B
V02	12/10/2020	História nas eleições anteriores	00:16:00	12	https://www.instagram.com/tv/CGQ38mapIsl/	B

V03	15/10/2020	Dia do Professor - Educação	1:46:00	16	https://www.instagram.com/tv/CGYaVIMp3Jl/	D
V04	19/10/2020	Wagner Moura apoio	2:01:00	191	https://www.instagram.com/tv/CGi2EpYnD5X/	A
V05	20/10/2020	MINI DOC - AMOR E LUTA - EP 1: Conquistas	3:34:00	58	https://www.instagram.com/tv/CGINCQng4IN/	B
V06	22/10/2020	Sororidade e luta feminista	0:55:00	3	https://www.instagram.com/tv/CGqF-tnJQgQ/	D
V07	23/10/2020	Trajetória Política	1:00:00	28	https://www.instagram.com/tv/CGs0mWjlYwm/	B
V08	24/10/2020	Djamila Ribeiro apoio	0:55:00	16	https://www.instagram.com/tv/CGvLsnSLIeW/	A
V09	25/10/2020	Sâmia Bomfim apoio	1:12:00	2	https://www.instagram.com/tv/CGxi0Mhgsv/	A
V10	27/10/2020	MINI DOC - AMOR E LUTA - EP 2: Maternidade	4:16:00	44	https://www.instagram.com/tv/CG3cbrqAKpf/	B
V11	27/10/2020	Economia Solidária e Reciclagem	0:30:00	2	https://www.instagram.com/tv/CG3H3WLgn1x/	E
V12	30/10/2020	BH de cabeça para baixo	0:30:00	39	https://www.instagram.com/tv/CG-Hsj1g2WS/	C
V13	04/11/2020	SAÚDE	2:55:00	8	https://www.instagram.com/tv/CGHMqh4gQJ6/	E
V14	04/11/2020	SUSTENTABILIDADE	3:24:00	6	https://www.instagram.com/tv/CGHK-LerAYOr/	E
V15	05/11/2020	MINI DOC - AMOR E LUTA - EP 3: Coletividade	4:40:00	38	https://www.instagram.com/tv/CGHN326KgFk9/	B
V16	05/11/2020	5 anos do deslizamento da barragem em Mariana	0:30:00	7	https://www.instagram.com/tv/CGHOMmUXFw8o/	E
V17	05/11/2020	CULTURA	3:50:00	1	https://www.instagram.com/tv/CGHOtaZuJIHf/	E
V18	06/11/2020	MEIO AMBIENTE	2:56:00	12	https://www.instagram.com/tv/CGHQA167puBC/	E
V19	06/11/2020	BIOGRAFIA	1:51:00	30	https://www.instagram.com/tv/CGHRaJayg7fR/	B
V20	08/11/2020	ECONOMIA	2:00:00	6	https://www.instagram.com/tv/CGHWPHaJgb_T/	E
V21	09/11/2020	MOBILIDADE	3:23:00	29	https://www.instagram.com/tv/CGHYRPGasFT7/	E
V22	09/11/2020	MORADIA	4:15:00	3	https://www.instagram.com/tv/CGHYhS69sk5L/	E
V23	09/11/2020	DIVERSIDADE	0:30:00	14	https://www.instagram.com/tv/CGHZAGqEJAc/	E
V24	09/11/2020	JINGLE	0:30:00	43	https://www.instagram.com/tv/CGHZD8G-g4aw/	F
V25	10/11/2020	CHUVAS EM BH	0:30:00	6	https://www.instagram.com/tv/CGHaT_bTBzzu/	E

V26	10/11/2020	RESUMO DA CAMPANHA	0:30:00	17	https://www.instagram.com/tv/C Hae0BJpi1f/	F
V27	10/11/2020	Primeira Prefeita Mulher	0:30:00	1	https://www.instagram.com/tv/C HbBC3Lpe6X/	F
V28	10/11/2020	Reta Final	0:30:00	26	https://www.instagram.com/tv/C HbSdJOA50Y/	F
V29	11/11/2020	GABINETONA	3:16:00	9	https://www.instagram.com/tv/C Hdge1vgHo_/	B
V30	12/11/2020	Emicida apoio	1:00:00	59	https://www.instagram.com/tv/C Hf5G3jAKpC/	A
V31	12/11/2020	Bárbara Colen	1:00:00	28	https://www.instagram.com/tv/C HgFE_RhCeK/	A
V32	12/11/2020	EDUCAÇÃO	1:01:00	14	https://www.instagram.com/tv/C HgJDtWhIeN/	E
V33	12/11/2020	Convocação para o segundo turno	0:30:00	36	https://www.instagram.com/tv/C HgRrQNpKly/	F

Fonte: Elaboração própria

Optamos por iniciar este ponto da análise a partir de um vídeo biográfico⁷⁵, publicado pela candidata em suas redes sociais no dia 23 de outubro de 2020. Reconhecemos o esforço de Áurea e sua equipe em tentar sintetizar de maneira objetiva seus passos na política, como forma de delimitar seu perfil e estabelecer um recorte do eleitorado com o qual Áurea se identifica e para o qual fala. Apesar de ter a duração de apenas um minuto, o vídeo delimita importantes características da candidata e a apresenta de maneira objetiva.

A peça é marcada por uma trilha sonora que remete aos povos tradicionais. Sons de tambores e atabaques ecoam durante toda a exibição. A candidata é vista em cenas de ações e reuniões pela cidade de Belo Horizonte. Sempre ladeada por outras mulheres. Frases indicam os marcos temporais, tais como:

2016 - Áurea foi a vereadora mais votada em BH.

[...] 2018 - Foi a Deputada Federal mais votada em BH e na RMBH.

[...] Formando a Gabinetona, um mandato feminista e antirracista, ao lado de Cida Falabela, Bella Gonçalves e Andréia de Jesus.

O objetivo de Áurea parece ser o de se posicionar enquanto liderança política já consolidada. Todo esforço é concentrado no sentido de apresentar-se ao público que, porventura, ainda não a conheça, como uma figura que tem história e já tem trabalho para mostrar. Em seguida, um recorte de reportagem do Jornal O Tempo evidencia a presença da luta feminista em sua campanha e em sua biografia:

⁷⁵ Item V07 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 23 de outubro de 2020.

É comum que as pessoas estranhem que as mulheres possam conciliar mandatos políticos com a maternidade. Para que os homens estejam em dia com sua vida pública, há todo um trabalho invisível que é feito por mulheres.⁷⁶

A reportagem poderia ter sido adicionada ao vídeo de maneira aleatória, sem que fizesse menção ao veículo, já que se trata de uma frase dita pela própria candidata. Reconhece-se, portanto, a partir deste gesto, a saber, a utilização da marca do veículo, mais uma vez, o papel edificante da mídia no processo de construção das imagens de figuras públicas. Não só por sua capacidade de repercussão, mas pela autoridade que confere. Ao dizer-se reverberada pela imprensa local, Áurea se posiciona como uma figura que se quer relevante.

Para além do aspecto simbólico aventado, a análise do conteúdo da mensagem revela um importante aspecto da personalidade de Áurea Carolina, que integra de maneira importante sua imagem: a figura da mulher que se insere na política. Ao se posicionar como uma mulher política, Áurea também anuncia sua condição de não subordinação, sua necessidade de protagonismo e sua determinação na luta em favor das causas feministas.

A legenda da publicação é articulada com o vídeo. Mostra dados relevantes que também são abordados ao longo da peça. O texto informa que Belo Horizonte já tinha tido, até a altura, 47 prefeitos homens:

Belo Horizonte já teve 47 prefeitos, todos eles homens, todos eles brancos. Isso não é fruto do acaso, é o resultado de uma realidade excludente, racista e machista, que dificulta muito que pessoas como eu até pensem na possibilidade de estar lá um dia.⁷⁷

Outro dado trazido expõe a realidade das prefeituras ao redor do Brasil. Segundo o vídeo, apenas 11,6% das prefeituras no ano de 2020 eram governadas por mulheres. Áurea então se apresenta como candidata à prefeitura de Belo Horizonte e reivindica para si o posto de primeira mulher negra a ocupar o cargo:

Gente, tá na hora de uma mulher negra ocupar a nossa prefeitura e abalar essas estruturas! Eu sonho com um sistema político que se pareça com a população e responda às necessidades da maioria. Quem vem comigo construir essa #bhqueremos?⁷⁸

⁷⁶ Trecho de entrevista concedida por Áurea Carolina ao Jornal O Tempo em 12 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/hotsites/eleicoes-2020/aurea-carolina-pretende-levar-bandeira-feminista-a-prefeitura-de-bh-1.2398104>

⁷⁷Item V07 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 23 de outubro de 2020.

⁷⁸Item V07 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 23 de outubro de 2020.

É possível observar importantes traços da personalidade, bem como da atuação política de Áurea Carolina, mesmo que em tempo reduzido de exposição. Durante toda a evolução da peça, o recorte interseccional está presente. Sua condição de mulher, periférica, negra, militante e subjugada é constantemente contrastada com a imagem do político tradicional, ou dos 47 prefeitos que até então haviam governado Belo Horizonte.

O que Áurea Carolina diz e como diz tem a intenção de encontrar correspondência naqueles com os quais dialoga. Por isso, utiliza outras mulheres, que, no vídeo, são chamadas de irmãs. É nessas mulheres e em suas forças que se apoia para reivindicar lugar e posição e é a mesma força que tenta projetar no eleitorado para fazê-lo acreditar que as mulheres podem ter voz e vez.

O site pessoal de Áurea representou importante recurso para a exposição de versões particulares da candidata e de sua equipe sobre eventos e acontecimentos durante o período pré-eleitoral e eleitoral. No dia 16 de junho de 2020, Áurea Carolina publica o balanço de seu primeiro ano como deputada federal⁷⁹. A candidata destaca aspectos positivos do seu mandato em breve texto que antecede o material de dezenove páginas.

Segundo ela, não foram poupados esforços para o enfrentamento da “política da morte, em diálogo estreito e permanente com as lutas populares”. Além disso, a candidata destaca a luta em favor da cultura, a luta antirracista, o combate à mineração predatória e a proteção dos povos quilombolas, indígenas e das mulheres em geral. Áurea utiliza a publicação de maneira a cumprir dois importantes papéis. Além de prestar contas do seu mandato e, com isso, evidenciar a transparência de suas ações, aproveita o documento para marcar posições.

O informativo de mandato de Áurea Carolina apresenta uma série de registros fotográficos que mostram a proximidade da parlamentar com as bandeiras defendidas. Imagens retratam-na sobrevoando áreas de mineração no estado, ao lado de lideranças indígenas e mulheres negras. As ilustrações, dispostas em todo o documento, reforçam a sua atuação como representante destes segmentos.

O documento ainda destaca, na última página, o reconhecimento pela atuação parlamentar destacada de Áurea:

Pelo voto popular, Áurea Carolina ficou em primeiro lugar entre os parlamentares de Minas Gerais no prêmio Congresso em Foco 2019. Ficou também entre os 20 melhores deputados federais do país, de acordo com os jornalistas que cobrem o Congresso Nacional. Além da categoria geral que elege os melhores parlamentares do ano, nosso mandato foi indicado em duas categorias: “Clima e Sustentabilidade”, em reconhecimento à nossa luta

⁷⁹ Item R01 do Quadro 1. SILVA, Áurea. Áurea Carolina, 16 de junho de 2020, online.

por um novo modelo de mineração no Brasil e responsabilização dos culpados pelas tragédias socioambientais em Brumadinho e Mariana; e “Valorização dos Bancos Públicos”, pelo enfrentamento ao sucateamento e à privatização dessas instituições e das demais estatais brasileiras⁸⁰.

O destaque para a eleição, via votação pública, procura reforçar o reconhecimento de sua atuação enquanto parlamentar mineira. A posição alcançada, o primeiro lugar entre todos os parlamentares, seria, então, um dos motivos pelos quais estaria Áurea convocada a apresentar o seu nome ao eleitorado de Belo Horizonte em 2020. Outro passo, no entanto, ainda seria necessário: apresentar seu nome, sua biografia, suas credenciais aos demais eleitores. É nesse ponto que ganha especial destaque a sua estratégia nas redes sociais.

A despeito de sua atuação permanente na Câmara dos Deputados pela redução dos danos à população causados pelo agravamento da pandemia da Covid-19⁸¹, Áurea Carolina não foi procurada ou recebeu espaço midiático, em 8 de agosto de 2020, para se pronunciar sobre a trágica marca alcançada pelo Brasil: 100 mil pessoas mortas pela Covid-19. A deputada, então, utilizou o seu site pessoal para se manifestar:

Vivemos um retrato da necropolítica. No terrível marco das 100 mil mortes pelo coronavírus no Brasil, vamos completar três meses sem ministro da Saúde ou qualquer autoridade nacional capaz de coordenar ações para salvar vidas. O governo federal segue trabalhando na base do escárnio e do negacionismo, contribuindo para aumentar ainda mais o caos e a desinformação.

Neste momento, em que diversas cidades começam a reabrir o comércio, é preciso escutar a ciência, com prudência e responsabilidade coletiva. O distanciamento social e o uso de máscaras são medidas comprovadamente eficazes para conter o avanço do vírus e o colapso do nosso sistema de saúde. Diante das quase 9 milhões de pessoas que perderam seus empregos durante a pandemia, é fundamental garantir renda e condições para que todas possam ficar em casa.

Seguimos firmes, buscando frear a política de morte do desgoverno e garantir ações efetivas para que toda a população possa atravessar essa crise. Frente à política de morte, defendemos e afirmamos incansavelmente a vida⁸².

O acontecimento da pandemia, como retratado no primeiro capítulo desta dissertação, atravessou toda a pré-campanha e a campanha eleitoral, modificando e reconfigurando o arranjo político nacional e regional. Enquanto apoiadores e correligionários do presidente

⁸⁰ Trecho destacado do Informativo Parlamentar de Áurea Carolina. Item R01 do Quadro 1. SILVA, Áurea. Site de Áurea Carolina, 16 de junho de 2020, online.

⁸¹ Em nossa pesquisa exploratória inicial, Áurea Carolina havia sido mencionada treze vezes em matérias, publicações de projetos de leis e ações no portal da Câmara Federal, tendo sido, inclusive, signatária do projeto que criou a Frente Parlamentar Mista pelo Fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

⁸² Item R13 do Quadro 3. SILVA, Áurea. Site de Áurea Carolina, 8 de agosto de 2020, online.

Bolsonaro cresceram em popularidade às custas do negacionismo em relação à ciência e às vacinas, políticos da oposição atuaram no sentido diametralmente oposto. Áurea Carolina se destacou por seus discursos e ações, sempre com o intuito de apoiar as iniciativas científicas e buscar proteger os mais vulneráveis, propondo caminhos e políticas públicas de proteção social.

A atuação da parlamentar e de seus pares no Congresso foi fundamental para frear medidas governamentais em desacordo com as diretrizes da Organização Mundial da Saúde e para acelerar outras necessárias e negligenciadas providências, tais como a aquisição de vacinas. O trabalho nesse sentido contribuiu para posicionar Áurea como uma integrante da frente antagônica ao negacionismo. Por conseguinte, ofereceu ao processo de formação da sua imagem representações simbólicas ligadas à ciência, à defesa da vida, à luta pelos menos favorecidos e às políticas progressistas.

Sua postura em defesa da população mais vulnerável, das minorias e dos grupos marginalizados pode não somente ser constatada em momentos chave e importantes marcos temporais como este, mas também em toda sua trajetória política. Na expectativa de aproveitar-se deste fato, a equipe de Áurea Carolina optou por construir a sua narrativa para apresentação do plano da candidata para Belo Horizonte a partir de sua história. Através da materialização de sua trajetória, Áurea procurou mostrar que conhecia a realidade e poderia beneficiar essa camada da população.

4.2.1 - Realidade Documentada

Em oito oportunidades, Áurea Carolina utilizou suas redes sociais para publicar vídeos relacionados a sua trajetória e biografia. Três delas constituíram episódios do que fora chamado *Amor e Luta - Mini Doc*. Os três episódios tiveram como tema respectivamente: 1 - Conquistas⁸³; 2 - Maternidade⁸⁴; 3 - Coletividade⁸⁵. Em todos eles, a candidata relata em primeira pessoa passagens e histórias e dá depoimentos sobre sua trajetória, fazendo projeções para o momento em que ocuparia a cadeira de prefeita da capital mineira.

No primeiro episódio, Áurea fala de suas conquistas. A narrativa começa com a leitura de um escrito, ladeado por sua foto quando da formatura no primário, no ano de 1990. A pequena jovem havia escrito:

⁸³ Item V05 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 20 de outubro de 2020.

⁸⁴ Item V10 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de outubro de 2020.

⁸⁵ Item V15 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 5 de novembro de 2020.

Toda conquista é grande quando se conhece as dificuldades para atingi-la. Esta é a minha primeira conquista. Outras virão e eu prometo conquistá-las uma a uma, com calma, inteligência e muito trabalho. 7 de dezembro de 1990. Áurea Carolina de Freitas e Silva. Papai, lembrei-me de você com saudade.⁸⁶

A última frase da mensagem, porém, não foi lida em áudio por ela. A narração torna evidente a sua mensagem. Áurea parece querer demonstrar que data de anos a sua vontade de vencer, bem como os obstáculos que precisou superar e as condições nas quais precisou lutar. A opção por não ler a última frase em que faz referência à figura paterna também reforça a sua necessidade de afirmação enquanto mulher forte e independente.

Logo em seguida, o corte apresenta Áurea em um ambiente interno de uma cozinha. Na tentativa de demonstrar proximidade, a candidata parece estar abrindo a sua casa para os convidados que ora chegam, a saber: os eleitores. Então, faz referência ao sistema político brasileiro. Em primeira pessoa, afirma:

"A gente olha para o sistema político e não se vê lá, né? O sistema político não se parece em nada com a maioria da população, que é feita de mulheres, pessoas negras, trabalhadoras, pessoas LGBTI. Pessoas diversas que não conseguem ter as suas necessidades respondidas por quem hoje ocupa as cadeiras que tomam as decisões"⁸⁷.

O vídeo, então, é cortado para trechos de reportagens que destacam suas vitórias em 2016 e 2018, dando ênfase para as suas votações recorde, tanto para a Câmara Municipal de Belo Horizonte, quando se tornou a mulher mais votada da história, quanto para a Câmara Federal, quando se tornou a deputada federal majoritária da capital mineira. Áurea volta, então, para o centro da tela, focada em close e enuncia:

"Belo Horizonte nunca teve uma prefeita. Nunca teve uma pessoa negra no cargo mais importante da cidade e isso não é fruto do acaso. Não é porque o destino quis que fosse assim. Isso é resultado de uma realidade excludente, racista, machista... Que dificulta muito que pessoas como eu até cogitem, como possibilidade, estar lá um dia"⁸⁸.

Em seguida, três trechos mostram Áurea Carolina fazendo o uso da palavra no Congresso Nacional. A candidata retorna para afirmar, ao final, que “cada uma de nós que consegue entrar já abala as estruturas” e diz que seu projeto é o projeto de muita gente, que quer dar a sua contribuição para construir um mundo onde as pessoas “possam viver com dignidade e ser felizes”.

⁸⁶ Trecho destacado do primeiro episódio de Amor e Luta - Mini Doc. Item V05 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 20 de outubro de 2020.

⁸⁷ Trecho destacado do primeiro episódio de Amor e Luta - Mini Doc. Item V05 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 20 de outubro de 2020.

⁸⁸ Trecho destacado do primeiro episódio de Amor e Luta - Mini Doc. Item V05 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 20 de outubro de 2020.

O primeiro vídeo do documentário retrata a candidata em sua dimensão política, afirmativa, como uma mulher forte e capaz de enfrentar o sistema. Áurea e sua equipe propõem, aqui, a resposta antecipada a possíveis perguntas de seu eleitorado ampliado. Mesmo tendo atingido mais de cento e cinquenta mil votos em 2018, a coordenação de campanha precisava ampliar a base de eleitores, a fim de elegê-la em 2020.

Aparece claramente, também, a diferença entre as eleições anteriores, onde Áurea havia disputado cargos proporcionais, vereadora e deputada, e essa, onde disputaria o cargo majoritário. Ao passo em que as proporcionais permitem o diálogo com um público mais segmentado e fechado, as majoritárias exigem a conversa com a maior parte da população e, por isso, a construção de discursos que sejam direcionados a diversos públicos. Dessa maneira, a candidata parece responder dúvidas comuns e antecipa estereótipos corriqueiros atribuídos a candidatas mulheres quando disputam cargos majoritários, especialmente, na ocasião em que enfrentam candidatos com personalidade dominante, como Alexandre Kalil, então candidato à reeleição.

Ao dizer que a maioria “de nós” não se reconhece quando olha para aqueles que estão no poder, Áurea busca a empatia e aproximação e, sem dizer, apresenta-se como a candidata que pode representar os seus iguais. Ao evocar a história para dizer que Belo Horizonte nunca teve uma prefeita mulher e nunca teve uma pessoa negra no principal cargo, ressalta suas características e se apresenta como aquela que, neste contexto, tem as melhores condições para estar lá. Ao mesmo tempo, evidencia em suas palavras as opressões a que são submetidas essas pessoas no ambiente político.

Áurea Carolina faz, assim, emergir no contexto das eleições o aspecto interseccional que, em função da sobreposição de opressões, expulsa as mulheres e especialmente, as negras, principalmente, as periféricas e, em particular, as mães do ambiente político. Sobre esta realidade, bell hooks, vários anos antes, havia registrado:

A discriminação sexista contra todas as mulheres nas esferas da força de trabalho e da educação acadêmica que atravessou o século XIX na América significou que o povo negro que aspirou a papéis de liderança, quer durante a escravidão quer na emancipação, teve mais candidatos masculinos negros. À medida que os homens negros dominavam os papéis de liderança, eles perfilaram o movimento inicial de libertação negra que refletia o preconceito patriarcal. As mulheres líderes negras corajosas como Sojourner Truth e Harriet Tubman não representam a norma; elas foram indivíduos excepcionais que se atreveram desafiar a vanguarda masculina em lutar pela liberdade. Nas aparições públicas, reuniões, almoços, e jantares os líderes negros masculinos falavam apoiando o governo patriarcal. Eles não falavam diretamente sobre a discriminação contra as mulheres. (HOOKS, 1981, p. 65).

A candidata evidencia em seu discurso, assim como mostra hooks, que todas as opressões, no ambiente político, estarão sobrepostas e dificultarão o acesso daquelas que as experimentarem de forma acumulada. Ao relatar, comove e mobiliza. Ao se expor, busca o envolvimento de seus eleitores.

O trabalho de busca pela proximidade e correspondência com os eleitores continua nos próximos vídeos da série. No segundo episódio do mini documentário, Áurea fala sobre sua condição de mãe no exercício do mandato. A primeira cena do episódio é uma captação de cena em off, onde a candidata conversa com alguém fora do plano e pergunta se o filho acordou. Em seguida, afirma: “é hora de mamar”.

A interrupção proposital traz aquele que assiste para a realidade imediata da maternidade. Ser mãe é uma missão sem horário definido e, ao mesmo tempo, a maternidade é uma tarefa acima das outras. As dores, carências e necessidades de um filho são determinadas por ele, nos prazos estabelecidos por ele. Uma candidata mulher que precisa parar a gravação para amamentar enuncia, no ato de explicitar essa cena, o lugar que a política reserva para ela e a posição que ela acredita dever ocupar.

Trazer a realidade da maternidade para a cena política, apesar de evidenciar o óbvio, a saber, que mães em cargos políticos também são mães, enquanto exercem os cargos de representação, convoca o eleitor a pensar sobre a dificuldade que se coloca para mães que pretendem estar na cena pública. Apesar delas, ou acima delas, Áurea convoca em cena mulheres a estarem nas instâncias de poder e autoriza, com sua ação (ao paralisar a gravação), as mães a estarem nas posições de comando.

A candidata, em seguida, explica didaticamente como devemos realizar a transição em nossa sociedade para que, além de garantirmos a representação feminina, sejamos capazes de cuidar de nossas crianças coletivamente para, assim, desonerar a mulher de suas infundáveis e injustificáveis tarefas solitárias no cuidado com os filhos. Essa seria a fórmula subentendida para que possamos ter uma sociedade mais justa. O vídeo é cortado para uma fala contundente de Áurea no plenário da Câmara Municipal em Belo Horizonte, onde faz evidente referência à fala do personagem Fraga, que se torna deputado no filme nacional *Tropa de Elite 2*⁸⁹:

"Hoje, no Brasil, se nós seguirmos nessa tendência. Se não houver agravamento na situação do país, a renda média de pessoas negras só vai alcançar a renda média de pessoas brancas no ano 2089, vereador Helinho. E a renda média de mulheres só vai alcançar a renda média de homens no ano

⁸⁹ A cena inicial do filme *Tropa de Elite 2* retrata o professor de história Fraga (inspirado na história real do hoje deputado federal Marcelo Freixo, então correligionário de Áurea Carolina) fazendo um breve relato sobre a situação carcerária no Brasil. Na oportunidade, ele mostra uma projeção que mostra como no ano de 2081 a população do estado brasileiro estaria 89% nas penitenciárias, caso confirmada a taxa de encarceramento à época.

2047, vereador Altair. Significa que as nossas filhas, irmãs, companheiras, vizinhas... continuarão a ter rendimentos em média inferior ao dos homens em função de uma discriminação, vereador Jair, que é de gênero”⁹⁰.

Apoiada na história de sua mãe, Áurea mostra como a necessidade da universalização de acesso a creches em tempo integral é uma demanda urgente em Belo Horizonte. A candidata fala diretamente com um público que se reconhece no discurso: “muitas crianças, nas periferias, acabam crescendo do jeito que dá mesmo, né?”. Logo em seguida, evoca o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “É responsabilidade da família, da sociedade e do Estado cuidar das crianças”. Assim, ao mesmo tempo em que convoca todos os interlocutores a dividirem as responsabilidades e desonerarem as mulheres, mostra como é responsabilidade do poder público fazer com que este cenário seja real.

No terceiro e último episódio do documentário de sua vida, Áurea verbaliza aquilo que vinha indicando: “estar no coletivo é aquilo que me motiva”. Então, apoiada na cultura hip-hop, apresentada como a sua forma de socialização, Áurea faz um paralelo com outras possibilidades de “organização comunitária”. Segundo ela, “todo mundo precisa de uma referência coletiva e cada pessoa vai buscar de uma forma. Às vezes, isso se resolve dentro da família, na religião, numa atividade no bairro...”, e conclui, “às vezes isso se resolve na política”.

Ao realizar uma digressão e mostrar como sua forma de socialização, o hip-hop, é somente uma e, assim como todas as demais, caminha para a vida comunitária e, por isso, para a política, Áurea mostra como tudo o que fazemos no comum é política e traz a vida daquele que a assiste para dentro da arena pública. Materializando na tela o fazer político, Áurea mostra como todos podemos fazer a política e, mais uma vez, autoriza todos os interlocutores a tomarem posse da coisa pública, ou seja, da política.

Por fim, um cantor belo-horizontino e amigo pessoal de Áurea, o rapper Djonga, aparece na tela em um recorte de live. Um homem negro, famoso, popular diz:

Eu já te disse mil vezes que não é muito a minha praia, tá ligado? A política institucional... Eu sou meio... mais pelos caminhos da autonomia, mas eu acho que assim... É uma coisa que eu tenho que ser bem sincero e falar com o coração: Se não é nós lá também, vão estar outros. Então, que esteja nós. Que seja com a gente⁹¹.

Ao trazer alguém de fora da política institucional para verbalizar aquilo que é o pensamento recorrente: “não serve para mim, mas que seja (que me representa) você ao invés

⁹⁰ Trecho destacado do segundo episódio de Amor e Luta - Mini Doc. Item V10 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de outubro de 2020.

⁹¹ Trecho destacado do terceiro episódio de Amor e Luta - Mini Doc. Item V15 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 5 de novembro de 2020.

de outros”, Áurea presentifica em seu vídeo aquilo que muitos desejariam dizer e, mais uma vez, traz o interlocutor médio, avesso à política, para dentro da cena pública. Termina por linkar o primeiro vídeo do documentário ao último e responde, com o depoimento de Djonga, a questão que está implícita no primeiro episódio: Por que não nos sentimos representados quando olhamos para quem está no poder? Assim, mais uma vez, convoca o seu público a agir.

Áurea Carolina e sua equipe publicaram ainda, em 12 de outubro e 6 de novembro, vídeos biográficos importantes. Na primeira oportunidade, um vídeo de apenas 16 segundos registra Áurea em primeiro plano dizendo as seguintes palavras: “Eu sou a Áurea Carolina. Fui a mulher mais votada para vereadora da história de BH e a quinta deputada federal mais bem votada de Minas Gerais”⁹². Os poucos segundos do curta são justificados pelo pequeno tempo de televisão da coligação Frente de Esquerda BH em Movimento, formada pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Unidade Popular (UP) e Partido Comunista Brasileiro (PCB). O vídeo, publicado em rede social, fora produzido para a inserção no horário eleitoral gratuito.

Em 6 de novembro, a nove dias da eleição, Áurea publicou em suas redes um vídeo de um minuto e cinquenta e um segundos. O vídeo apresenta, mais uma vez, uma síntese de sua biografia. Nesta oportunidade, tenta compilar tudo aquilo que foi dito durante a campanha sob o pretexto de precisar ainda se apresentar, porque, segundo ela mesma descreve na legenda:

Quem é Áurea Carolina?

Gente, vocês acreditam que, faltando menos de dez dias pras eleições em BH, tem gente que ainda não sabe quem sou eu?

Já chegaram até a espalhar mentiras sobre a minha história. Mas aqui o negócio é na base da verdade, do amor, do cuidado e da coragem! Vocês me ajudam a espalhar esse vídeo para ele chegar pra todo mundo que ainda precisa me conhecer?⁹³

O vídeo começa com um relato de como Áurea conhece e se apropria da vida cultural em Belo Horizonte. Segundo ela, na adolescência, começou “a pegar ônibus sozinha” e, então, conheceu a Praça 7, o Palácio das Artes e a Praça da Estação. Relata em seguida que a mãe trabalhava com construção civil e segurança de barragens. Conta que sua família era formada por mulheres, em função de seus pais terem se separado quando era uma criança. Por isso, teria vivido e sido criada em uma família de mulheres: duas irmãs, a mãe e ela.

⁹² Item V02 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 12 de outubro de 2020.

⁹³ Item V19 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 6 de novembro de 2020.

O vídeo reforça que Áurea foi a vereadora mais votada da história de Belo Horizonte e a quinta deputada federal mais bem votada do estado. Cortes de sua atuação parlamentar são apresentados e, em seguida, Áurea apresenta algumas propostas que sintetizam o propósito de sua candidatura, ou seja, o seu sonho para a capital mineira:

A BH que eu desejo para o meu filho Jorge é a mesma que eu desejo para cada pessoa que vive e trabalha aqui. Uma BH que respeite as diferenças, que ofereça oportunidades iguais, que trate as pessoas como iguais. Uma BH onde o lazer, o emprego, a saúde e a felicidade sejam direitos de todo mundo. E onde uma mãe de família, como eu sou, e todas as mulheres possam chegar em casa em segurança a qualquer hora do dia, aonde quer que ela viva⁹⁴.

Apesar de falar para todos os eleitores e enunciar aquilo que espera poder proporcionar, caso eleita, universalmente, Áurea Carolina faz menção especial a parte substancial do eleitorado no trecho final. Conversa com as mães e com “todas as mulheres”. Na reta final de campanha, portanto, parece apostar em um dado estatístico relevante. Segundo os dados apresentados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018, o eleitorado brasileiro apresentava um recorte de 52,5% de mulheres. Enquanto isso, em Minas Gerais, a presença feminina era de 51,9%. Em Belo Horizonte, porém, a estatística era ainda mais promissora. A candidata mulher mais bem posicionada no pleito falava para nada menos que 54,29% do eleitorado da capital⁹⁵.

Três vídeos importantes mostram, por fim, a ligação umbilical de Áurea Carolina com a luta popular e com os movimentos sociais. Uma peça curta com menos de um minuto, mostra um recorte de uma fala potente da candidata em um auditório. Nele Áurea afirma:

Pra gente ter um sistema político inclusivo, generoso, de direitos para todo o mundo, a gente precisa recuperar o lema feminista que eu sempre evoco: o pessoal é político. Esse pessoal em que nós damos passagem pra outra. Ou nós passamos com a outra ou nós, generosamente, reconhecemos quando é momento de não passar.

Quebrar privilégios é isso. Quando a gente diz que as trans vão na frente, as indígenas vão na frente, as quilombolas vão na frente, as periféricas vão na frente. É porque tem que ficar gente na retaguarda, com seus privilégios, dando condição pras outras irem⁹⁶.

Em duas peças mais longas, a campanha investe no protagonismo de outras personagens. Na apresentação de sua candidatura, no primeiro dia de campanha, Áurea aparece em uma live, publicada posteriormente em suas redes⁹⁷, ao lado de Renata Regina,

⁹⁴ Item V19 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 6 de novembro de 2020.

⁹⁵ Dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponíveis em: <https://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/eleitorado>

⁹⁶ Item V06 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 22 de outubro de 2020.

⁹⁷ Item V01 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 29 de setembro de 2020.

representante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Leonardo Péricles, representante da Unidade Popular (UP) e candidato a vice-prefeito em sua chapa. Renata e Péricles falam sobre a importância da candidatura e da união desses partidos em torno da candidatura de Áurea Carolina.

A campanha também investe na importância de marcar os trabalhos da Gabinetona⁹⁸, para falar sobre a importância dos trabalhos anteriores de Áurea em favor dos públicos desprivilegiados e em defesa da participação popular na construção de políticas públicas. No vídeo⁹⁹, diversas pessoas se alternam em depoimentos que atestam a relevância do trabalho das parlamentares em favor dos povos tradicionais, das pessoas negras, das mulheres e das “pessoas comuns” que, através dessa estrutura, podem participar da política, serem incluídas e ocuparem os espaços de poder.

A análise deste material mostra como Áurea Carolina, a todo momento, buscou se aproximar de um público devidamente recortado. Ao edificar sua face pública, a candidata se aliou às lutas feministas. Atuou por mais mulheres na política e, mais propriamente, por mulheres que se apresentem “enquanto mulher” na esfera pública, contra “um conjunto de julgamentos referenciados pela presença masculina na política e por representações da masculinidade”, distanciando sua atuação dos estereótipos que atuam no sentido de conectar “competência na esfera pública a atitudes entendidas como masculinas ou masculinizadas” (BIROLI, 2010, p. 67).

Outro importante movimento realizado por Áurea foi no sentido de aproximar sua face pública das lutas antirracistas, em particular, lutas femininas antirracistas. A candidata trabalhou no contrafluxo do patriarcado e, de modo mais incisivo, contra a dominação masculina branca da política. Na tentativa de cavar para as mulheres negras um espaço político relevante, a candidata colocou seu corpo negro, sua biografia à disposição da luta.

Áurea Carolina atuou conforme hooks defendeu: “Nós, mulheres negras que defendemos a ideologia do feminismo, somos pioneiras. Nós estamos a clarear um caminho para nós mesmas e para as nossas irmãs” (HOOKS, 1981, p. 139). Seu objetivo, para além do cargo em disputa, diz respeito direto à luta por visibilidade para as mulheres negras. Mais uma vez, parece atuar como quis hooks, na expectativa de que “quando elas (*as mulheres negras*) nos virem alcançar o nosso objetivo – não mais vitimizadas, não mais menosprezadas, não mais com medo – elas tenham coragem e sigam” (HOOKS, 1981, p. 139). Ao buscar espaço e

⁹⁸ Termo pelo qual nomeiam o trabalho conjunto de quatro gabinetes parlamentares, os de Cida Falabela e Bela Gonçalves na Câmara Municipal, o de Andréia de Jesus na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e o da própria Áurea Carolina na Câmara dos Deputados em Brasília.

⁹⁹ Item V29 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 11 de novembro de 2020.

visibilidade, portanto, a candidata se associa às lutas por maior justiça social para um público política e socialmente marginalizado. Nesse movimento, faz política, exerce influência e constrói sua face visível.

O processo que levou a campanha a investir em uma mensagem final para este público pode ser examinado a partir das propostas apresentadas durante todo o período eleitoral. Este recorte esteve presente durante todo o período eleitoral. Em doze oportunidades, Áurea Carolina apresentou suas propostas nas redes sociais em formato de vídeos. Procederemos, pois, a análise deste material.

4.2.2 - Propondo o futuro

O material reunido nas redes sociais de Áurea Carolina permitiu uma análise detalhada de suas propostas, em que pese ter sido possível detalhá-las e identificar sua correspondência com os públicos marginalizados e minorizados com os quais a campanha pretendeu dialogar. Fizeram-se presentes os grandes eixos temáticos, observados em campanhas majoritárias e em seus debates costumeiros, tais como educação, economia e saúde. Entretanto, a campanha não deixou de demarcar sua posição e fez emergir discussões de temas como economia solidária, mobilidade, diversidade, moradia e as importantes questões das chuvas e das barragens que, na última década, haviam trazido diversos problemas à população mineira.

Não por acaso, em seu primeiro vídeo diretamente propositivo, Áurea Carolina aborda a questão da economia solidária e da reciclagem. Gravando da sede da Cooperativa Solidária dos Recicladores e Grupos Produtivos do Barreiro e Região (Coopersoli), Áurea, acompanhada de Leonardo Péricles, candidato a vice-prefeito em sua chapa, aborda a importância da retomada e reinvenção econômica da cidade no período pós-pandemia¹⁰⁰. A candidata mostra, aqui, portanto, como um cartão de visitas da sua campanha, a necessidade de superação do aprofundamento das desigualdades socioeconômicas, instituído pela ocorrência da pandemia da Covid-19.

Em 4 de novembro, Áurea continua a desenrolar o fio da pandemia. Utilizando a bandeira da saúde, apresenta e defende o Sistema Único de Saúde.

Eu sempre penso o que teria sido do nosso povo, nessa pandemia, se a gente não tivesse o SUS. Por mais dificuldades que ele enfrente, não existe no mundo um sistema de saúde gratuito e para todos como o nosso. Eu digo isso com convicção porque fui usuária da rede pública e sei como ela é importante. A gente precisa defender o SUS¹⁰¹.

¹⁰⁰ Item V11 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de outubro de 2020.

¹⁰¹ Item V13 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 4 de novembro de 2020.

Apresentadores do programa eleitoral anunciam que o SUS havia completado 30 anos de existência naquele ano, sendo uma das maiores conquistas do povo brasileiro. E alertam: “Tem que ficar ligado porque tem muita gente querendo acabar com ele, cortando investimentos, sucateando os hospitais, fazendo propaganda contra, tudo para a gente ficar refém dos planos de saúde”. Então, uma mãe depõe sobre a sua história. Com o filho Bryan nos braços, relata sua excelente experiência no Hospital Sofia Feldman, referência em Belo Horizonte e Região Metropolitana, com a maior maternidade e unidade neonatal do estado.

Áurea retoma o vídeo e afirma que a saúde pública é possível. Entretanto, aponta o descaso de gestões anteriores com a mesma. Sendo referendada pela apresentadora do programa que anuncia: “A Áurea conhece o SUS como você. Ela sabe que existem diversos problemas para serem resolvidos, mas que a gente não pode jamais abrir mão desse nosso direito: acesso à saúde gratuita e de qualidade”, a candidata apresenta propostas para melhorar o acesso de mães aos serviços de saúde e promete: “O bairro pobre vai ter o mesmo recurso do bairro rico. Parece básico, mas isso ainda não acontece”. Em seguida, discorre sobre uma série de investimentos necessários na atenção básica de saúde e conclui: “Vamos garantir a equiparação salarial das profissionais de enfermagem, tão importantes para a saúde, mas que ainda não são valorizadas como merecem”.

A mensagem direcionada às mães faz menção ao Sistema Único de Saúde, mostra sua importância e aproveita para valorizar os profissionais da linha de frente na atenção primária. Áurea mostra como a pandemia da Covid-19 poderia ter afetado ainda mais a população mais carente caso o SUS não estivesse em operação. Reforça a necessidade de valorização da classe das enfermeiras e faz aparecer, novamente, o aspecto interseccional evidente na análise de indicadores da pandemia. Ao passo em que as mulheres, negras periféricas e de baixa renda são as mais atingidas pelo agravamento das consequências da pandemia, são estas mesmas, como já exposto, a maioria das profissionais de enfermagem que, segundo a candidata, ainda não gozam de equiparação salarial e condições dignas de trabalho.

Outro vídeo publicado no dia 4 de novembro, mostra Áurea Carolina na Mata do Planalto, espaço de preservação do meio ambiente em um bairro na região norte da capital¹⁰². A peça mostra moradores da região apresentando um manifesto pela preservação da área. Os mesmos afirmam que apresentariam o documento a todos os candidatos que os procurassem e que Áurea seria a primeira a assiná-lo.

¹⁰² Item V14 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 4 de novembro de 2020.

Em 5 de novembro, Áurea apresentou um vídeo que marca cinco anos de ocorrência do crime e desastre ambiental em Mariana, município mineiro. A legenda aponta a autoria e revela a posição da candidata:

Nunca vou esquecer da primeira vez que eu vi um mar de lama. Até hoje me revira o estômago pensar na imensidão de rejeitos de mineração que devastou três distritos de Mariana e Barra Longa, matou 19 pessoas, deixou centenas de famílias desabrigadas e destruiu a bacia do rio Doce.

Hoje fazem cinco anos desse crime ambiental terrível, de responsabilidade da Samarco, Vale e BHP Billington. E dói demais lembrar que, há quase dois anos, vivemos novamente esse pesadelo em Brumadinho, onde 270 vidas foram perdidas.

[...] Em Brasília, fui uma das integrantes da Comissão Externa Desastre de Brumadinho, que elaborou um novo marco regulatório para a mineração no país.

[...] Pra mim, uma lição muito importante de todo esse trabalho é entender que essas tragédias dizem respeito a todas nós. Enquanto não tivermos uma política ambiental séria e integrada, que coloque a vida antes dos grandes interesses econômicos, seguiremos colecionando datas de desastres como esses.

Contem comigo para seguir na luta¹⁰³.

Apesar de não ser Belo Horizonte diretamente atingida por possíveis rompimentos de barragens, este importante ponto da campanha retrata o protagonismo de Áurea na luta por pautas mineiras em âmbito nacional. Essa estratégia confere à candidata o status necessário para mostrar-se capaz de lutar pelas necessidades da capital. Mostra ainda uma face importante da campanha retratada no terceiro vídeo do mini-documentário já analisado, a saber: a necessidade de mobilização coletiva para a organização das lutas e enfrentamento de problemas sociais que, embora não nos prejudiquem diretamente, apresentam consequências experimentadas por todos nós enquanto sociedade.

Outro vídeo apresentado em 5 de novembro evidencia um outro grande viés da campanha: a importância do acesso à cultura. A peça mostra as diversas ações desenvolvidas por Áurea Carolina no âmbito da Câmara Municipal e enquanto deputada, em Brasília. Logo em seguida, promete garantir 2% do orçamento municipal para o desenvolvimento de políticas públicas para o setor cultural, o que representaria mais do que o dobro de investimentos se comparado ao exercício fiscal anterior¹⁰⁴.

¹⁰³ Trecho extraído da legenda da publicação nas redes sociais de Áurea Carolina. Item V16 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 5 de novembro de 2020.

¹⁰⁴ Item V17 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 5 de novembro de 2020.

No dia 6 de novembro, a campanha fala de meio ambiente. A condução da narrativa fica a cargo das estratégias para o enfrentamento das enchentes, um problema crônico em Belo Horizonte. Áurea apresenta a questão mostrando como este é um obstáculo antigo e fala sobre a necessidade de enfrentá-lo. Uma cidadã assume o vídeo e fala sobre a sua experiência. Sua casa, segundo relato próprio, havia sido destruída por um deslizamento de terra. Na ocasião, uma família e um vizinho faleceram.

No mesmo vídeo, outra cidadã relata como seu prédio, no bairro Santo Antônio, fora afetado pelas chuvas. Áurea, então, assume compromissos e promete cuidar antes de “quem sempre ficou no final da fila” e pensar e organizar suas políticas públicas “da periferia para o centro”. A apresentadora do programa elenca ações que serão adotadas por Áurea Carolina, quando prefeita da capital:

Viver em harmonia com as águas da cidade, de uma vez por todas, é possível. E as propostas da Áurea para o meio ambiente também são: Criação de parques e áreas verdes em torno dos cursos d’água; Combate às enchentes na raiz do problema, com a drenagem ao longo de todo território, para absorver a água da chuva onde ela cai; Estabelecer a meta e trabalhar para ter 100% de esgoto coletado, interceptado e tratado até 2030; Criação do parque ciliar do Ribeirão do Onça, em compromisso com a meta de nadar, pescar e brincar no Ribeirão do Onça até 2025¹⁰⁵.

Em 8 de novembro, Áurea apresentou em seu programa eleitoral e nas redes sociais o Plano Emergencial para Recuperação da Economia Popular, um projeto elaborado por movimentos populares que teria como objetivo reerguer os pequenos comerciantes e trabalhadores informais afetados pela pandemia. O vídeo mostra a importância do comércio local para as comunidades no seu entorno e a necessidade de fortalecimento destes empreendedores no período pós-pandemia. O plano da campanha promete desburocratização e transparência para simplificar a vida de quem empreende e finaliza: “Em nosso governo, a prefeitura será parceira do pequeno empreendedor que quer criar um negócio, uma cooperativa, uma associação”¹⁰⁶.

O tema da coletividade aparece novamente em 9 de novembro. Ao falar sobre mobilidade, Áurea Carolina dá voz a cidadãos do Aglomerado da Serra que relatam como a mobilização coletiva organizada reivindicou junto à prefeitura e conquistou a linha S19, o denominado “busão da comunidade”. A apresentadora do programa reforça: “a experiência dos ônibus na comunidade do Aglomerado da Serra é a prova de que, quando o povo se junta, ninguém segura”. Áurea Carolina deixa claro que a sua experiência particular com o

¹⁰⁵ Item V18 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 6 de novembro de 2020.

¹⁰⁶ Item V20 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 8 de novembro de 2020.

transporte coletivo é o que a credencia para melhorar as condições do transporte coletivo. Ao falar de si, Áurea registra:

Eu fui criada no bairro João Pinheiro e, na minha infância, eu me lembro demais de pegar o antigo 1201, que hoje é o 9414. A gente ia visitar os meus avós que moravam perto do ponto final da linha. Eu andei de ônibus a minha vida inteira, até porque a gente não tinha opção mesmo. Eu conheço de perto o que é depender de ônibus e de metrô.

Ônibus cheio, ônibus que não passa, aumento da passagem da noite pro dia... Eu já fui assediada dentro de ônibus lotado. E essa é uma violência que muitas mulheres ainda sofrem na nossa cidade. Eu também já andei muito de metrô e sei bem o que é ter que terminar o trajeto a pé porque as estações ficam longe de tudo. E é para tornar esses serviços melhores que nós queremos assumir a prefeitura de BH¹⁰⁷.

Segundo Áurea, seria preciso “colocar os interesses da população em primeiro lugar” e enfrentar as empresas de ônibus. Assim, propõe: reduzir o preço da passagem; “garantir gratuidade para as pessoas mais pobres, estudantes e desempregados”; ampliar os corredores exclusivos de ônibus; “buscar recursos para ampliação do metrô, começando pelo Barreiro”, bairro periférico de Belo Horizonte; instituir os programas “Ruas Seguras”, para redução de acidentes; “Calçadas Acessíveis”, para melhorar a acessibilidade das calçadas; e “BH Pedala”, ampliando para 400 quilômetros a malha de ciclovias na capital.

Ainda em 9 de novembro, a campanha privilegia o protagonismo de Léo Péricles, vice de Áurea, no momento em que aborda a questão da moradia. Representante e presidente nacional da Unidade Popular, mais novo partido político do Brasil, o candidato é reconhecido como referência na luta nacional por moradias. Por isso, Áurea registra na legenda de sua publicação: “O @leonardopericles.official¹⁰⁸, meu companheiro de chapa, é uma referência nacional na luta por moradia, e tenho aprendido muito com ele nesses últimos tempos”¹⁰⁹.

No mesmo dia, Áurea Carolina assina cartas-compromisso apresentadas pela Academia TransLiterária e pelo Conselho Nacional Popular LGBTI+, movimentos sociais em defesa das populações LGBTQIA+. Ao divulgar o conteúdo em suas redes, a candidata afirma: “BH precisa ser uma cidade de todas as cores, de todas as pessoas, de todas as vozes. Isso para nós é muito sério, são muito mais do que palavras, né?”¹¹⁰.

Em 10 de novembro, o tema das chuvas volta a ser trabalhado por Áurea Carolina. Desta vez, a candidata expõe o modo como a prefeitura lidou com a destruição causada pelas enchentes e deslizamentos no início de 2020. Segundo ela, a administração teria resolvido

¹⁰⁷ Item V21 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 9 de novembro de 2020.

¹⁰⁸ Nickname pelo qual Leonardo Péricles pode ser encontrado na plataforma Instagram.

¹⁰⁹ Item V22 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 9 de novembro de 2020.

¹¹⁰ Item V23 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 9 de novembro de 2020.

com maior celeridade os problemas nas regiões centrais da cidade, enquanto as regiões periféricas teriam sido abandonadas. Ela então se compromete a tratar todos os cidadãos como iguais em Belo Horizonte, caso eleita¹¹¹.

O último vídeo propositivo publicado por Áurea Carolina data de 12 de novembro, portanto, a três dias da eleição. Tendo como tema central de sua campanha a maternidade, a candidata não poderia deixar de abordar a importância da educação das crianças na primeira infância. Tendo trazido o tema lateralmente em seu mini-documentário, agora, apresenta de maneira frontal sua proposta: a universalização do acesso às creches públicas, em tempo integral, para todas as crianças¹¹².

Apoiada no roteiro de sua própria vida, tendo como pano de fundo suas próprias experiências na cidade, Áurea Carolina apresentou suas propostas tentando mostrar-se cidadã. Procurou evidenciar que conhecia de perto os problemas enfrentados diariamente pela população, não só porque procurou conhecê-los e resolvê-los, mas porque participou deles na medida em que, como qualquer pessoa sem grandes posses, humilde e periférica, teve que vencer tais adversidades. Áurea procurou a aproximação do seu eleitorado, fazendo-os crer que ela seria mais uma cidadã. Assim como eles.

4.2.3 - Diga-me com quem andas

Amplamente reconhecida como um movimento de tentativa de persuasão eleitoral, a utilização de imagens públicas de celebridades e pessoas públicas famosas para a construção de uma estratégia discursiva para a apresentação e ampliação do conhecimento de candidatos e candidatas já foi utilizada em diversas ocasiões e em campanhas majoritárias distintas. Para registro, segundo Queiroz e Tavares (2007), pelo menos desde a redemocratização no Brasil, os registros de campanhas presidenciais vitoriosas que contaram com o apoio de figuras célebres é recorrente. Tancredo Neves, presidente eleito do Brasil que faleceu antes de assumir o cargo, “recebeu o apoio de personalidades e artistas de todo país”, bem como Fernando Collor de Mello, que “teve artistas reconhecidos nacionalmente para auxiliar na divulgação de sua campanha e, principalmente, o apoio da mídia” (QUEIROZ *et. al.*, 2007, p. 13-14).

Como forma de ampliar o alcance de suas propostas e ser ainda mais conhecida na cena política belorizontina, Áurea Carolina apoiou-se nos depoimentos de pessoas famosas

¹¹¹ Item V25 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 10 de novembro de 2020.

¹¹² Item V32 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 12 de novembro de 2020.

sobre sua história, personalidade, luta e capacidade. Foram registrados cinco vídeos de apoio, publicados nas redes sociais da candidata. Neles, aparecem os atores Wagner Moura e Bárbara Colen, o cantor Emicida, a escritora e filósofa Djamila Ribeiro e a deputada federal por São Paulo e líder do PSOL na Câmara Federal, Sâmia Bomfim.

O primeiro vídeo desta categoria, publicado por Áurea Carolina em 19 de outubro, conta, atualmente, com mais de quarenta mil visualizações e mostra um depoimento de Wagner Moura. O internacionalmente premiado ator tece vários elogios, descreve a força de Áurea, apresenta seu apoio e convoca a população de Belo Horizonte a votar:

[...] Áurea pra mim é dos mais impressionantes sopros de renovação da nossa política. A experiência da Gabinetona de 2016 é pra mim das coisas mais bonitas da nossa democracia, dos últimos anos.

Eu acompanho o mandato de Áurea como deputada federal. Uma deputada valente, combativa, parte alí dessa bancada progressista, que, heroicamente, tem contido o projeto de destruição do governo Bolsonaro.

[...] Áurea é muito claramente essa antítese. Essa mulher inteligente, forjada nas lutas sociais. Essa mulher negra, feminista. Eu quero ver mais pessoas como Áurea Carolina em espaços de poder no nosso país. E eu tenho certeza que ela será uma extraordinária prefeita em Belo Horizonte, olhando para quem de fato precisa da ajuda do estado¹¹³.

Cinco dias depois, em 24 de outubro, Djamila Ribeiro, filósofa, feminista, negra e ativista política pela igualdade racial apresenta seu apoio a Áurea e, igualmente, engrandece a figura da candidata ao descrever suas qualidades. O vídeo registra, atualmente¹¹⁴, mais de treze mil visualizações:

[...] Estou aqui para declarar o meu apoio à grande Áurea Carolina, que é uma mulher negra de luta, que representa, de fato, os interesses do povo. Áurea está concorrendo à prefeitura de BH e, com certeza, é o nome mais preparado para assumir esse cargo porque eu tenho certeza que Áurea Carolina vai ser a mulher das políticas públicas, a mulher que vai olhar para as comunidades, a mulher que vai olhar pra questão dos direitos da população negra, das mulheres, ou seja, daqueles e daquelas que foram invisibilizados¹¹⁵.

Sâmia Bomfim, deputada paulista, companheira de bancada e líder do partido de Áurea na Câmara dos Deputados, registrou seu apoio em 25 de outubro. O vídeo, o menos visualizado pelo público, registrando, atualmente, pouco mais de mil visualizações, mostra as fortes palavras da congressista:

¹¹³ Item V04 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 19 de outubro de 2020.

¹¹⁴ Sessão redigida em 29 de abril de 2022.

¹¹⁵ Item V08 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 24 de outubro de 2020.

Você que é de Belo Horizonte tem uma candidatura incrível para a prefeitura esse ano. É a Áurea Carolina, minha companheira de bancada com quem eu tenho o prazer de conviver e aprender muito todos os dias.

Áurea tem uma trajetória de luta junto aos movimentos sociais e populares da cultura, os movimentos de mulheres, o movimento negro. Constrói, hoje, um mandato plural, coletivo e que, sem dúvida, na prefeitura de Belo Horizonte, vai poder estar à altura dos desafios que o nosso tempo exige de todos nós. Sempre com muita generosidade e compromisso com os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, no enfrentamento à agenda de desmonte do bolsonarismo, que, infelizmente, também se expressa nas diferentes cidades do Brasil¹¹⁶.

A três dias da eleição, em 12 de novembro, o rapper Emicida registrou seu depoimento em favor de Áurea Carolina. O vídeo publicado nas redes de Áurea Carolina conta, hoje¹¹⁷, com mais de dezesseis mil visualizações. Nele, o cantor diz:

[...] Só para mandar aquele salve para a minha irmã Áurea Carolina, firmeza? BH, nesse domingo, tem a chance de fazer história e, pela primeira vez, ter uma prefeita.

[...] BH, vamos colocar na prefeitura alguém que é sensível, capaz, competente e honesta, firmeza?¹¹⁸

No mesmo dia, a atriz Bárbara Colen tem o seu vídeo de apoio publicado nas redes sociais de Áurea Carolina. Em suas palavras:

[...] Ter uma candidata como a Áurea é um verdadeiro alento, nesse momento político que a gente tá vivendo. Porque a Áurea é uma pessoa real, uma pessoa que se importa com os outros, uma pessoa que se importa com a cidade, se importa com uma efetiva mudança na sociedade.

Áurea é uma mulher. Uma mulher negra que tem toda uma trajetória de vida muito vinculada à luta social. Então, tudo que está presente na candidatura dela, né, no projeto de governo dela são pautas que, pra ela, são pessoais¹¹⁹.

Quando outros personagens falam sobre Áurea, as suas características pessoais relativas a sua vivência, ao seu modo de agir, ao seu modo de olhar para a coisa pública parecem emergir e tomar protagonismo, talvez, mais ainda do que quando ela mesma diz de si e de sua história. As características pessoais e até genealógicas da candidata e as condições socioculturais registradas em sua caminhada política são colocadas sobre a mesa como características que a credenciam a assumir o cargo de prefeita de Belo Horizonte.

As posições de mulher, mulher negra, membro de movimentos sociais e membro político de um movimento progressista de enfrentamento ao governo federal instituído lhe são

¹¹⁶ Item V09 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 25 de outubro de 2020.

¹¹⁷ Sessão redigida em 29 de abril de 2022.

¹¹⁸ Item V30 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 12 de novembro de 2020.

¹¹⁹ Item V31 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 12 de novembro de 2020.

atribuídas e revelam o contexto político da disputa eleitoral. Nesse sentido, os personagens que falam de Áurea, parecem falar da cena e de como a candidata está inserida e posicionada. É forçoso registrar que os pontos propositivos, ora muito presentes nas redes, peças e conteúdos de Áurea, no entanto, foram deixados de lado. Nenhum de seus apoiadores mencionou, por exemplo, qualquer uma de suas propostas que, conforme expostas, eram variadas.

Esta constatação parece, aqui, apontar para a importância ou hipertrofia dos valores e papéis sociais atribuídos a Áurea, tanto positiva quanto negativamente. Será precisamente este o objeto de nossa análise na próxima sessão. Partimos, pois, em busca da resposta para a questão: quais os valores e papéis sociais atribuídos a Áurea e, em que medida, estes revelam uma amarga e preconceituosa realidade eleitoral?

4.3 - Valores e papéis sociais

A partir dos eixos analíticos apresentados, uma pergunta parece apontar o sentido das disputas de significados que contribuem para a construção da imagem pública de Áurea Carolina: Qual é o lugar da mulher na política? Diante das análises, é preciso constatar uma evidente tensão entre as representações midiáticas da candidata, os relatos de seus posicionamentos, biografia e ações, os espaços midiáticos que a ela são dedicados e aquilo que a candidata diz de si, como se posiciona e os papéis que assume.

Observamos um claro desencontro entre uma candidatura que se mostra permanentemente enérgica, pulsante, ativista, mobilizadora e, principalmente, propositiva e um retrato midiático pasteurizado e minimizador. A mãe, mulher negra, periférica que se coloca como alternativa a 47 antecessores¹²⁰, homens e brancos, é tratada pelos veículos midiáticos na condição de coadjuvante e diminuída em sua possibilidade de representação, na medida em que, suas ações, propostas e ideias para a cidade não encontram espaço de visibilidade na cena pública¹²¹.

Quando o único veículo que noticia seu movimento em direção à prefeitura de Belo Horizonte registra que Áurea Carolina havia “voltado atrás”, já faz o seu juízo de valor¹²². O jornalista vai além e aponta que, em oportunidades anteriores, a deputada teria declarado que a gestação recente poderia impactar na campanha. Os papéis sociais de mãe e mulher aparecem, então, como obstáculo para a representação política. Sem dizer explicitamente, o

¹²⁰ Item V27 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 10 de novembro de 2020.

¹²¹ Item R19 do Quadro 4. CASTRO, Portal G1, 27 de setembro de 2020, online.

¹²² Item R02 do Quadro 1. MURATORI, Estado de Minas, 16 de junho de 2020, online.

jornalista sugere que Áurea não só terá dificuldades para fazer campanha em função de ter sido mãe há pouco, mas já sugere que este possa ser um problema para a possível gestão.

Em um movimento político perspicaz, Áurea Carolina e sua equipe segmentam o eleitorado e direcionam os seus discursos. Apesar de conhecidas as menores possibilidades de eleição, em função de ser o então prefeito Alexandre Kalil o favorito à reeleição segundo as pesquisas de opinião¹²³, ainda haveria uma parte do eleitorado profundamente identificada com a trajetória e os valores mobilizados pela campanha de Áurea. Assim, mulheres, pessoas negras, pessoas de origem periférica, aqueles que buscam por mudança, jovens e idealistas tornaram-se então o alvo de suas ações de comunicação. Sobre esta necessidade de convocar para a ação, bell hooks registra:

As mulheres negras com o “outro” não institucionalizado que pode discriminar, explorar ou oprimir muitas vezes têm uma experiência vivida que desafia diretamente a estrutura social classista, sexista, racista dominante e sua ideologia concomitante. Esta experiência vivida pode moldar a nossa consciência de tal forma que nossa visão de mundo difere daqueles que têm um grau de privilégio (entretanto, relativo dentro do sistema existente). É essencial para a luta feminista continuada que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que nossa marginalidade nos dá e fazer uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista, e sexista dominante, bem como para imaginar e criar uma contra-hegemonia. Eu estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e práxis libertadora feminista é uma responsabilidade coletiva que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora, uma crítica que às vezes é dura e implacável, eu não tento diminuir a luta feminista, mas para enriquecê-la, para compartilhar o trabalho de fazer uma ideologia libertadora e um movimento libertador. (hooks, 2015, p. 210).

Apesar de falar para toda cidade, Áurea busca, tal como sugere hooks, se conectar com um eleitorado mais progressista e carente e mostra, com base em narrativas de suas experiências de vida, como atuaria caso fosse eleita a primeira mulher negra prefeita de Belo Horizonte. Dessa forma, trabalha para mobilizá-los a agir.

Áurea Carolina expõe sua imagem e mostra a correspondência de sua vida com a trajetória de outras pessoas submetidas às mesmas dificuldades e desafios¹²⁴. A opção por prestigiar na narrativa esse aspecto de sua biografia, a saber, sua condição socioeconômica, revela não só traços importantes de sua personalidade, que procurou elevar durante a

¹²³ Itens R20, R21, R22, R23, R24, R25, R26 e R27 do Quadro 4. REDAÇÃO, Portal G1, 11 de novembro de 2020, online; REDAÇÃO, Portal G1, 14 de novembro de 2020, online; REDAÇÃO, Portal G1, 14 de novembro de 2020, online; HERDY, O Globo, 14 de novembro de 2020; REDAÇÃO, O Tempo, 14 de novembro de 2020; LOPES, Poder 360, 14 de novembro de 2020; REDAÇÃO, Poder 360, 14 de novembro de 2020.

¹²⁴ Itens V01, V02, V05, V07, V10, V15, V19 e V29 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de agosto de 2020; __, 12 de outubro; __, 20 de outubro; __, 23 de outubro; __, 27 de outubro; __, 5 de novembro; __, 6 de novembro; __, 11 de novembro.

campanha, mas uma maneira de fazer política. Áurea registra em suas peças de campanha que olhará para os menos favorecidos, que implantará políticas públicas da periferia para o centro, que começará pelas comunidades¹²⁵. Assim, antecipa suas possíveis ações como gestora, mostrando sua forma interseccional de olhar para o mundo, para a desigualdade social, para as opressões sobrepostas a que estão submetidos vários cidadãos marginalizados e esquecidos pela política institucional. Ao falar sobre economia, a apresentadora do programa de Áurea Carolina diz:

Não é possível que ainda tem gente que passe fome em nossa cidade. Pagar as contas básicas para sobreviver é um direito de todos. Por isso, nosso governo vai apoiar os mais pobres com o Renda Solidária, que garanta que nenhuma família da cidade receba menos de seiscentos reais por mês. Uma garantia de dignidade que a prefeitura pode e vai oferecer¹²⁶.

O impacto da pandemia da Covid-19 na campanha, para além do número de pessoas hospitalizadas, diminuição da circulação de pessoas e mudanças socioeconômicas, também pode ser visualmente constatado quando analisadas as imagens em off dos vídeos de campanha. Ao circular por Belo Horizonte, cumprimentar eleitores e realizar o que se chama em campanhas de estratégia corpo-a-corpo, Áurea é vista de máscara e face-shield¹²⁷, equipamentos que, embora utilizados para sua proteção e dos demais com os quais teve contato, representam uma importante barreira visual entre o candidato e o eleitor, não permitindo que sorrisos e outras expressões faciais sejam comunicadas.

Além das dificuldades impostas pela pandemia, Áurea, claramente, precisou enfrentar os obstáculos colocados pela agenda midiática. Os caminhos discursivos analisados quando avaliamos a cobertura midiática e a estratégia de campanha de Áurea Carolina diferem em sua gênese. Apesar de ser a natureza de uma campanha política, logicamente, distinta da natureza do fazer jornalístico, da cobertura dos acontecimentos, espera-se que o jornalismo narre os fatos e exerça com imparcialidade a sua função, oferecendo, na medida do possível, igualdade de condições de exposição para todos os atores envolvidos no processo comunicacional. Isonomia e imparcialidade são ainda mais fundamentais quando o objeto da notícia é política, sobretudo, em momentos eleitorais.

Quando Áurea Carolina fala de si e de sua candidatura, em seu site ou nas redes sociais e quando atua politicamente, deixa clara sua intenção. Quer mudar o fazer político em Belo Horizonte. Para tanto, aponta ser necessário um direcionamento de olhar e da presença

¹²⁵ Itens V16, V25 e V26 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 5 de novembro de 2020; __, 10 de novembro de 2020; __, 10 de novembro de 2020.

¹²⁶ Item V20 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 8 de novembro de 2020.

¹²⁷ Protetor facial e para os olhos que funciona como equipamento de proteção individual, tendo sido largamente utilizado ao redor do mundo para contenção do contágio da Covid-19.

do poder público para as regiões periféricas e mais carentes dos serviços oferecidos pela prefeitura. Áurea Carolina apresenta propostas práticas. Diz como e o que será feito na hipótese de ser eleita.

O material analisado revela serem doze os vídeos classificados como propositivos¹²⁸. Em segundo lugar, a campanha apresenta oito peças biográficas¹²⁹, sendo possível identificar, também nelas, propostas laterais. Áurea Carolina constrói sua narrativa de maneira a evidenciar o caráter propositivo de sua campanha, assumindo assim o papel de gestora preparada para governar, de personagem política que tem ideias relevantes. Assim, apresenta um plano para a cidade e pretende que seja desta maneira observada.

Para além dos papéis sociais de mãe, mulher, mulher negra e pessoa periférica que lhe são atribuídos e, em algumas ocasiões, assumidos por ela, a candidata claramente direciona a sua campanha para o campo pragmático. Apesar de contar a sua história e trazê-la como pano de fundo sobre o qual se desenrolam, ou melhor, se conectam as propostas direcionadas aos públicos marginalizados e oprimidos, Áurea desenha uma verdadeira e possível colcha de proteção social e a apresenta em formato de pequenos vídeos.

Ao contar a sua história e evidenciar suas lutas, Áurea Carolina realiza um recorte interseccional e participa a todos da condição da mulher na sociedade brasileira. Mais especialmente, denuncia a tentativa permanente de diminuir a mulher, sobretudo a mulher negra, e reservar para ela a posição de coadjuvante no cenário político. Neste caminho, Áurea faz aparecer seu brilho, sua luta, sua força, a despeito das tentativas frequentes de apagamento e deslegitimação de sua posição e sua história por grande parte da cobertura midiática analisada.

Áurea buscou, a todo momento, se associar a importantes valores, tais como, humildade e senso de justiça, dados por sua condição biográfica; solidariedade e empatia, quando se coloca no lugar do outro e estende a mão a ele; respeito e igualdade, quando propõe a construção de uma cidade inclusiva, para todos e socialmente justa; e, por fim, coragem e perseverança, no sentido de lutar contra um sistema machista, misógino, dominado por homens, construído por eles e para eles. Tais valores foram constantemente mobilizados no

¹²⁸ Itens V11, V13, V14, V16, V17, V18, V20, V21, V22, V23, V25 e V32 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de outubro de 2020; __, 4 de novembro de 2020; __, 4 de novembro de 2020; __, 5 de novembro de 2020; __, 5 de novembro de 2020; __, 6 de novembro de 2020; __, 8 de novembro de 2020; __, 9 de novembro de 2020; __, 9 de novembro de 2020; __, 9 de novembro de 2020; __, 10 de novembro de 2020; __, 12 de novembro de 2020.

¹²⁹ Itens V01, V02, V05, V07, V10, V15, V19 e V29 do Quadro 5. SILVA, Áurea. Instagram: @aureacarolina. 27 de outubro de 2020; __, 12 de outubro de 2020; __, 20 de outubro de 2020; 23 de outubro de 2020; __, 27 de outubro de 2020; __, 5 de novembro de 2020; __, 6 de novembro de 2020; __, 11 de novembro de 2020.

período eleitoral, não só quando a candidata falou e agiu, mas quando elegeu aqueles que falariam sobre ela nas redes oficiais da campanha. Em ambos os casos, emergiram os valores destacados que se somaram às demais representações e disputas simbólicas no processo de edificação de sua face pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2018, apresentei uma primeira versão do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação. Naquela oportunidade, minha visão em relação à comunicação e, mais propriamente, à comunicação política estava restrita aos meus conhecimentos no campo do marketing político. Àquela altura, eu havia trabalhado nove anos com campanhas eleitorais, mandatos e estruturas de administração pública e representação política.

O meu objetivo era investigar os motivos pelos quais Áurea Carolina havia sido eleita, com larga margem de votos, nas eleições de 2016, estabelecendo o recorde como a mulher mais bem votada da história da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Minha experiência em comunicação sugeria não ser possível realizar uma campanha naqueles moldes e obter a votação que a vereadora e seus companheiros do Coletivo Muitas apresentaram nas urnas. Sabendo que a parlamentar seria candidata em 2018 a deputada federal, acreditava que uma análise do fenômeno comunicacional pudesse investigar estratégias e revelar os mecanismos pelos quais o sucesso teria sido possível. Naquele ano, Áurea tornou-se a deputada federal majoritária da cidade de Belo Horizonte, tendo recebido, mais uma vez, uma estrondosa votação.

Apesar de não ter sido aprovado na primeira tentativa, submeti novamente o projeto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, realizando, no entanto, substanciais alterações. Na seleção de 2019, antecipei à banca examinadora que Áurea Carolina poderia ser candidata à prefeitura de Belo Horizonte em 2020. A proposta de analisar a construção de sua imagem pública nas eleições de 2016 e 2018 foi, então, aprovada.

O ano de 2020 foi marcado pela eclosão e desencadeamento da pandemia da Covid-19 que, como registramos, alterou de forma substancial as interações sociais, econômicas, culturais, pessoais e, naturalmente, o desenvolvimento de pesquisas por todo o mundo. Em 17 de março, participei da primeira e única aula presencial do mestrado. Ministrada pela Prof. Dra. Ângela Marques, a aula fez com que os novos ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado do PPGCOM-UFMG fossem reunidos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH).

A partir dali, o contexto da pandemia da Covid-19 impôs novas condições, não só ao meu projeto, mas aos de milhares de pesquisadores país afora. Instituída como orientadora desta pesquisa, a Profa. Dra. Fábiana Lima viu-se mergulhada em uma nova, perturbadora e exaustiva rotina. Além das atividades de ensino, pesquisa, extensão e orientações como esta,

Fábia acumulava, à época, a função de Coordenadora do Centro de Comunicação (CEDECOM-UFMG).

A chegada da Covid-19 na UFMG exigiu adaptações de todos, mas, sobretudo, uma ação coordenada e eficaz de sua reitoria para que as atividades pudessem ser realizadas de forma virtual. Garantir que quase cinquenta mil alunos estivessem conectados foi uma tarefa desafiadora. Comunicar as ações, medidas, passos e decisões à comunidade acadêmica exigiu da Dra. Fábia e de sua equipe uma maior dedicação, motivo pelo qual a orientação deste projeto foi alterada em 26 de julho de 2020.

Em meados de 2020, a Dra. Paula Simões assumiu, generosamente, a orientação desta pesquisa, motivo pelo qual foram necessárias alterações de escopo que modificariam a maneira pela qual eu encararia o objeto de pesquisa. Se antes meu interesse estava direcionado à análise da interação entre Áurea Carolina e os públicos que orbitavam as campanhas eleitorais, em função da orientação atribuída à Fábia Lima e minha proximidade com o Grupo de Pesquisa Mobiliza, agora, eu tornaria a encarar o objeto de pesquisa pela orientação metodológica apresentada no projeto original, ou seja, pelo viés da análise de formação da imagem pública.

A mudança de orientação e todas as demais mudanças que se impuseram em função da disseminação da Covid-19 no Brasil me convidaram a observar o objeto de pesquisa mais uma vez e, neste momento, já havia Áurea Carolina lançado sua pré-candidatura à prefeitura de Belo Horizonte. Nesse contexto, propus uma análise da formação da imagem pública de Áurea Carolina durante as eleições de 2020, ou seja, no processo eleitoral que ocorreria simultâneo ao desenvolvimento deste trabalho. Minha proposta foi aceita por Paula Simões e, a partir de então, trabalhamos nesse desafio.

Ao passo em que a pandemia se agravava e as eleições se aproximavam, observei se desenrolar diante de todos nós a dura realidade que configurou a estrutura básica dessa análise. Acompanhamos de perto a luta de profissionais da saúde, a negligência de alguns e o empenho de outros representantes públicos na adoção de estratégias para conter a doença, a alteração das nossas relações com a realização de aulas, reuniões, encontros e eventos online e, por fim, o sofrimento de milhares famílias que perderam seus entes queridos no Brasil e no mundo. As estruturas de opressões sobrepostas que antes eu conhecia no ambiente político e que, de alguma forma, faziam parte das minhas inquietações mostraram-se ainda mais latentes no contexto da pandemia.

Neste turbulento contexto, esta dissertação foi pensada e estas linhas tomaram forma. Em meio aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19 às instituições, aos pesquisadores e à ciência em geral, escrevemos esta análise orientada por três principais conceitos:

1. Acontecimento, que apresenta a nossa compreensão da pandemia do novo Coronavírus como um evento de caráter inaugural, que instaura tanto mundial, quanto localmente, uma nova fase a partir de sua ocorrência;
2. Imagem Pública, operador a partir do qual analisamos discursos e ações de Áurea Carolina; discursos e ações de terceiros, incluindo os midiáticos; valores e papéis sociais, assim como disputas simbólicas;
3. Interseccionalidade, que permite observar os desafios impostos pela pandemia da Covid-19 e pela desigualdade do sistema político-eleitoral brasileiro às pessoas que enfrentam diariamente opressões sobrepostas em função de sua condição socioeconômica e de aspectos socioculturais.

Entender a pandemia como um acontecimento é, antes de tudo, reconhecer seu caráter inaugural, ou seja, entendê-la como um evento que irrompe na experiência e causa uma ruptura dos processos e das relações sociais, econômicas, culturais e pessoais (QUERÈ, 2000; SIMÕES, 2014; FRANÇA, 2017). Para além, é reconhecê-la a partir do seu caráter de dupla afetação (SIMÕES, 2012). A pandemia afetou os sujeitos e ao mesmo tempo foi afetada por eles. Observamos os seus processos de evolução e retração, que modificaram em diversas localidades as nossas relações, a partir da adesão ou não das pessoas às medidas de distanciamento social, proteção individual ou isolamento.

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos o grave contexto da pandemia da Covid-19, de maneira a explicitar três importantes nuances: o vírus SARS-Cov-2, como ele se alastrou pelo mundo e o seu poder letal; como estava o contexto e como nos preparamos para as eleições municipais em Belo Horizonte; o conceito de *acontecimento* e como interpretamos as eleições, realizadas em meio a pandemia da Covid-19, a partir do mesmo; e o conceito de *interseccionalidade*, que mostrou-se essencial para a análise da sobreposição de opressões experimentadas por diversas pessoas, não só no contexto eleitoral, mas no contexto da pandemia.

No segundo capítulo, apresentamos o conceito de *imagem pública*, exploramos as pesquisas desenvolvidas até aqui no campo do estudo de imagens públicas e, principalmente, os trabalhos que apresentaram estudos de imagens públicas de personagens políticos.

Trabalhamos no terceiro capítulo, a construção do percurso metodológico, a partir da coleta de dados, sua organização e sistematização e a consolidação das categorias de análise. No primeiro momento, coletamos os dados em períodos de tempo, os quais denominamos invisibimicro-acontecimentos, inseridos no contexto da pandemia e da realização do pleito eleitoral, realizando a busca em apenas cinco veículos de notícias. Os dados colhidos mostraram-se insuficientes, motivo pelo qual, ampliamos o escopo da busca, direcionando-a a todas as plataformas online que houvessem mencionado Áurea Carolina. Encontramos suficientes unidades de análise que foram organizadas e categorizadas.

Em um segundo momento, buscando perceber as maneiras pelas quais a candidata se colocava, agia e falava de si, direcionamos o nosso olhar para as suas redes sociais particulares. Selecionamos em sua principal rede, aquela que apresentava melhores índices de alcance e engajamento, os vídeos de campanha publicados durante o período eleitoral. Também os organizamos e categorizamos.

Em posse dos conceitos mobilizados nos dois primeiros e dos dados sistematizados e organizados no terceiro capítulo, partimos para a análise do processo de formação da imagem pública de Áurea Carolina, realizada no quarto capítulo. Em primeiro lugar, organizamos os materiais em quadros expositivos de maneira a facilitar a leitura. Então, procedemos a análise em três momentos fundamentais: Áurea Carolina por si - como a candidata fala de si e discursa sobre suas ideias e propostas, ou como outros agentes, destacados por Áurea, falam por ela nas redes oficiais da campanha; Áurea Carolina segundo a mídia - como os veículos retrataram e reportaram as ações e discursos da candidata; Valores e papéis sociais - quais os valores e papéis atribuídos ou assumidos e incorporados pela candidata.

A análise da formação da imagem pública de Áurea revelou um importante contraste entre a forma pela qual a candidata se coloca, como fala de si, os papéis que assume e os valores que mobiliza e a forma como é representada pelos veículos midiáticos. Os espaços midiáticos reservados à candidata não permitem que a mesma se apresente da forma como faz nas suas redes sociais. Apesar da imprescindível distinção entre o material veiculado por quaisquer campanhas políticas e aqueles veiculados por veículos de imprensa, resta claro o verdadeiro abismo quando comparados os conteúdos apresentados pela equipe de campanha e pela mídia em geral. Esta constatação revelou a sórdida, machista e misógina realidade da cobertura midiática de figuras femininas em contexto político no Brasil, as quais, são comumente invisibilizadas ou marginalizadas, ou seja, associadas a temas de menor prestígio (BIROLI, 2009).

Ao mesmo passo em que essa vívida, pulsante, propositiva e inteligente campanha se desenrolou nas redes sociais, o contexto midiático revelou outra vertente da disputa, a cobertura não foi de ideias, mas, majoritariamente, sobre intenção de votos. Isso ocorreu, em grande parte, em função do crescimento do valor dado a pesquisas eleitorais nas campanhas brasileiras. Essa realidade é relatada por Alberto Almeida. Segundo ele:

“os resultados das pesquisas exercem forte impacto sobre o ânimo e o moral das campanhas eleitorais – na capacidade de arrecadar recursos financeiros para a campanha – e sobre a cobertura da mídia. Quando os resultados são favoráveis, o quartel-general da campanha aumenta os esforços de caça aos votos, obtém mais recursos financeiros e consegue mobilizar mais adeptos voluntários. O exato oposto ocorre quando os resultados são desfavoráveis. Esses dois impactos opostos acabam influenciando a eficiência das campanhas e, conseqüentemente, a disposição do eleitor de votar neste ou naquele candidato. Além disso, os candidatos mais bem posicionados recebem mais dinheiro e uma cobertura da mídia mais ampla”. (ALMEIDA, 2002, p.26).

Os materiais coletados evidenciam a clara discrepância entre o quantitativo de reportagens, entrevistas, artigos e afins sobre a conjuntura macro-política da campanha e o quantitativo de materiais sobre as pesquisas e resultados eleitorais. Apesar de serem apenas três as datas correspondentes a períodos de divulgação de pesquisas, em todo o universo das dez datas pré-selecionadas como os micro-acontecimentos analisados, a coleta registrou dezoito amostras do primeiro tipo e quinze do segundo. Ou seja, embora os períodos correspondentes às datas de divulgação de pesquisas fossem apenas 30% do total, o conjunto da amostra registrou 46,8% de ocorrências ligadas à pesquisas ou aos resultados das eleições. Observa-se, portanto, um interesse ligeiramente superior dos meios de comunicação pelas divulgações de pesquisas e seus resultados.

É possível afirmar que, enquanto Áurea Carolina edificava uma fachada visível apoiando-se na apresentação de propostas e investindo na sua ligação biográfica com a realidade do seu eleitorado, os meios de comunicação, em geral, sublimaram essa perspectiva e concentraram esforços na divulgação dos aspectos pragmáticos do pleito, ou melhor, nos números e nas flutuações de intenções de votos. Indo além, os meios de comunicação não ofereceram alternativas para a exposição mais clara de ideias e para o encontro e debate de propostas, mesmo no contexto da pandemia da Covid-19, ou seja, mesmo quando viram crescer sua importância na ligação entre candidatos e eleitores e na manutenção do processo democrático.

Na construção da imagem pública de Áurea Carolina durante as eleições de 2020, não é possível dissociar os interesses políticos e econômicos dos discursos apresentados pelos veículos de comunicação. É natural que influências políticas e econômicas interfiram nos processos eleitorais. O que se registrou, no entanto, foi uma verdadeira sublimação da candidata por parte dos grupos midiáticos, quando comparados os discursos destes com aqueles proferidos a partir das redes sociais de Áurea.

A pesquisa demonstrou como, apesar de ter sido a segunda vereadora mulher mais bem votada da história de Belo Horizonte, ser a deputada federal majoritária da cidade e de construir e submeter aos eleitores uma campanha majoritariamente organizada em torno de propostas e ideias para o futuro da cidade, Áurea Carolina não mereceu destaque nos espaços da arena midiática. Ao contrário, nas poucas oportunidades em que foi objeto de matérias, Áurea apareceu como figura coadjuvante no processo eleitoral.

Outro importante aspecto observado na análise mostra o pequeno contraste entre os discursos da própria candidata e dos apresentadores de seu programa eleitoral e os discursos proferidos por seus apoiadores. Apesar de ter uma estratégia comunicacional organizada de maneira a expor propostas a partir da apresentação de sua biografia, Áurea Carolina dá também lugar central às ideias na campanha. O apelo histórico, sociológico e antropológico das peças apresentadas em sua rede social é inegável na medida em que se fala a todo momento das suas experiências enquanto cidadã belorizontina para evidenciar sua identificação com o povo. Entretanto, são as propostas a espinha dorsal que sustentam a campanha do início ao fim.

Ao falar de si, Áurea se posiciona enquanto aquela que vai modificar a forma de fazer política, instituindo os programas, planos de trabalho e as ideias que são apresentados durante a campanha. Reivindica para si o papel de gestora, de política propositiva. Todavia, quando entram em cena as personalidades artísticas e políticas, ou seja, as celebridades que a apoiam, em seus discursos são atribuídos exclusivamente os papéis de mulher, negra, mãe, pessoa periférica e são estas as credenciais apresentadas para referendá-la.

As evidentes disputas simbólicas que emergem dos materiais analisados nos permitem afirmar que o processo de construção de imagens públicas é complexo e atravessado por diversos discursos que produzem representações, que contribuem para a sua consolidação (GOMES, 2004; SIMÕES, 2009; WEBER, 2004). São assim construídas a partir de diversos pontos de vista e orientadas por interesses econômicos, sociais ou políticos que se digladiam e lutam por espaços constantemente. Esse processo associado ao contexto político eleitoral exige que levemos em consideração ainda os processos de opressão a que estão submetidos os

grupos marginalizados em função das estruturas político-partidárias e da legislação brasileira, a saber: mulheres, jovens, pessoas negras, pessoas deficientes e pessoas LGBTQIA+, por exemplo.

Em abril de 2022, pouco mais de dois anos após a eclosão da pandemia em solo brasileiro, seus impactos ainda são sentidos entre nós. Apesar de termos regressado, há pouco, aos ambientes abertos sem a obrigação do uso de máscaras e podermos novamente estabelecer contato físico com outras pessoas, em função da ampla vacinação da população, ainda observamos empresas e lojas fechadas no comércio, necessidade do uso da máscara em locais fechados, pessoas que ainda precisam se vacinar¹³⁰, famílias enlutadas pela morte de mais de seiscentos mil brasileiros e, especialmente, um cenário político polarizado entre apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (responsável por boa parte da catástrofe brasileira no enfrentamento da pandemia) e apoiadores do ex-presidente Lula (principal opositor político), que disputarão as eleições em outubro.

Caminhamos, hoje¹³¹, para o processo eleitoral presidencial que se desenha até aqui como um espelho da política nacional. Apenas uma mulher figura entre os prováveis candidatos à presidência. A senadora Simone Tebet (MDB), no entanto, pontua em, no máximo, 2% de intenção de votos em todas as pesquisas eleitorais realizadas¹³². A política brasileira, passados dois anos desde o período recortado para esta análise, permanece um espaço masculino, construído por homens e para os homens.

O contexto atual aponta para a realização de mais um processo eleitoral, em 2022, sem pluralidade e a presença feminina. Essa realidade é reforçada e alimentada pela divulgação, repercussão e midiaticização de candidatos masculinos e majoritariamente brancos, como apontado por Birolli (2010) e referendado por esta análise. A dominação da arena pública por este minoritário grupo – a saber: homens, brancos, héteros e de meia idade – mostra-se fruto não só de escolhas legitimamente democráticas, mas de um processo de conformação de interesses e legitimação do status quo, construído por este mesmo grupo, por corporações e

¹³⁰ O mapa da vacina, criado e mantido por empresas de comunicação brasileiras mostra que, até o dia 14 de abril de 2022, 176.424.885 pessoas haviam tomado a 1ª dose da vacina (82,12% da população), 162.579.869 pessoas haviam tomado a 2ª dose da vacina (75,68% da população) e 83.024.537 pessoas haviam tomado a dose de reforço (38,65% da população). Este pesquisador se inclui no terceiro grupo.

¹³¹ Trecho escrito em maio de 2022.

¹³² As mais recentes pesquisas eleitorais foram realizadas por XP/IPESPE e Genial/Quaest, portanto encomendadas por instituições financeiras, com naturais interesses econômicos. As pesquisas foram divulgadas pela Rede CNN e estão disponíveis. XP/IPESPE: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pesquisa-ipespe-lula-tem-44-bolsonaro-30-ciro-9-doria-3-tebet-2-janones-1/>; Genial/Quaest: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quaest-genial-lula-tem-44-bolsonaro-29-moro-6-ciro-5-janones-3-doria-1-tebet-1/>

instituições interessadas na manutenção dos atores, estimulado pela mídia e, visivelmente aceito pelo colégio eleitoral de maneira passiva e permissiva.

Esta análise revelou importantes traços da imagem pública de Áurea Carolina que, conforme defendido longamente, foi atravessada por diversos discursos, disputas simbólicas e de significados que fizeram emergir representações da mesma. As tensões originadas quando conflitadas as ações e os discursos da candidata, de seus apoiadores e as suas representações midiáticas, conformaram uma imagem pública complexa. Apesar de minimizada, marginalizada e preterida no contexto midiático, a candidata conseguiu atrelar a sua imagem a valores importantes tais como a humildade, o senso de justiça, a solidariedade, a empatia, o respeito, a igualdade, a coragem e a perseverança. Além disso, assumiu importantes papéis sociais como mulher, negra, mãe, periférica e representante de grupos minorizados.

O esforço discursivo de Áurea Carolina lhe rendeu 103.115 votos em Belo Horizonte¹³³. Na oportunidade, foi, mais uma vez, a mulher mais bem votada do pleito. Apesar de sugerir um decréscimo de votos em relação à sua votação de 2018¹³⁴, a análise quantitativa revela que, naquela eleição, a candidata havia somado 79.290 votos na capital, ou seja, sua imagem foi mais exposta e seus eleitores cresceram no âmbito do município.

O resultado desta análise permitiu uma conclusão forte que não deve ser negligenciada. Ainda que o contexto da pandemia da Covid-19 não tenha alterado de maneira substancial o cálculo eleitoral e o desenvolvimento das campanhas, mesmo levando-se em conta os muitos obstáculos, este foi responsável por reforçar os importantes traços da imagem de Áurea Carolina que convergem com os das populações mais afetadas pelo fenômeno. Nesse contexto, sua campanha foi, pelos veículos de comunicação, sumariamente ignorada e deixada de lado.

Ainda que figuras públicas importantes como Áurea Carolina tenham feito e façam permanentemente frente ao patriarcado, à masculinização da política e ao racismo estrutural, os desafios impostos por esta dura realidade ainda são enormes. Nos últimos três processos eleitorais, 2016, 2018 e 2020, Áurea contribuiu para a atenuação do abismo entre mulheres e homens no contexto eleitoral, acumulando sucessivas vitórias e recordes pessoais. Sua imagem pública foi, mais uma vez, acrescida de significados. Pelo fato de ser ainda muito jovem e poder contribuir ainda mais para a política nacional, é de se esperar que, em outras oportunidades eleitorais, Áurea se coloque à disposição e, então, agregue a sua imagem pública mais algumas camadas de sentidos.

¹³³ Dados oficiais do TRE-MG. Disponíveis em: <https://www.tre-mg.jus.br/>

¹³⁴ Em 2018, Áurea Carolina foi eleita deputada federal, somando 162.740 votos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. B. de. Imprensa e eleições de 1989: razão e sedução na opinião das elites. Tese (Doutorado). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 1993, 340 p.
- ALMEIDA, A. C. Como são feitas as Pesquisas Eleitorais e de Opinião. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2002.
- AMORIM, M. S. S. de. Collor: um caso de marketing político: análise da relação mídia e democracia no processo eleitoral de 1989. Dissertação (Mestrado). São Paulo, PUC-SP, 1998.
- ANDRADE, M. V.; NORONHA, K.; TURRA, C. M. ; GUEDES, G.; CIMINI, F.; RIBEIRO, L. C.; BERNARDES, A. T.; Domingues, E. ; RIBEIRO, M. M.; BOTEGA, L. de A.; CARVALHO, L. R. de; NOGUEIRA, D.; CALAZANS, J. A.; JULIÃO, N. A.; SOUZA, A. de; SILVA, V. A.; LIMA, V. H.; ANDRADE, J. P.; FERREIRA, M. F.; SANTOS, R. O. dos; SILVA, J. A. da. Os primeiros 80 dias da pandemia da COVID-19 em Belo Horizonte: da contenção à flexibilização. Nova Economia (UFMG), v. 30, p. 701-737, 2020.
- BATISTA, A; ANTUNES, B; FAVERET, G; PERES, I; MARCHESI, J; CUNHA, J. P; DANTAS, L; BASTOS, L; CARRILHO, L; AGUILAR, S; BAIÃO, F; MAÇAIRA, P; HAMACHER, S; BOZZA, F. Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil. Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS) - Nota Técnica 11 – 27/05/2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tSU7mV4OPnLRFMMY47JIXZgzkklvkydO/view>
- BAPTISTA, E. A. Mídia e política: A construção da candidatura de Aécio Neves como presidenciável em 2010. 2011. 159f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- BAPTISTA, É. A.; PASSOS, M. R. Imagem Pública Política: o Último Populismo de Chávez. Revista Debates, v. 8, n. 1, p. 55-79.
- BIRMAN, J. O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BIROLI, F. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 90 | 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21726/1/ARTIGO_MulheresPoliticaNoticiasEstereotipos.pdf
- BIROLI, F. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso) , v. 34, p. 269-299, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/HgrSHSrY5xLSQGB3WSjv8cm/abstract/?lang=pt>
- BRITO, S. B. P.; BRAGA, I. O.; CUNHA, C. C.; PALÁCIO, M. A. V.; TAKENAMIL, I. Pandemia Da COVID-19: O Maior Desafio Do século XXI. Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science &

Technology) – *Visa em Debate* 8, no. 2 (abril 28, 2020): 54-63. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1103209/2020_p-028.pdf

BUKOWSKI, D. *Big Bill Thompson: Chicago and the politics of image*. Chicago: University of Illinois Press, 1998.

BURKE, P. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CALLE, J. F. B. Reseña de PUYADAS RUPÉREZ, Vanessa: *Cleopatra VII: la creación de una imagen. Representación pública y legitimación política en la Antigüedad*. Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016, 361 págs. Arenal. *Revista de historia de las mujeres*, v. 23, n. 2, p. 477-494, 2016.

CALIL, G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. In: *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 140, p. 30-47, jan./abr. 2021.

CAMPOS, V. Cloroquina: a “fórmula mágica” para acabar com a Covid- 19? In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; SILVA, Terezinha; SOUZA, Fabíola; SILVEIRA, Samuel. (Orgs.). *Diário da Quarentena: a pandemia de COVID-19 como acontecimento*. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v. 1, p. 191-192.

CAMPOS FILHO, R. P. A peste, a gripe espanhola e a covid19 – geografizando as pandemias pelo mundo. *Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu*, v.9, n.1, e 912014, jan./jun. 2020.

CASTANHO, M. A. F. da S. *O processo Eleitoral na Era da Internet: As novas tecnologias e o exercício da cidadania*. Tese de doutorado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

CUNNINGHAM, N. *The image of Thomas Jefferson in the public eye*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1981.

DOURADO, T. M. S. G. *Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil*. 308 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DUARTE, A. “E daí?” Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil. In: *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 29, n. 46, p. 74-109, July 2020. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/736>.

DUARTE, A. “E daí?” Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil. In: *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.74-109, jan./jun.2020.

FERREIRA, Ricardo Ribeiro. *Desinformação em processos eleitorais um estudo de caso da eleição brasileira de 2018*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação, Universidade de Coimbra, 2019.

FRANÇA, F. T. de. *A dimensão simbólica e midiática da política e a história da dona de casa que virou guerreira : a construção da imagem pública de Wilma de Faria em 2002 e 2006*.

2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

FRANCA, V. R. V.; LOPES, S. C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *MATRIZES*, v. 11, p. 71-87, 2017. Disponível em: <file:///Users/macintosh/Downloads/138820-Texto%20do%20artigo-279469-1-10-20171227.pdf>

GOMES, W. A política da imagem. In: _____. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

GUIMARÃES, C. e VIEIRA, R. A. A. Meios de comunicação de massa e eleições. um experimento brasileiro. In: *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, I (9): 147-158, 1989.

HOOKS, B. Mulheres negras moldando uma teoria feminista. In: *Revista brasileira de Ciência Política*, n.16. Brasília, jan-abr/2015, p. 193-210.

HOOKS, B. Não sou eu uma mulher. *Mulheres negras e feminismo*. 1ª Edição, 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf

INÁCIO, L. A. Entre as ruas e o parlamento: O caso das Muitas e os dilemas dos novos atores políticos do Brasil pós-2013 na construção de uma viabilidade eleitoral. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

KELLNER, D. Celebrity diplomacy, spectacle and Barack Obama. *Celebrity Studies*, v. 1, n. 1, p. 121-123, mar. 2010. <https://doi.org/10.1080/19392390903519156>.

LATTMAN-WELTMAN, F. e outros. *A imprensa faz e desfaz um presidente*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

LIMA, L. A. A construção das imagens públicas de Dilma Rousseff e Michel Temer durante o impeachment de 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LIMA, L. A. ; SIMOES, P. G. . A construção da imagem pública de Dilma Rousseff durante o impeachment: uma análise preliminar. In: 41 encontro anual da Anpocs, 2017, Caxambu. *Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs*, 2017.

Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, ed. 27, seção 1, p. 1, 7 Fev 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>.

LEURQUIN, C.; BERNARDES, M. Coronavírus e política: testando os limites da fidelidade ao bolsonarismo. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; SILVA, Terezinha; SOUZA, Fabiola;

SILVEIRA, Samuel. (Orgs.). *Diário da Quarentena: a pandemia de COVID-19 como acontecimento*. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v. 1, p. 84-86.

LUNA, L.; MAIA, R. A construção da imagem pública e a disputa de sentidos na mídia: Lula em dois momentos. *Media & Jornalismo*, Coimbra, n. 7, p. 95-124, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277126380_A_construcao_da_imagem_publica_e_a_disputa_de_sentidos_na_midia_Lula_em_dois_momentos.

MARQUES, A. L. M.; SORRENTINO, I. S.; RODRIGUES, J. L.; MACHIN, ROSANA. O impacto da Covid-19 em grupos marginalizados: contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política. *Interface*, Botucatu, 2021.

MARTINO, L. M. S. Da lógica da política à lógica da mídia: entre democracia e entretenimento. In: COELHO, C. N P; PERSICHETTI, S. (Orgs.). *Política, mídia e espetáculo*. 1. ed. – São Paulo: Cásper Líbero, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. Mídia e manipulação política no Brasil – a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998. In: *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, VI(2/3):119-138, maio/dezembro de 1999.

OLIVEIRA, L. A. de; LEAL, P. R.; MIRA, G. A construção da imagem de Aécio Neves na disputa presidencial de 2014 sob a perspectiva da cultura da mineiridade. *Razón y Palabra*, v. 19, n. 91, 2015. pp. 568-584.

QUEIROZ, A. C. F.; TAVARES, D. C. “Marketing Político, História e Evolução no Brasil Republicano”. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 31 de maio a 02 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/201cMarketing%20Político-%20Historia%20e%20Evolucao%20no%20Brasil%20Republicano201d.pdf>

RAPS. Rede de Ação Política pela Sustentabilidade. Mandatos coletivos e compartilhados: desafios e possibilidades para a representação legislativa no Século XXI. São Paulo: RAPS/ Arapyaú/Udesc, 2019. Disponível em: https://www.raps.org.br/2020/wp-content/uploads/2019/11/mandatos_v5.pdf

REIS, R. F.; DE MELO QUINTELA, B.; DE OLIVEIRA CAMPOS, J.; GOMES, J. M.; ROCHA, B. M.; LOBOSCO, M.; DOS SANTOS, R. W. Characterization of the COVID-19 pandemic and the impact of uncertainties, mitigation strategies, and underreporting of cases in South Korea, Italy, and Brazil. *CHAOS SOLITONS & FRACTALS*, v. 109888, p. 109888, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0960077920302885>.

RUBIM, Albino. *Mídia, política e eleições brasileiras de 1989 e 1994*. Rio de Janeiro: Compós, 1995.

_____. *Mídia e política no Brasil*. João Pessoa, Editora da UFPb, 1999.

RUEDIGER, M. A. Robôs, redes sociais e política no Brasil: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

RUEDIGER, M. A. Desinformação nas eleições 2018: o debate sobre fake news no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019.

RUSSO, G. A. A explosão de candidaturas coletivas e suas chances eleitorais. CEPESP, 2020. Disponível em: <https://www.cepesp.io/candidaturas-coletivas/>

SANTOS, B. S. A Cruel Pedagogia do Vírus. Boitempo Editorial, São Paulo, Abril de 2020.

SANTOS, M. B. P. dos. Movimentos de renovação política e a participação cívica no Brasil. In: Revista Ponto-e-Vírgula - PUC-SP - No 26 - Segundo Semestre de 2019 - p. 128. Disponível em: <file:///Users/macintosh/Downloads/51522-154463-1-PB.pdf>

DOS SANTOS, M. P. A.; NERY, J. S.; GOES, E. F.; SILVA, A.; DOS SANTOS, A. B. S.; BATISTA, L. E.; DE ARAÚJO, E. M.; População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. Estudos Avançados 34 (99), 2020, p. 225-243. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LnkzjXxJSJfBY9LFH3WMQHv/?lang=pt&format=pdf>

SCHERER-WARREN, I. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. Cadernos CRH. Salvador. Vol. 27, n.71. Mai/Ago 2014. Pp. 417 – 429. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316005218_Manifestacoes_de_rua_no_Brasil_2013_encontros_e_desencontros_na_politica/fulltext/5ae212c3458515c60f680f47/Manifestacoes-de-rua-no-Brasil-2013-encontros-e-desencontros-na-politica.pdf

SECCHI, L ; CAVALHEIRO, R. A; ITO, L. E; PAGANELA, S. F; DA SILVA, W. Q. Mandatos coletivos e compartilhados: inovação na representação legislativa no Brasil e no mundo. Santa Catarina, Fevereiro de 2019. Disponível em: https://arapyau.org.br/wp-content/uploads/2019/05/PUBLICA%C3%87%C3%83O_Mandatos-coletivos-e-compartilhados-inova%C3%A7%C3%A3o-na-representa%C3%A7%C3%A3o-legislativa.pdf

SECCHI, L ; LEAL, L (Coordenadores). As candidaturas coletivas nas eleições municipais de 2020 - análise descritiva e propostas para uma agenda de pesquisa sobre mandatos coletivos no Brasil. Brasília: Editora IABS, 2020.

SERELLE, M.V. Inscrições de Che Guevara. In: FRANÇA, V. R. V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P. G. Celebidades no século XXI: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 159-180.

SIMÕES, P. G. O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012. 283 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

_____. O acontecimento e o campo da comunicação. In: FRANÇA, V. R. V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. C. Teorias da comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas. Salvador: Edufba, 2014. p. 173-195.

_____. A pandemia nos EUA e a tarefa civilizatória das eleições. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; SILVA, Terezinha; SOUZA, Fabíola; SILVEIRA, Samuel. (Orgs.). Diário da Quarentena: a pandemia de COVID-19 como acontecimento. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v. 1, p. 215-217.

_____. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos (UERJ. Impresso), v. 31, p. 64-76, 2009.

SIMÕES, P. G.; FERREIRA, J. S. Acontecimento, celebridade e carisma: uma análise da imagem pública do Papa Francisco. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 10, p. 70-83, 2015.

SIMÕES, P. G.; LIMA, L. A. A construção da imagem pública de Dilma Rousseff durante o impeachment: uma análise preliminar. 2017.

SILVA, C. ; MARQUES, A. C. S. . Estratégias comunicativas para a (des)construção da imagem pública: a política de imagem no contexto de campanhas eleitorais. Em Questão (UFRGS. Impresso) , v. 15, p. 45-63, 2009.

Silva, T., & Simões, P. G. (2021). A imagem pública de Sérgio Moro: Valores em disputa no contexto brasileiro. Revista FAMECOS, 27, e37097. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.37097>

SODRÉ, M. Sobre a episteme comunicacional. Matrizes, São Paulo: USP, ano. 1, n. 1, p. 15-26, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38174/40899>
YAVETZ, Zvi. Julius Caesar and his public image. Thames and Hudson, 1983.

WEBER, M. H. O estatuto da Imagem Pública na disputa política. ECO-Pós, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p.11-26.

TELLES, H. DE S. T.; LOURENÇO, L. C.; STORNI, T. P. L. Eleições sem oposição, alianças sem partidos: o voto para prefeito em Belo Horizonte. In: LAVAREDA, A.; TELLES, H. (Orgs.). Como o eleitor escolhe seu prefeito: campanha e voto nas eleições municipais. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 81-120.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020.